

O FALAR DE MATO GROSSO (BAHIA) — Fonêmica. Aspectos da morfo-sintaxe e do léxico.

Tese apresentada ao Curso-Tronco de Letras Brasileiras da Universidade de Brasília para a obtenção do grau de Mestre em Letras, por

DINAH MARIA MONTENEGRO ISENSEE

Brasília, 14 de dezembro de 1964.

O FALAR DE MATO GROSSO (BAHIA) — Fonêmica. As-
pectos da morfo-sintaxe e do léxico.

f N D I C E

INTRODUÇÃO	págs. I-XIV
I. Fonêmica	págs. 1-41
II. Sistema fonêmico	págs. 42-48
III. Aspectos da morfo-sintaxe	págs. 49-60
IV. Índice de palavras	págs. 61-94
V. Textos cantados	págs. 95-100
VI. Obras utilizadas	págs. 101-105

I N T R O D U Ç Ã O

"Los atlas lingüísticos, ni siquiera los mas ricos, no pueden proporcionar para cada punto, una descripción 'exhaustiva' del hablar, y por lo tanto, no sustituyen las investigaciones dialectales monográficas".

(COSERIU, Eugenio. La geografía lingüística.
Montevideo, 1956, pág.
43)

P R E L I M I N A R E S

Esta monografia é em grande parte consequência direta do Atlas Prévio dos Falares Baianos. Os inquéritos para aquela obra, no povoado de Mato Grosso (Município de Rio de Contas, Estado da Bahia), em novembro de 1960, revelaram que convinha voltar lá para permanecer algum tempo e estudar com mais profundidade a língua da localidade. O interesse especial pelo povoado resultava de um confronto com as outras dezessete localidades do Estado da Bahia que nos coube inquirir. Desde o primeiro contacto chamaram-nos a atenção alguns traços da língua portuguesa falada em Portugal que pareciam muito vivos ainda. A experiência de inquéritos dialetais que tínhamos justificava a ousadia desse pressuposto e a permanência mais prolongada no início deste ano só fez, como se verá, confirmar o que antes constituía mera hipótese.

Ser esta a segunda viagem ao povoado não eliminava as dificuldades de acesso ao local mas nos fazia esperar -- como na verdade ocorreu -- melhores condições de trabalho.

Pode-se dizer que a nossa tarefa começou no primeiro semestre de 1963, quando lemos ou relemos monografias dialetais estrangeiras e brasileiras disponíveis, e revimos alguns manuais de dialectologia geral. Durante o mês de janeiro deste ano voltamos mais diretamente a atenção para os próprios inquéritos, fazendo um exame cuidadoso dos questionários a serem utilizados -- com os quais já havíamos trabalhado antes -- e uma revisão da história da localidade na bibliografia levantada para o APFB.

Nossa permanência em Mato Grosso foi de 10 dias -- 1 de fevereiro, um sábado, a 10 de fevereiro, segunda-feira de carnaval -- vivendo, comendo e ocasionalmente -- quando as circunstâncias assim exigiam -- trabalhando (na debulha do milho, fazendo farinha) como qual quer um dos membros da comunidade.

Cumpra agradecer a JÚLIA CONCEIÇÃO FONSECA SANTOS, que nos acompanhou durante os dias que passamos na localidade, é responsável pela execução das fotografias que ilustram o trabalho e pela notação musical, a GERALDO SANTANA, pelos desenhos, e muito especialmente a NELSON ROSSI, orientador não apenas desta dissertação, mas, há quase nove anos, de toda a minha formação e atividade no campo da dialectologia.

O maior agradecimento, contudo, devo-o aos habitantes de Mato Grosso.

M É T O D O

A preparação prévia para a realização do trabalho de campo incluía um esboço de plano a seguir. De início pensamos em realizar dois inquéritos com o questionário lingüístico e um mínimo de cinco com o questionário fonético, sempre que possível com registo magnetofônico. Com os inquéritos fonáticos pretendia-se obter os elementos a partir dos quais estabeleceríamos o sistema fonêmico do falar. Com os inquéritos lingüísticos teríamos uma preocupação mais acentuadamente lexical.

Pela primeira vez aplicaríamos êsses questionários com a intenção imediata de realizar um trabalho monográfico. As aplicações sucessivas anteriores destinavam-se muito mais a fazer sondagens preliminares com vistas ao aperfeiçoamento dos próprios questionários e não a aproveitar sistematicamente todo o material recolhido.

Os resultados do nôvo teste são, cremos, plenamente satisfatórios. Chegamos inclusive à conclusão de que o questionário fonético, por si só, é capaz de fornecer dados lexicais (principalmente se a êste acrescentarmos maior número de figuras) comparáveis -- não em número, é claro -- aos do questionário lingüístico.

Para colhêr aspectos da morfologia e sintaxe devem ser feitas, de preferência, aplicações com registo magnetofônico, pois assim pode o inquiridor manter com o informante uma conversação prolongada sobre assuntos variados, ampliando as possibilidades de ocorrência de fatos de maior interêsse. Não pensamos, antes de sair para o trabalho de campo, em fazer registrar o questionário lingüístico, por não nos parecer necessário e também pelo tempo e material que consumiria o registo de respostas a mais de 3 mil perguntas. Chegando, entretanto, ao local, concluímos pela praticabilidade dessa experiência e resolvemos realizá-la. Podemos agora afirmar que os resultados obtidos com êste inquérito são superiores a todos os outros e que o tempo de sua aplicação reduz-se quase à metade do que normalmente se gasta quando se transcrevem diretamente as respostas. O processo possibilita ainda digressões do informante que para nós têm grande interêsse e que nunca é possível anotar por completo, simultânea e diretamente. O que se ganha em tempo e eficiência compensa a despesa com o material.

O plano de trabalho supunha ainda a leitura de um texto por um informante alfabetizado (todo esforço de previsão se justificava, compreende-se facilmente, uma vez que devíamos inclusive calcular o material de consumo a levar, pois chegando lá seria impossível renová-lo, fôsse no que fôsse. O texto escolhido foi a Parábola dos sete vides, por já haver duas leituras do mesmo, uma por um português (cf.

HAMMARSTRÖM, Göran e LACERDA, Armando de. Transcrição Fonética do Português Normal, Coimbra, 1953 - separata da Revista do Laboratório de Fonética Experimental da Faculdade de Letras de Coimbra, vol. I, 1952), outra por um brasileiro (cf. LACERDA, Armando de e ROSSI, Nelson. Particularidades fonéticas do Comportamento Elocucional do Falar do Rio de Janeiro (em confronto com o português normal de Portugal) - separata da Revista do Laboratório de Fonética Experimental da Faculdade de Letras de Coimbra, vol. IV, 1958), o que possibilitaria um confronto de semelhanças e divergências entre os três. Esse confronto seria tão mais interessante quanto desejávamos verificar os traços fonéticos do português de Portugal que se conservam ainda na localidade.

A leitura da Parábola não teve o bom resultado esperado, pois se já é difícil encontrar um informante alfabetizado (de fato, e não alguém que apenas saiba assinar o nome a fim de tornar-se eleitor) no local, mais ainda é conseguir um que tenha o mínimo de hábito de leitura suficiente para poder ler um texto com razoável desembaraço. A leitura que foi finalmente feita está prejudicada pela falta de obediência à pontuação e pela troca de palavras, sem falar na falta de espontaneidade decorrente de um nervosismo bastante acentuado e compreensível. Deixou-se assim de aproveitá-la para este trabalho, embora possa, talvez, ser utilizado mais tarde para fim diverso.

Outra tentativa frustrada foi também a da leitura de um pequeno trecho forjado¹ que pretendia incluir todos os fonemas e era destinado a um certo pormenor que julgávamos de algum interesse: a realização do -s implosivo em determinados contextos.

Com o questionário fonético realizamos nove inquéritos, sempre com registo magnetofônico. Fizemos duas aplicações integrais do questionário lingüístico, sendo uma registada e dois inquéritos assistemáticos com parte do questionário, apenas um registado. Registamos ainda alguns textos cantados: modinhas e cantigas de roda. O registo

1. Desde ontem estou muito preocupado com o meu filho. Estava brincando de correr pela casa e saiu pela porta do quintal. Bateu a testa num galho grande da planta que fica bem em frente ao galinheiro. Caiu um cisco no olho dele e quando vi lá vinha ele esfregando a vista. Briguei: não faça essa asneira, menino. Venha cá para eu ver se dou um jeito. Rasguei um pedaço de pano para ele limpar o rosto e pensei em chamar o médico -- um que anda com uma pasta esverdeada com uma placa de ouro. Ele tem carro e podia vir logo. Só tenho medo do preço que ele pode cobrar para vir aqui com esta estrada tôda esburacada. Deve ser caro mas vou chamar assim mesmo. O menino pode piorar e eu tenho cisma com doença nos olhos.

das primeiras foi feito na casa em que estávamos hospedadas. Um dos habitantes, muito interessado em ajudar o nosso trabalho, trouxera o informante para que ouvíssemos as modinhas velhas do lugar. Assistiu a essa sessão uma grande parcela dos habitantes locais, e a partir da aquela data começaram as modinhas a fazer parte do repertório musical até das crianças. As cantigas de roda foram registadas durante a noite, também em nossa casa. Não foram encomendadas, nem sequer sugeridas, e resultaram da reunião espontânea de algumas crianças que, por causa do frio, não brincavam do lado de fora da casa. O registro, feito do quarto aolado (porta quase inteiramente aberta), na maior tranquilidade, de início passou despercebido às crianças e aos demais moradores.

O questionário fonético é basicamente elaborado por ARMANDO DE LACERDA para a recolha de falares regionais², com as modificações feitas por NELSON ROSSI, para sua aplicação no Brasil, principalmente as resultantes de aplicações sucessivas. A versão que utilizamos é a de 8 de dezembro de 1962, em Goiás Velho. Consta de

- indagações preliminares sobre a biografia do informante: nome, idade, local de nascimento, profissão, nível de instrução, etc.;
- contagem de 1 a 30 ou 40;
- enumeração dos dias da semana e dos nomes dos meses;
- denominação das partes do corpo e de peças do vestuário;
- reconhecimento de cores;
- identificação de 48 figuras;

além de uma conversa informal que o inquiridor procurou dirigir para as particularidades que o local e as circunstâncias ofereciam.

A identificação das figuras pressupõe particularmente um resultado fonético (e acessoriamente lexical), pois a seleção foi orientada no sentido de abranger todos ou o maior número possível de fonemas e seqüências fônicas da língua. Dêsse ponto de vista satisfaz inteiramente e demonstrou um interesse lexical que já comentamos anteriormente. As figuras são soltas, de modo a permitir uma utilização mais cômoda por parte do inquiridor e sua numeração (1-48) não é fixa, destinando-se apenas a facilitar a identificação das respostas no registro magnetofônico. A ordenação que seguimos revelou alguns inconvenientes. Foi o caso das figuras 46 (lua) e 47 (prato), esta confundida duas vezes com aquela e outra vez com o sol. Também laranja (40) revelou-se desaconselhável em seguida a tangerina (39) por serem facilmente con

2. Cf. LACERDA, Armando de. Recolha, arquivo e análise de falares regionais portugueses. Revista do Laboratório de Fonética Experimental, II, 1954.

fundíveis, sobretudo se levarmos em conta a capacidade limitada para reconhecer figuras que tem o homem rural. A figura 34 (palhaço) obteve como respostas: papai noel (3 vezes) e família branca de neve (uma vez), tendo um informante indagado se "é bicho ou é gente"; ficou sem resposta 4 vezes.

O questionário lingüísticos consta de 3 191 perguntas, agrupadas por áreas semânticas: terra, vegetais, homem biológico, pecuária. Sobre ele, agora no seu esboço 4 1/2, cf. ROSSI, N. Laboratório de Fônica na Bahia, Casa de Rui Barbosa, Rio, 1961.

Fizemos transcrição direta ³ dos inquéritos que realizamos sem registo. Na maior parte as anotações de campo assistemáticas estão em transcrição ortográfica, principalmente quando não pareceram de interesse fundamentalmente fonético. Dos registos magnetofônicos fizemos transcrição indireta e, conseqüentemente, mais pormenorizada e para o estabelecimento do sistema fonêmico utilizamos essencialmente essas respostas, indicando sempre (td) o que foi transcrito diretamente no campo.

Na transcrição dos registos começamos pelos inquéritos fonéticos, por serem confrontáveis e mais numerosos, passando em seguida ao inquérito lingüístico, com número muito maior de respostas. A partir daí procuramos sistematizar o material recolhido. Fichamos inicialmente cada palavra e depois cada fonema com a situação em que ocorreu dentro da palavra. Os quadros que vão no corpo do trabalho darão o número de vezes que ocorreu um fonema e permitirão deduzir o tempo e a atenção que dependemos na organização do material.

Do inquérito lingüístico transcrevemos tôdas as respostas monovoculares que nos chamaram a atenção em particular, já que não tivemos a preocupação de transcrever -- nem seria em princípio necessário -- tôdas as elocuições. Audições sucessivas forneciam sempre novos elementos.

Quando consideramos um fato geral ou não, baseamo-nos em dados concretos -- isto é; incluídos em nosso texto -- na maior parte das

3. O sistema de transcrição fonética adotado é o LACERDA-HAMMARSTRÖM (Ver Transcrição fonética do Português Normal, Coimbra, 1953 , HAMMARSTRÖM, Göran. Étude de Phonétique auditive sur les parlars de l'Algarve, Uppsala, 1953 e ROSSI, N. Atlas Prévio dos Falares Baianos, INL, 1963).

vêzes de grande freqüência, freqüência que não deixamos de indicar ⁴.

A P R E S E N T A Ç Ã O D O S M A T E R I A I S

O plano inicial do trabalho compreendia o estudo da fonêmica, da morfo-sintaxe e do vocabulário. A limitação imposta pelo prazo fez com que tivéssemos de deixar para mais tarde o estudo do vocabulário. Pensamos de início em apresentar o elenco de tôdas as respostas monovoculares anotadas, dando as várias realizações fonéticas de uma mesma palavra. Finalmente restringimo-nos a um índice vocabular dos exemplos que vão em transcrição fonética no corpo do trabalho, remetendo às páginas em que ocorrem. Uma atitude seletiva posterior ao levantamento desses exemplos fez com que acrescentássemos outros, aqueles que julgamos possam vir a ter interêsse lexical. Do total anterior de 993 transcrições passamos a ter 1 032. Damos a acepção em que ocorreu a resposta, sempre que julgamos necessário ao entendimento do leitor, ou porque a forma apresente uma alteração fonética que torne difícil o reconhecimento imediato, ou porque ocorra numa acepção que não é geral, ou ainda quando os léxicos gerais não a registam. Em muitos casos, vai entre aspas a própria explicação do informante.

Para o estudo da fonêmica apresentamos primeiramente as realizações fonéticas a partir das quais estabelecemos o sistema fonêmico. Apresentamos os fonemas e variantes vocálicos e consonânticos, os ditongos, as semi-consoantes e as seqüências consonânticas que ocorrem. Em seguida fazemos um comentário de algumas realizações que julgamos de interêsse para o estudo da língua portuguesa no Brasil. Os números que fornecemos indicam sempre a freqüência, nos materiais recolhidos, de um determinado fonema ou variante. Explicam-se pelo fato de têmos adotado um método que tem muito de experimental. Interessava-nos saber, partindo dos questionários utilizados, quais os fonemas que mais ocorriam, os que deixavam de ocorrer, suas possibilidades de combinação, etc. Num trabalho futuro, poderão indicar os pontos em que nos precisaremos deter para obter tal ou qual resultado. Por exemplo: no caso das vibrantes, deveríamos aumentar o número de perguntas que admitissem a sua ocorrência num determinado contexto (antes de) em que há dois exemplos, ambos com a vibrante alveolar (cf. pág. 35), o que não nos permite afirmar ou supor que em tal contexto só ocorra essa variante.

4. Se aqui ou ali este não fôr o caso deve-se levar em consideração o fato de que o inquiridor permaneceu 10 dias na localidade e que os poucos exemplos anotados não querem dizer que outros não tenham ocorrido.

Os números totais serão sempre relativos. Primeiro, porque não correspondem ao número de respostas transcritas, pois um fonema pode ocorrer em várias situações numa mesma palavra e, inversamente, uma só palavra pode servir para a exemplificação de vários fonemas. Segundo, porque não tivemos a pretensão de esgotar todo o material recolhido. De qualquer modo, darão sempre idéia da soma de material sobre que trabalhamos e de que dispusemos para tirar possíveis conclusões.

Os dados morfo-sintáticos serão -- por razões óbvias -- apresentados apenas ocasionalmente em transcrição fonética.

Apresentaremos ao fim do trabalho alguns dos textos cantados que registamos: notação musical e texto (em transcrição ortográfica, pela presença de tempo).

Os mapas, plantas e fotografias que ilustram este trabalho têm como finalidade complementar os dados informativos que apresentamos sobre a localidade, pessoas e objetos.

Uma advertência a fazer é que todos os aspectos do falar estudados nesta monografia serão encarados sob um prisma sincrônico. Destacaremos os fatos como eles se nos apresentam no momento atual, no momento em que recolhemos os materiais. A partir deles, acreditamos ser possível deduzir estágios anteriores e até mesmo supor modificações posteriores. Excepcionalmente, quando estudamos os arcaísmos, dedicamos alguma atenção à diacronia, ao procurar justificar a inclusão dos exemplos.

As limitações e deficiências que o trabalho apresente não serão explicáveis sempre pelo prazo a que estava sujeito. Esperamos, de qualquer modo, trazer uma contribuição ao estudo dos falares regionais do Brasil.

A L O C A L I D A D E

Mato Grosso está situado na zona da Chapada Diamantina, entre 13°/14° S de latitude e 42°/43° W de longitude, numa altitude de 1 450 metros. O povoado possuía, segundo o censo de 1950, cerca de 50 habitantes e, segundo o censo de 1960, 355 habitantes, com um total de 88 prédios, sendo 78 habitados e 10 vagos. A população do Município em 1960 era de 15 866 e a do distrito sede de 3 459 habitantes.⁵

5. Obtivemos os dados referentes ao censo de 1960 -- ainda não publicados -- extra-oficialmente, no próprio IBGE, Bahia.

É uma povoação fundada por garimpeiros no início do século XVIII. A igreja, levantada pelos jesuítas sob a invocação de Santo Antônio, veio a constituir em 1718 a primeira freguesia do Alto Sertão Baiano ou Sertão de Cima, com a denominação de Freguesia de Santo Antônio do Mato Grosso. Em 1745 deixou de ser a sede da freguesia e desde então faz parte da Freguesia do Santíssimo Sacramento de Minas do Rio de Contas.

O Município de Rio de Contas é banhado pelos rios Brumado, de Contas, Água Suja e Ribeirão das Furnas. Seu clima é saudável e a temperatura varia entre máximas de 32° C e mínimas de 14° C, descendo ainda mais durante as noites e manhãs. Apresenta duas estações: chuvosa e seca. A estação seca começa geralmente em abril e vai até outubro, enquanto a chuvosa vai de novembro a março. As estradas tornam-se intransitáveis durante as chuvas. ⁶

O povoado liga-se ao distrito sede por 18 km de estrada vicinal que se vencem em 3 horas aproximadamente. Partindo da sede municipal (1 050 metros de altitude), através da serra, é possível alcançá-lo por um único meio de transporte: burro de carga. A estrada -- caminho de tropa -- com escadas de pedras desiguais e escorregadias, não permite a passagem nem de um jipe. O grande isolamento e a dificuldade de acesso (principalmente na época das chuvas, quando é difícil chegar-se até mesmo ao distrito sede) são fatores que contribuem para o seu interesse dialetal. "Toca de garimpeiro", na expressão de Sr. Osório, nosso guia, conserva o seu aspecto antigo. Um muro de pedras soltas, superpostas, marca sua entrada. A igreja, em parte remodelada (altar interno e fachada), mantém ainda a beleza primitiva, principalmente pelo muro de pedras que a rodeia e que representa uma constante na localidade.

O garimpo foi até alguns anos atrás a sua principal fonte de riqueza (havia ouro, prata, ferro em abundância). Hoje quase não se pratica. Dos nossos informantes apenas um dedica-se a esse trabalho. "de, poi, κ, αλα, vota de u pa, da r, af, korza kar, o de, ma, c, f deixamo o garimpo" (ARO). A lavoura é rica e muito mais segura, pois fornece elementos diários para a subsistência da população. Homens, mulheres e crianças trabalham na roça. Plantam feijão, arroz, milho, mandioca e também café. Na época em que lá estivemos havia colheita de marmelo. Além do consumo interno o produto é vendido todo sábado em Rio de Contas e Livramento do Brumado. De novembro de 1960 a fevereiro de 1964

6. Dados extraídos do relatório do engenheiro-agrônomo Adilson Almeida, chefe da Residência Especial de Brumado, sobre os vales do Município de Rio de Contas. Cópia gentilmente cedida pela responsável pelo cartório de Rio de Contas.

pouco mudou. Talvez tenha perdido algumas de suas características, mas não ousaríamos dar como causa a existência, há dois anos, de dois rádios de pilha, raramente usados em virtude do sistema de vida local que deixa muito pouco tempo para ócios e lazeres.

Os habitantes têm uma idéia muito vaga do passado do lugar. Alguns aludem a sua ascendência portuguesa pura, e dizem outros que há anos atrás ali havia grandes "chácaras de café" (ZCO). Datas, ignoram. É difícil encontrar alguém que não seja natural da localidade. A emigração, contudo, é constante para o sul do país: São Paulo e Paraná. Para Salvador nunca vão. O único que recordam que fôra até lá já é falecido. "Vão ganhar ordenado, em Salvador é preciso emprêgo, não tem o cartaz de empregar..." (ARO). Apenas os homens viajam, na época da colheita do café para aqueles estados. Nunca chegam até dentro de uma cidade, ficando no próprio local de trabalho, no campo isolado. Talvez isso explique em parte a pouca influência que na sua vida lingüística parecem ter êsses deslocamentos constantes. Sempre voltam.

Levam uma vida simples e dura, trabalham de manhã à noite, sem qualquer comodidade. Há água em abundância, mas nos riachos e córregos. Luz só de vela ou candeieiro. Formam um núcleo fechado em que todos se conhecem e são amigos. Não se observam indícios de rivalidade, de qualquer ordem. O fato de haver mestiçagem quase nula e predominarem os indivíduos de côr branca e olhos claros (azuis em pessoas de idade mais avançada, talvez de mais de 40 talvez de mais de 50 anos), dá um certo prestígio à localidade dentro do município. Os hábitos rígidos dos habitantes são também conhecidos de todos. As mulheres, as mais idosas principalmente, trazem sempre um pano à cabeça que lhes cobre -- quando saem -- parte do rosto.

As roupas que usam são as mais sumárias e humildes. Andam freqüentemente descalços ou de alpercatas (cf. índice). Começam a trabalhar às 6 da manhã e vão até às 18 horas, com um pequeno intervalo para o almoço, normalmente às 10 horas. Dormem geralmente cedo, exceto aos sábados, quando os homens ficam conversando na única venda do lugar até às 11 da noite.⁷

A população é predominantemente analfabeta e o semi-alfabetizado é aquêles que aprenderam a assinar o nome e a ler umas tantas coisas pela necessidade que sentiu de tornar-se eleitor, sempre na espe



7. A casa em que ficamos (não há hotéis nem mesmo pensões no povoado)

rança de possuir melhores condições de vida no futuro.

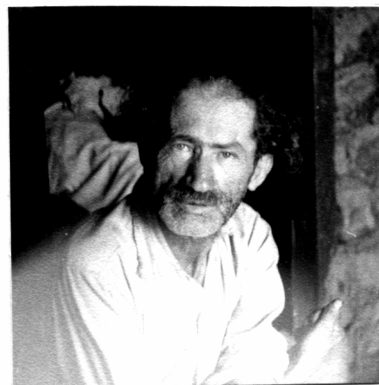
A desconfiança que nutrem em geral por um estranho não se estendeu a nós. Numa conversa de maior intimidade, depois de alguns dias, ficamos sabendo que, pelo fato de lá termos estado antes sem que nada de nocivo, prejudicial, acontecesse em seguida eliminava a superstição que tinham de que a visita de uma pessoa estranha ocasiona sempre um acontecimento maléfico. Ainda mais quando a nossa volta -- inesperada e em parte incompreensível -- cavaidecia-os, facilitando enormemente a nossa tarefa. Consideravam-nos ocasionalmente membros da comunidade.

O S I N F O R M A N T E S

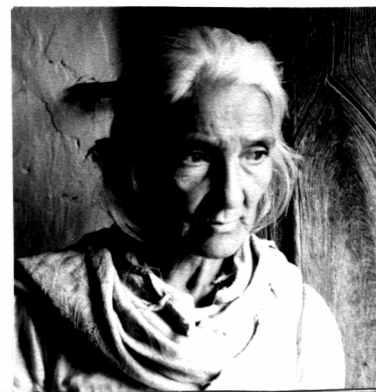
1. questionário lingüístico

ANTÔNIO RODRIGUES DE OLIVEIRA

(ARO), semi-alfabetizado, 53 anos, solteiro. Nasceu em Mato Grosso como seus pais e avós e só saiu da localidade em 1936, quando passou 6 meses em São Paulo. Trabalha na lavoura. Foi nosso principal informante. Inquirido em 3 sessões de trabalho, num total de 7 horas e 50 min, nos dias 2 e 5 de fevereiro. Registro magnetofônico na própria casa do informante, inteiramente isolada, nas condições mais favoráveis. Tendo sido o informante para o APFB, compreendia o nosso trabalho e reagiu sempre espontânea e inteligentemente. Cabelos castanho-médio, barba grisalha, olhos azuis.



ELVIRA MELO E SOUSA (EMS), analfabeta, 64 anos (segundo o marido), casada. Nasceu em Mato Grosso como seu marido e pais. Nunca morou fora, só tendo ido até Rio de Contas, Livramento e



era ao lado -- parede-meia -- e permitia-nos saber o que lá se passava e ouvir, inclusive, comentários sobre o nosso trabalho, sempre repassados de simpatia.

Bom Jesus da Lapa (em romaria) por dois dias no máximo. Doméstica. O inquérito foi realizado em três sessões de trabalho na própria casa do informante, nos dias 7 e 8 de fevereiro, num total de 8 horas, em virtude do grande número de perguntas que não obtiveram resposta. Muito tímida. Morena queimada, cabelos brancos, olhos castanho-médio.

FRANCISCO ANTÔNIO MAFRA (FAM), alfabetizado (cursou até o 4º ano primário), 33 anos, casado. Nasceu em Mato Grosso, como seus pais. Já morou em São Paulo e no Paraná (6 a 7 anos fora da localidade). Aplicação parcial, com registro magnetofônico. Trabalha na lavoura e é dono da única venda do povoado. Cabelos castanho-escuro, olhos castanhos. Data do inquérito: 9/II, à tarde

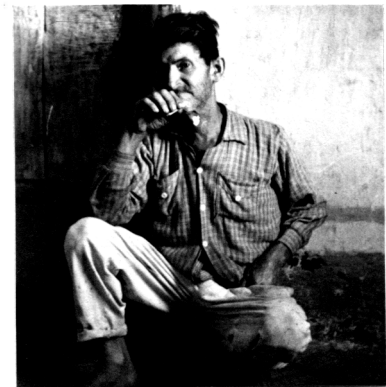


ALICE MAFRA MOURA (AMM), analfabeta, 37 anos, casada. Nascida em Mato Grosso, como seus pais. O marido é de Furna. Só viajou até a Lapa. Trabalha na lavoura. Aplicação parcial. Cabelos e olhos castanho-médio. Data do inquérito: 9/II, à tarde.



2. questionário fonético

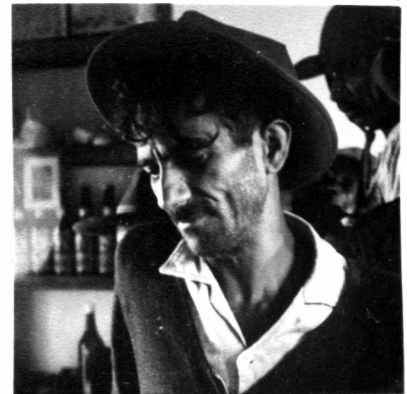
JOAQUIM GONÇALVES DE AGUIAR (JG), semi-alfabetizado, 58 anos, casado. Nasceu em Mato Grosso, como seus pais. Nunca viajou. Trabalha na lavoura. Local de inquérito: casa do informante, no dia 4/II, pela manhã. Inteligente, mas um tanto tímido. Cabelos pretos, barba grisalha, olhos castanhos.



TIBÉRIO CARDOSO (TC), 59 anos, semi-alfabetizado, casado duas vezes. Nasceu em Mato Grosso, como seus pais. A primeira mulher era de Livramento, a segunda com quem está casado há 26 anos, de Mato Grosso. Morou em Bauru (São Paulo) em 1927 e no Paraná em 1928. Viaja para Rio de Contas e Livramento quase todo sábado para -- na época em que lá estivemos -- vender marmelo. Local do registro: venda da localidade, no dia 2 de fevereiro, pela manhã. Muito desembaraçado, com muita vivacidade, um tanto artificial ao fim do inquérito. Fêz a leitura do trecho forjado. Rosto queimado do sol, cabelos grisalhos, olhos castanho-médio.



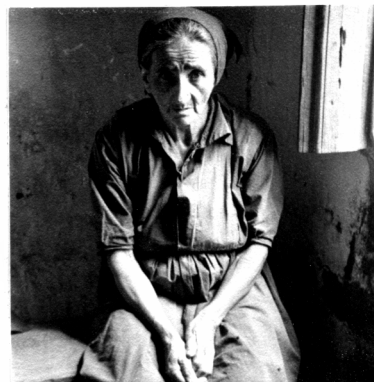
MARINHO DE SOUSA LIMA (MSL), apelidado Mari, 37 anos, analfabeto, casado. Nasceu em Mato Grosso, como sua mulher e pais. Só viajou para o Paraná, onde passou um ano e seis meses, em 1946. Trabalha garimpo e na lavoura muito pouco. Atitude natural e despreocupada, por já conhecer o inquiridor (foi nosso guia na viagem de 1960). Data e local do registro: 2/II, pela manhã, na venda. Ambiente não muito favorável por haver muita gente ao redor conversando. Bastante queimado de sol, cabelos pretos, olhos castanho-médio.



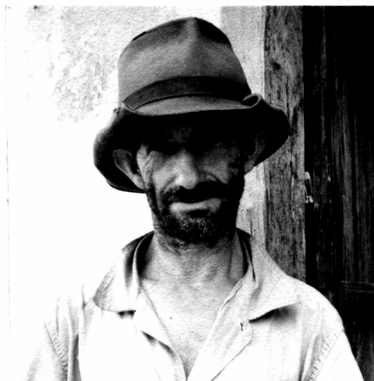
ANTÔNIA GONÇALVES MAFRA (AGM), semi-alfabetizada, 33 anos, casada. Nasceu em Mato Grosso, como seus pais. Nunca saiu da localidade. Trabalha na lavoura. Ambiente do registro (casa do informante) muito favorável. Data: 4/II, pela manhã. Inteligente e natural. Cabelos castanho-escuro, olhos castanhos muito claros.



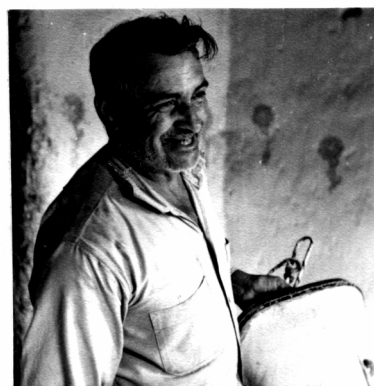
HONORINA AMBROSINA OLIVEIRA (HAO), analfabeta, 60 anos, viúva. Nascida em Mato Grosso. Trabalha na lavoura. Ambiente do registo (casa do informante) favorável. Muito tímida. Data do inquérito: 4/II, à tarde. Cabelos castanho-escuro, olhos castanho-médio.



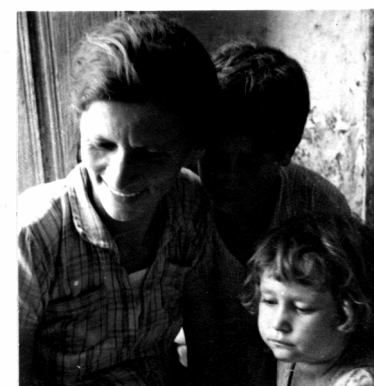
ZACARIAS CÂNDIDO OLIVEIRA (ZCO), semi-alfabetizado, 46 anos, casado. Nasceu em Mato Grosso, mulher e pais também. Trabalha na lavoura. Já viajou muito. Foi seis vezes ao Paraná, sendo que da primeira vez passou dos 11 aos 22 anos. As outras ausências nunca excederam um ano. Apesar dêsse deslocamento constante não apresenta qualquer particularidade em relação aos outros habitantes. Simpático, inteligente e desembaraçado, o inquérito decorreu tranquilamente em sua casa, no dia 5/II, pela manhã. Cabelos castanho-escuro, olhos claríssimos castanho-esverdeado.



ALVINO DE SOUSA E SILVA (ASS), analfabeto, 56 anos, casado. Nascido em Mato Grosso, como a mulher. Mãe de Mato Grosso, pai de Paramirim, município vizinho. Viajou para o Paraná três vezes, nunca ultrapassando mais de 9 meses de permanência e há bastante tempo. Trabalha na lavoura. Natural, inteligente e bem disposto, apresenta um tipicismo bastante acentuado. Local e data do inquérito: casa do informante, 3/II, à tarde. Cabelos grisalhoa, olhos azuis.

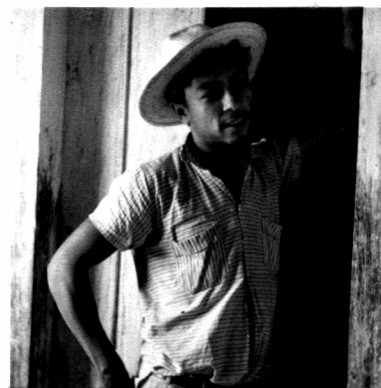


HILDA DE SOUSA E SILVA (HSS), analfabeta, 36 anos, casada. Nasceu em Fazendaola, um lugarejo distante menos de uma légua. Em pequena morou em Rio de Contas e depois veio para Mato Grosso. Mãe e avós maternos de Mato Grosso. Pai



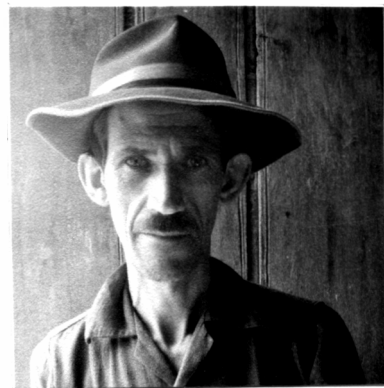
de Gameleira (?). Marido de Mato Grosso Trabalha na lavoura e em casa. Simpática e viva, respondia às perguntas com muito desembaraço. O inquérito foi realizado em sua própria casa, em 3/II, à tarde. Cabelos castanhos, olhos claros.

NESTOR ALVINO DE SOUSA (NAS), semi-alfabetizado, 24 anos, casado. Pais e mulher também de Mato Grosso. Em 1961 morou um ano e quatro meses no Paraná. Trabalha na lavoura. Mais moreno que o comum dos habitantes. Tímido. O inquérito foi realizado em casa do informante anterior, nesse mesmo dia. Cabelos pretos, olhos castanhos.

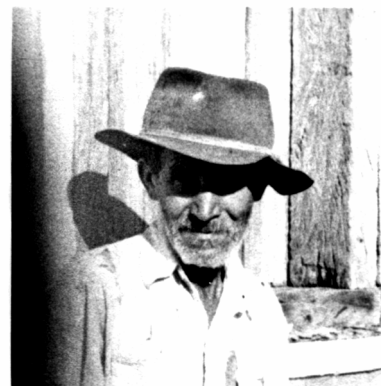


3. inquéritos ocasionais

JOSÉ LIMA MAFRA (JLM), 44 anos, casado, alfabetizado. Nascido em Mato Grosso, de onde nunca saiu. Viagens curtas para lugares próximos. Levou 5 anos na escola (com intervalos). Pais de Mato Grosso. Fêz a leitura da Parábola dos Sete Vimes. Zelador da igreja, trabalha na lavoura. Muito tímido e nervoso, o que prejudicou o inquérito, feito na casa em que estávamos hospedadas. Cabelos pretos, olhos azuis.

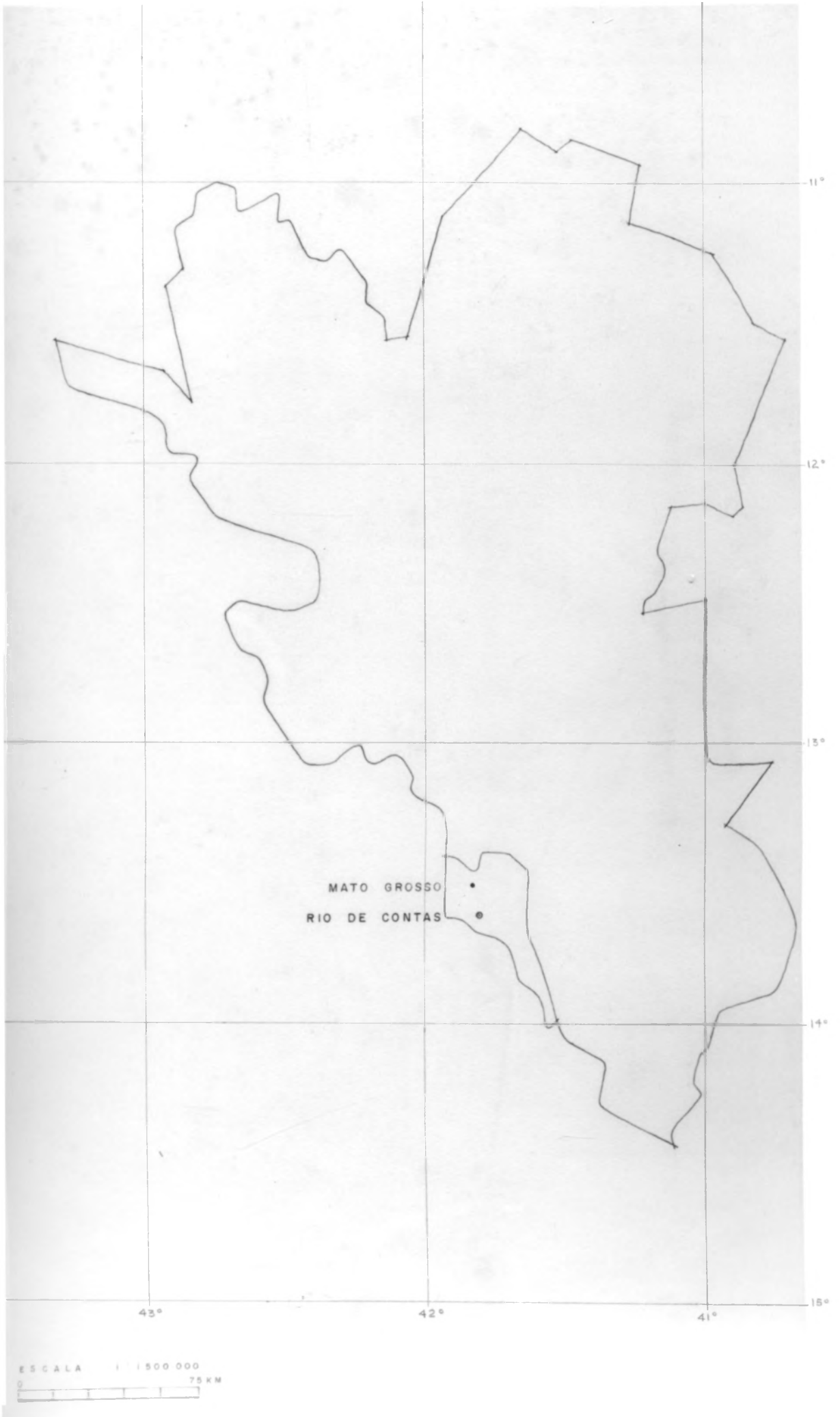


JOÃO RAMOS (JR), 57 anos (aparenta muito mais, tocador de cavaquinho, cantou algumas modinhas. Nasceu em Mato Grosso e nunca viajou. Autor das músicas que canta, segundo afirmou. Trabalha na lavoura. Tímido quando conversa mas inteiramente desinibido quando canta. Inquérito realizado na casa em que estávamos hospedadas, no dia 2/II, no fim da tarde. Olhos azuis, cabelos grisalhos.



PRANCHA 1

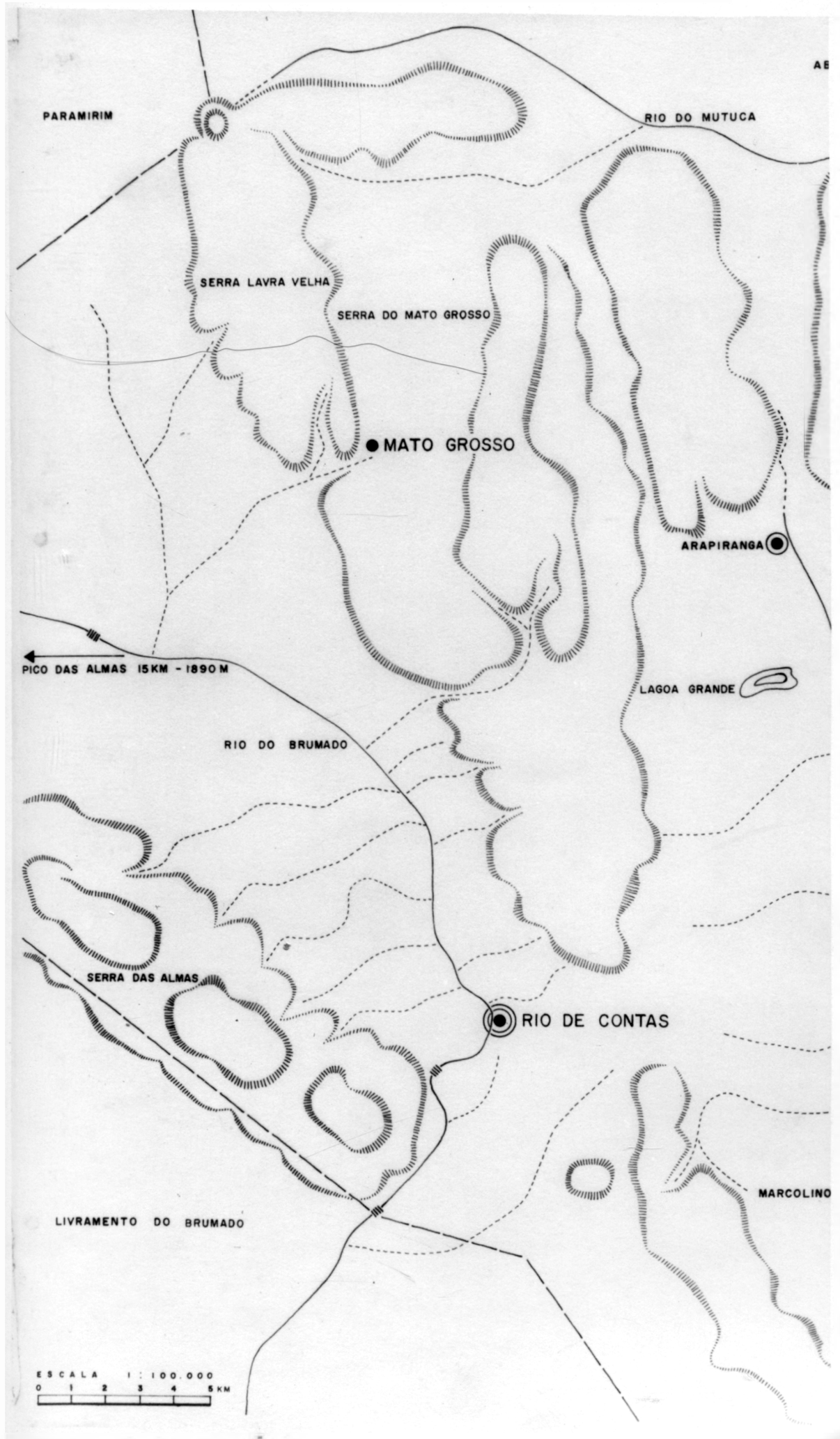
**LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO NA ZONA FISIAGRÁFICA:
XI - CHAPADA DIAMANTINA**



FRANCHA 2

ASPECTOS FÍSICOS DA REGIÃO

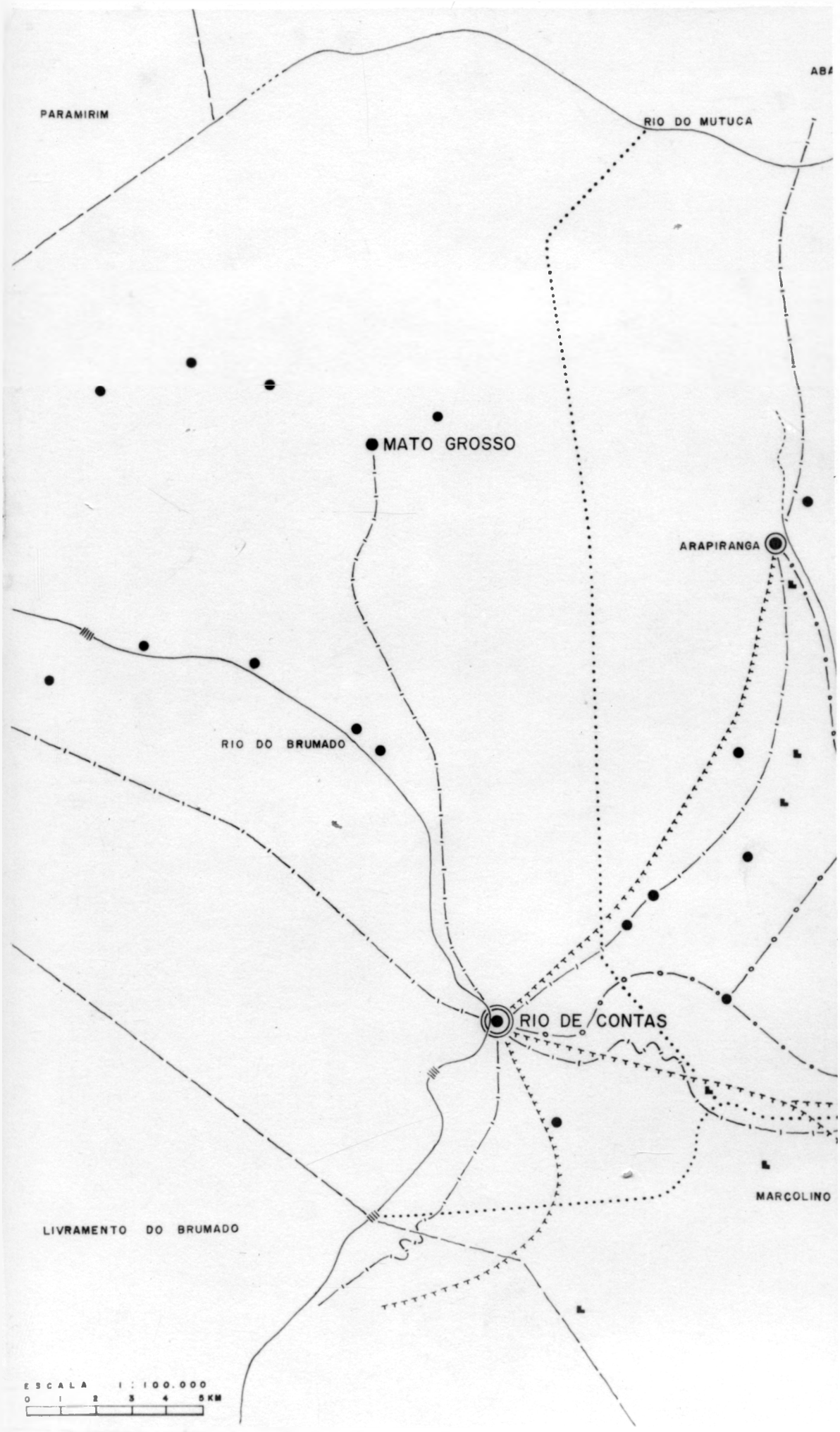
----- linha divisória intermunicipal
~~~~~ cachoeira, queda d'água  
~~~~~ elevação



PRANCHA 3

SISTEMA VIÁRIO

| | |
|---------------|--------------------------------|
| — — — — — | linha divisória intermunicipal |
| | linha divisória interdistrital |
| o — o — o — o | caminho carroçável |
| — — — — | caminho de tropa |
| TTTTTTTTT | linha telegráfica |
| • | povoado ou lugarejo |
| ■ | fazenda |



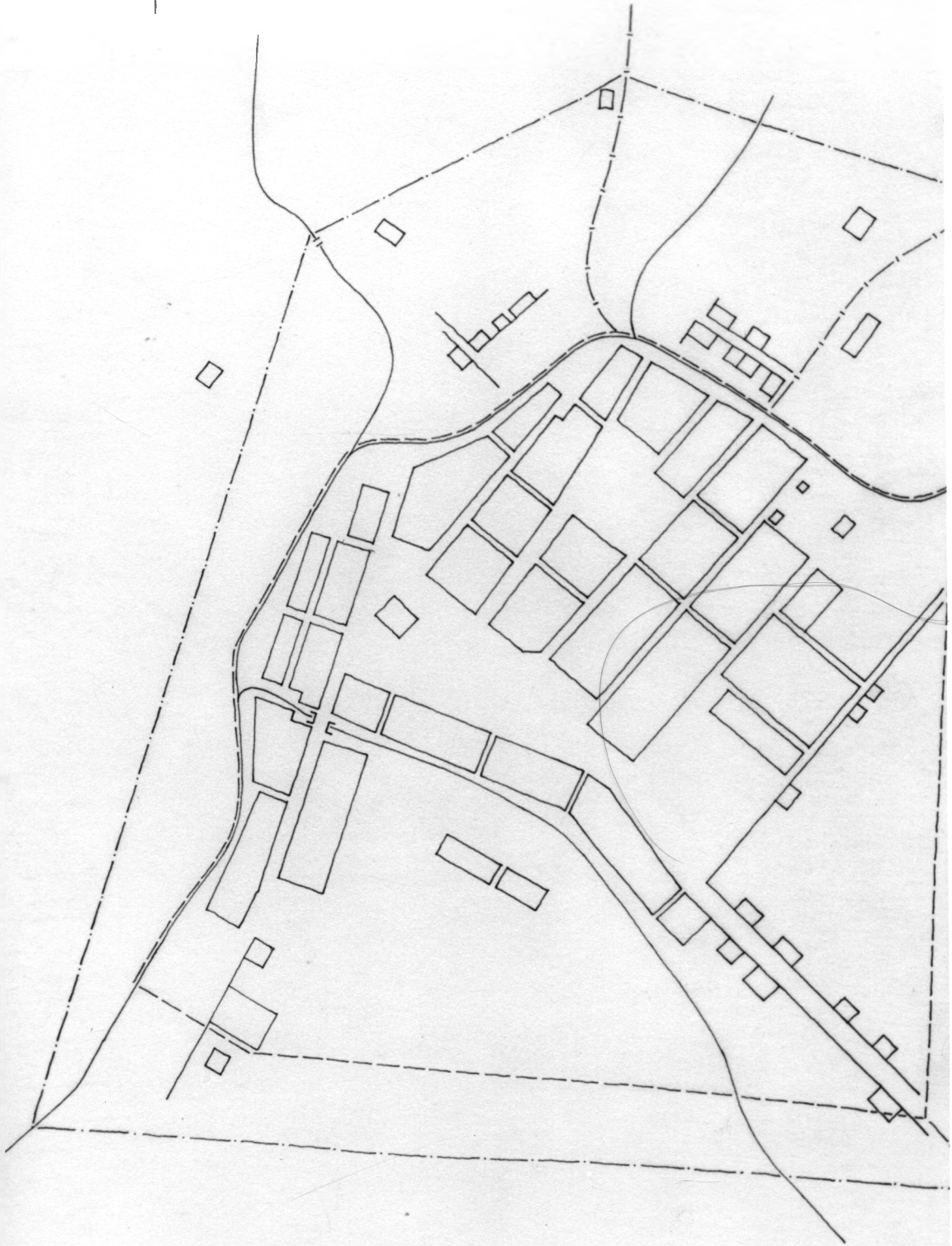
FRANCHA 4

PLANTA DA SEDE MUNICIPAL

(cf. Estado da Bahia. Município de Rio de Contas,
mapa organizado em observância ao decreto-lei
nacional de março de 1938. IBGE, CNG.)

----- perímetro urbano
-.-.-.-.- perímetro suburbano

N

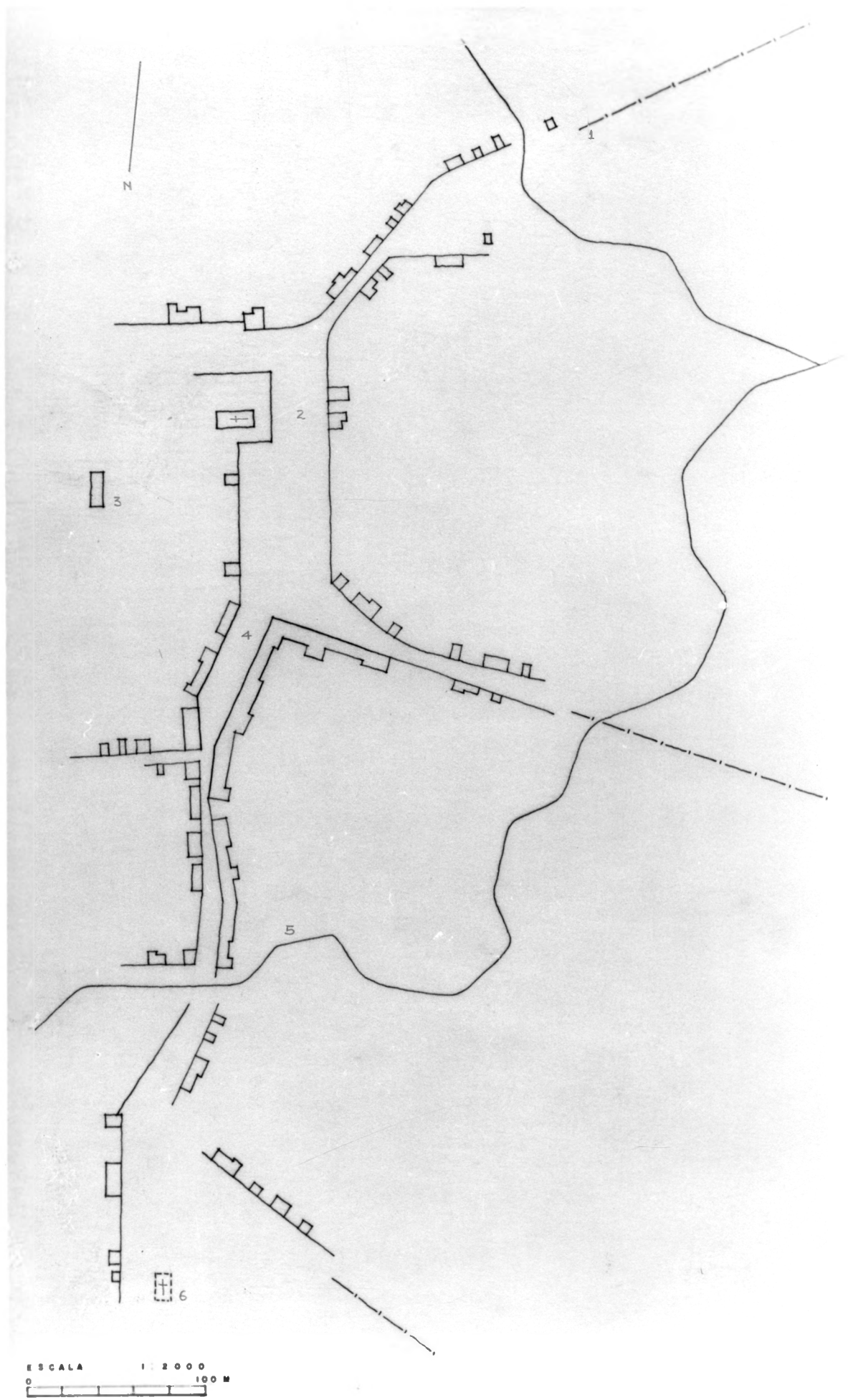


ESCALA 1:10.000
0 500 M

FRANCHA 5

PLANTA ESQUEMÁTICA DO POVOADO

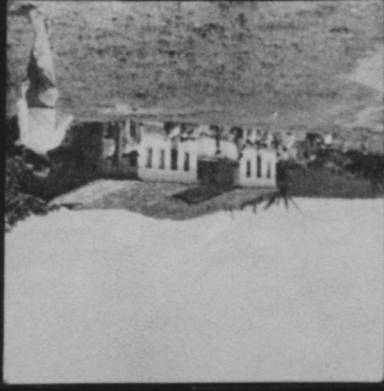
1. via de acesso
2. pátio da igreja
3. escola
4. rua principal
5. riacho
6. ruína da igreja



FRANCHA 6

ASPECTOS DO POVOADO

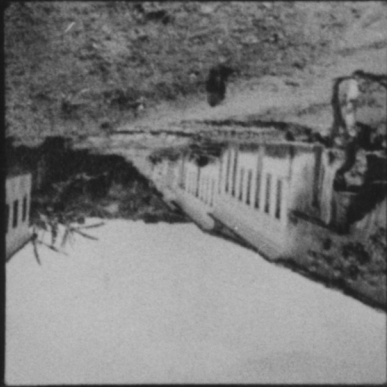
1. vista parcial
2. oitão da igreja
3. casas à entrada do povoado
4. muro de arrimo
5. rua
6. rua com córrego
7. casas do pátio da igreja
8. fachada de casa com beiral



7



8



5



6



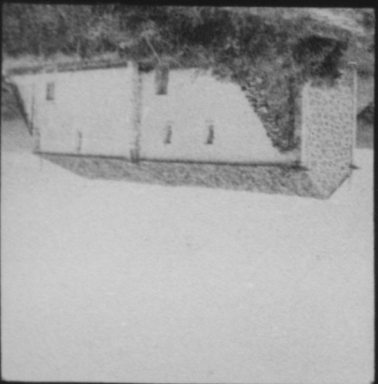
3



4



1

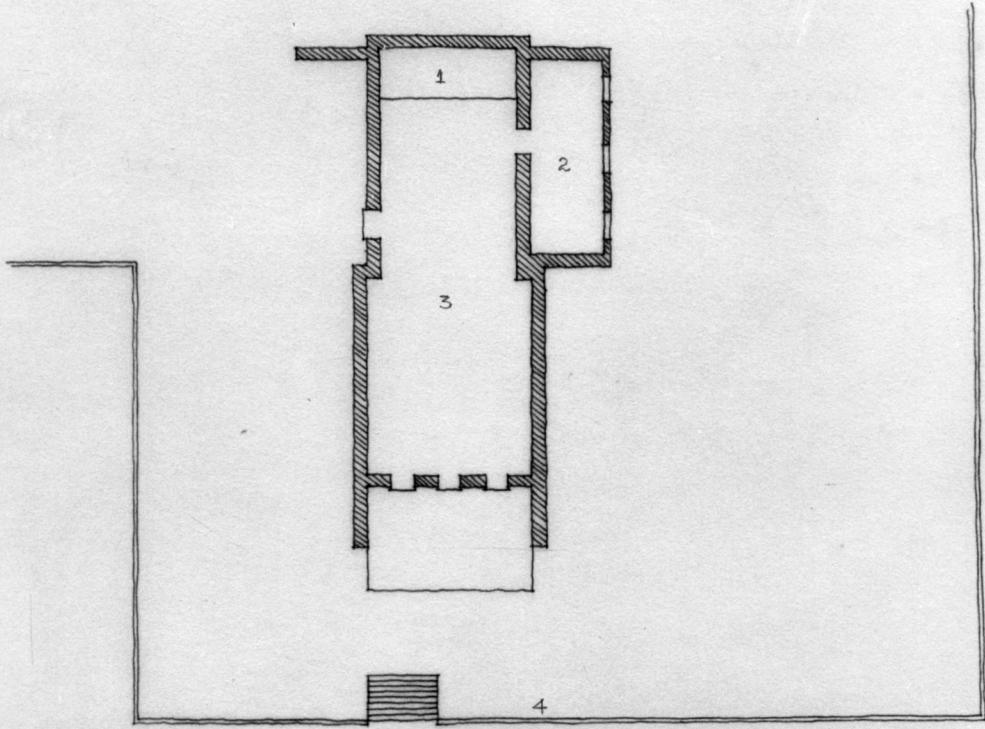


2

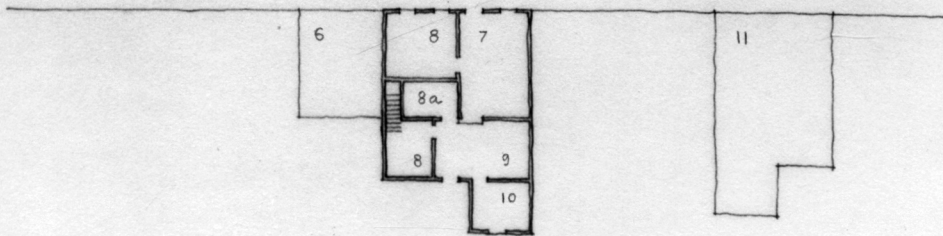
PRANCHA 7

PLANTAS ESQUEMÁTICAS: IGREJA, CASA

1. altar
2. sacristia
3. nave
4. muro de arrimo
5. pátio
6. venda
7. sala
8. quarto
- 8a. quarto com sótão
9. sala de refeições
10. cozinha
11. casa



5



ESCALA 1:200
0 10 M

I. FONÊMICA

1. VOGAIS

/ a /

A realização deste fonema é quase sempre idêntica à do português normal do Brasil (tomando por base os trabalhos de CÂMARA Jr. , J. Mattoso. Para o estudo da fonêmica portuguesa, Rio, 1953 e NASCENTES, Antenor. O linguajar carioca, 2ª ed., Rio, 1953), quer em posição tônica ou átona. Em posição tônica, registamos exemplos deste fonema precedido de tôdas as consoantes, semi-consoantes e das seqüências consonânticas br pr gr kr tr vr fr pl gw kw. Ainda em posição tônica aparece seguido de tôdas as consoantes, com exceção das nasais e da africada palatal surda [ʤ]. As seqüências consonânticas que o seguem -- no material recolhido -- são apenas: dr gr gw.

*bãsu me, dãla istu, fãdu, gãgu, zãka, kãlu ãze, ðãdu
sã, lãdu mã, lãda pat, mãda si, pã, lã, pãsa bu, rãku
pãsu kã dõ, bã tã, pãdu pi, sãpã pa, tãka ka, vãku, krãvu
i, sãda ka, zãdu i, zã, ãdu btu, wãka i, sã, bã, gã, vãda
pãtãtu is, tãda, pãtã ta, kwãra, gwãpãda kwã, dãdu
lã, vrãdu sã, frãda*

Em posição pré-tônica e pós-tônica podemos encontrar uma variante mais fechada, uma vogal central baixa semi-aberta [ɤ], sempre em sílaba inicial, em final de palavra e, em dois casos -- uma só palavra --, em seguida à sílaba tônica.

*ã mã, pã ã, sadã kã, belu kãsu, era kã, zu atrãka, do
kã, sola kãtrãpã, lãdu kãlu, pi, pã, u kã, mizã kã, tozi
kã, fãtzã kã, gulã kã, mã, rãla, pei, pã, dãkã mu, rãgã
kã, zãkã, sãbãdu, sãbãdu*

Quando a este fonema se segue um l velar implosivo (fechando sílaba), aparece, algumas vêzes, uma variante velarizada [ɔ].

*kãtãvu de, datã fãtsã, kãtãmu pat, mãda sãtãdadã
pãtã, mĩtu kãtã, sãda kãtã, sãdu*

Em posição pós-tônica é -- na quase totalidade dos casos -- final de palavra. Ocorreu precedido das vogais o u i, da semi-consoante j, de qualquer consoante e das seqüências br dr kl gw.

*lã, gãã, lãã bã, sãã, veĩ, ãs, mĩzãã pa, tãkãã feĩ, uzãã
sãbãã, sãdãã, meskãã ã, pãgãã*

Em posição pré-tônica apareceu como inicial de palavra ou precedido de consoante, com exceção de ɲ e λ, de semi-consoante ou de seqüência consonântica: br pr tr gr kr kl gw kw.

ã, brũ ãr, gããã ãlũ, krũããã tãpũ, kãããã sãtãtãtu trãbãããã, do

sa, buya ma, luda boi, a, de ru asõbra, sãũ kra, vera
kla, rĩ sã gra, do praç, lera gwarã, na

| | número de ocorrências | | | |
|---|-----------------------|--------|------------|------------|
| | total | tônica | pré-tônica | pós-tônica |
| a | 904 | 250 | 257 | 397 |
| κ | 24 | | 18 | 6 |
| α | 11 | 4 | 7 | |

/ e /

Anotaram-se 96 exemplos de realização do fonema em posição tônica, sendo 49 resultantes da redução do ditongo ei > e¹. Não há registro de e seguido de l numa mesma sílaba.

keru di, re ðu fe ða, fe ða pu, sera lõ, meta pu, wera, preza
mã, gera κo, keru atκu ba, keru galĩ, keru, de ðu, peç, ma, reza

Em posição pré-tônica ocorreram 37 exemplos:

te, mozu de, ða κ at ðe, rãũ feti, serus por redução de ditongo
te, peru pe, nera pe, polu por assimilação, etc.
fe pa, dura concorrendo com fe pa, dura
se, gũ da, fera se, gũ da, fera
fe, i, ãũ fe, i, ãũ

Em posição pós-tônica há um único exemplo: mu, rĩ ge

Uma variante, a vogal central média semi-fechada [ə] ocorre apenas na exclamação ə, yeu.

/ e /

Registamos 80 exemplos desse fonema em posição tônica e 70 em posição pré-tônica.

bã, gelu ti, zela, nevi bo, kelu is, pesa su, e bu, zegu te, beru
ti, beru me, da la be, pu ga me, mada ele², sãũ ale, vãκa

Em posição pós-tônica, nenhum.

l posposto a e normalmente se vocaliza ou desaparece². Quando o l é velar (menos freqüente) pode ou não velarizar-se também a vogal.

ã, ne concorrendo com ã, neu ã, net ã, net
pa, paɪ no, e pa, paɪ no, eu pa, paɪ no, et
pĩ, se fi, eu

1. q.v. alterações fonéticas, pág. 30.

2. q.v. alterações fonéticas, págs. 30, 31.

/ 2 /

Registamos 100 exemplos desse fonema em posição tônica, 152 em posição pré-tônica e 77 em posição pós-tônica. Em posição tônica apareceu precedido de todas as consoantes, exceto *λ* e *π*, das seqüências consonânticas *br pr tr kr fr skr*, e também isolado como inicial de palavra.

*pus, tisu i, bɨgu mɨsɨ, ruka kũ, zida pɨvi, ɨta ɔfɛ, sivi
pɨpa nã, nuka fɨta, vɨvu pɨɣisa ma, lisa fɨtska, bapa
du, dɨ, a ɛskɛndu pɨa, do ɔpɨ, lɨdu sapɨ, rãgɨ pɨ, neu
mãdɨ, ɣoka nɨ, brɨna lɨ, zãdu tɨ, bulɨ sɨ, gũda
lɨ, gɨma kaska, velɨ sɨ, mɔtɨ a, brɨlɨ, nɨkɨ sɨfɨ
balɨ pɨ, gãmɨ*

Quando seguido de *l* velar aparece uma variante velarizada da vogal em quatro dos seis exemplos anotados.

a, brɛt a, pɛt, mɛt ao lado de *sɨva*; *fu, pɛt* concorrendo com *fu, nɛt*.

/ 0 /

Anotaram-se 92 exemplos de realização desse fonema em posição tônica. 17 são resultantes da redução do ditongo ou > o.³

*gãgule, ɣo iɣazi, ɣo levã, to nɨvazi, o se, ko paz, ɣo
pɛmɛ, do, tonu, tɨroja, poku, opu, kovɨ vɨ, sɔra
sɨ, lɔra gɨapda, pɔpa, kovu tɨ, zɔra a, pɔba*

Em posição pré-tônica anotamos 37 exemplos, sendo 3 apenas resultantes da redução de ditongo: *bo, ɣɛku a sɔ, gɛru mo, rãũ* concorrendo com *mo, rãũ*.

Outras formas concorrentes:

so, pɨã nu substantivo (instrumento musical)
so, pɨã nu gerúndio do verbo soprar
vɨo, lãũ ocorre duas vezes
vɨɔ, lãũ ocorre duas vezes
vɨo, lãũ ocorre uma vez
vɨo, lãũ ocorre uma vez
vɨo, lãũ ocorre duas vezes

Não há registo do fonema em posição pós-tônica.

3. q.v. alterações fonéticas, pág. 30.

4. cf. pág. 5-6.

/ o /

Em posição tônica anotamos 65 exemplos e em posição pré-tônica 60.

ipɔ, ɔku pɛ, lɔʒu ar, ɣola pa, kɔt̪ kɔ, rɔt̪ʲ, fɔʃf̪ l̪ɛ, sɔ, mɔt̪
 e, rɔdɪ kã, bɔt̪a ka, sɔt̪ɪ ɔ, rɔpa
 kɔt̪, ʃãũ ɔpɪ, ladu trovu, ada ɔr, val, u kɔ, ka mɔ, delu
 lɔ, ʒeru ʃɔ, rãnu ɪʒmɔ, lɛ tɔ, pazu pɔtɔ, zɪ

Não há registo do fonema em posição pós-tônica.

/ u /

Anotamos 62 exemplos de realização do fonema em posição tônica 91 em posição pré-tônica e 340 em posição pós-tônica, na maior parte das vezes em sílaba final:

Em posição tônica aparece nas seqüências fônicas seguintes:

| precedido de | s | seguido de | r | d | ɖ | l |
|--------------|----|------------|---------------|---|---------------|-------------------|
| | ρ | | g | a | | |
| | l | | s | a | d | n |
| | m | | r | l | | |
| | n | | v | | | |
| | ʃ | | v | | | |
| | d | | r | | | |
| | fr | | t | | | |
| | b | | g | b | ɣ | s (implosivo) ρ l |
| | s | | v | | | |
| | | | z | | | |
| | r | | t | | | |
| | d | | | | | |
| | g | | | | | |
| | k | | ɸ (implosivo) | r | l | s (implosivo) |
| | br | | z | | | |
| | p | | s | r | ɸ (implosivo) | ʃ (implosivo) |
| | g | | | | | |
| | t | | r | | | |
| | tr | | k | | | |
| | ɸ | | d | | | |
| | z | | ɸ (implosivo) | b | | |
| | ɸ | | l | r | | |
| | b | | | | | |
| | t | | | | | |
| | r | | | | | |

precedido de

ʃ
ɹ
ʒ

ʒ, ʃu be, puḡa fo, sara, putḡa, muzḡa ka, ʒu ʃu va
beɹ, sadu b̃ã, bu ă, du t, ruḡ, fe ʃă, dura ti, bu la, ku spu

Em posição pré-tônica:

precedido de k seguido de p ʃ l ɹ (implosivo) i k m r b ɛ s

| | |
|----|-------------------------|
| ʃ | p v |
| p | s ẽ w l ɹ (implosivo) a |
| t | b z a p o |
| g | l v |
| m | l d r t f s |
| v | u ă |
| t | t m g |
| b | r p z t l |
| br | g w a |
| f | g m ɹ (implosivo) l n |
| p | z |
| l | a s |
| s | ɛ br b |
| d | p m |
| dr | e m |
| ʒ | m |
| r | b r s |
| kr | z |
| tr | k |

tu, a la di fuku t, da d, mu, r̃ḡa uru, tu mu, li sa arapu, a
tru, ke za du, m̃ḡu pu, le ru l̃aku mu, ti va pu ku, m̃ă

Em posição pós-tônica:

precedido de r s l k d ʃ g ʒ v ɛ^r ʃ l l, ɹ tʃ p br n

t ɹ p z m b t^l dr.

ma ʒku kla r̃i, netu bu, zeḡu, bo t̃su s̃i, te ru ʒõ, kõḡu
ke ru ʒi, to ʒu tr̃ă, zã pu ʒi, ga su, ki tu ma r, me lu a t̃ku ba, ke ru

[ɹ]

[ʊ]

Em sílaba pré-tônica ocorreu nove vezes a vogal de timbre in-
termediário entre / e / e / z /, [ɹ]. A vogal de timbre interme-
diário entre / o / e / u /, [ʊ], ocorreu 10 vezes.

al n, f̃ă ti t̃n, zo ra ñz va zi, o ñz me, ra t̃ da aḡ ra d̃, si du

dn, dat λn, brīna māzari, kǎũ sngũda, feta baro, kǎũ
kato, pǎũ kopu, tǎũ kǎpu, piz, u buprega vzo, lǎũ azo, fi so, aku

[ɲ] ocorreu uma única vez em sílaba tônica, transcrito diretamente no campo. A ser válido o exemplo seria sempre esporádico:

apre, dn zis

| | em posição inicial absoluta | |
|-----|-----------------------------|-------------|
| | á t o n a | t ô n i c a |
| /a/ | 56 | 5 |
| /e/ | 1 (em próclise) | |
| /ɛ/ | 5 | 1 |
| /ɨ/ | 16 | 1 |
| /o/ | 3 | 3 |
| /ɔ/ | 10 | 1 |
| /u/ | 3 | 1 |

1.1 VOGAIS NASAIS

/ã/ /ẽ/ /ĩ/ /õ/ /ũ/ [ɲ] [õ]

/ã/ ocorre em posição tônica 59 vezes e 65 vezes em posição pré-tônica; /ẽ/ ocorre 39 vezes em posição tônica e 18 em posição pré-tônica; /ĩ/ 61 vezes em posição tônica, 39 em posição pré-tônica; /õ/ 29 vezes em posição tônica, 17 em posição pré-tônica; /ũ/ 10 vezes em posição tônica, 16 vezes em posição pré-tônica. [ɲ] ocorre duas vezes, sempre em sílaba átona inicial. [õ] ocorre uma vez, também em sílaba átona inicial.

kãga, lã kōfi, ãsa alã, biq tãpi, ãũ çēsũ, kēga mu, ěda
ěde, resu kalēta, do, siza, kītu, brī ĩzi, adu ĩ, sada pũ, ĩ
ĩju, kōsa pis, tō, bō trō, beta tō, ba kōpã, petu vaza, bũdu
õde, adu, ũbu kũ, zidu ze zũ, a ã, trãdu ãze, ðadu kũvep, sãdu

As vogais em geral nasalizam-se quando diante de uma consoante nasal explosiva. Quando isso se verifica ocorrem sempre os timbres α e η ι o ω u . Quando não se verifica a nasalização podem ocorrer os timbres seguintes: \bar{a} α \bar{e} e $\bar{\iota}$ ι \bar{o} o \bar{u}

ĩã pu

kãna

ĩ, pãmi

barba, tãna

zã, nelã

fã, milã

kãpiz, tĩ

akã, padu

kã, miza

ãma, telã

pēsã, mētu

ãmaz, adu

mãda, mētu

ãmo, radu

| | | | | |
|-----------|-----------|----------|------------|--------------|
| zĕmi | sĕ,mana | ,kema | te~,mozu | pe,me,do |
| ,lĕpa | pĕ,pedu | | se,pe,nada | pe,me,tĕt |
| ,trĕpa | prĕ,mes,a | | | se,mãna |
| | | | | pe,mela |
| matu,tĩna | lĩ,mãũ | ,si~nu | | pi,mĕta |
| bata,tĩpa | lĩ,pa,sa | alu,mĩnu | | pi,neu |
| ,prĩma | šũmĩ,pe | | | ,lagrĩma |
| | | | | mĩ,pe,ta,sãũ |
| ,sõpu | lõ,netã | | to,matĩ | pro,mesã |
| ,gõmus | sõ,piãdu | | lo~,netã | |
| kair,bõnu | õ,pe,sta | | do,mĩgu | |
| | | | to,ma | |
| is,pũma | kũ,me,do | a,lu,nu | | tu~,matĩ |
| li,qũmi | šũ,mĕta | | | fu,masã |
| ,fũmu | dũ,mĩgu | | | fu,pi,t |

| | antes de consoante nasal explosiva | | | |
|-------|------------------------------------|-------|-----------|-------|
| | nasal | | não nasal | |
| | tônica | átona | tônica | átona |
| /ã / | 23 | 30 | | 6 |
| /e e/ | 7 | 7 | 1 | 6 |
| /z / | 34 | 12 | 2 | 17 |
| /o o/ | 13 | 6 | | 5 |
| /u / | 3 | 6 | 1 | 9 |

Ainda no capítulo das nasais gostaria de dar aqui alguns exemplos -- embora ocasionais -- em que se pode observar, em seguida à vogal nasal, uma consoante nasal de travamento (arquifonema nasal consonântico na terminologia de MATTOSO CÂMARA, que considera este um fato geral na "variedade coloquial tensa" do Rio de Janeiro)⁵, que se realiza como [m] [n] [ŋ] a depender do ambiente fonético em que ocorre.

,bãŋku ,trãŋka ,kãmpu nãm,ba ,gãnsu ,trõŋku ,tãmpa

Os quatro primeiros exemplos foram anotados a um único informante. Os três últimos, cada um a um informante.

5. Cf. CÂMARA Jr., J. Mattoso. op. cit., págs. 89-97.

1. 2 DITONGOS

Ocorrem os seguintes ditongos orais *ai ei oi oi ui au eu*
eu ou ou ou e os seguintes ditongos nasais *ãũ ãĩ ĩĩ õĩ ũĩ* .

| o r a i s | tônica | átona | e x e m p l i f i c a ç ã o |
|-----------------|--------|-------|--|
| ai | 18 | 9 | ba, lai, u, pai, laibus bu, pai
gã, ãã, ãã pai, ãã, ãã |
| ei | 23 | 11 | veĩ, meĩ, a, le'ra apei, u ei, tãũ
pre, feĩtu beĩ, sudu ka, fe'ĩ, eru |
| ei | 2 | | , deĩz , veĩ, u |
| oi | 12 | 7 | , foĩz , boĩ, oĩtu , poĩ, a oĩ, tubru
moĩ, ãã da doĩ, dadu oĩ, ãã |
| oi | 5 | 2 | te, poĩ, a , oĩ, u peĩ, toĩz
boĩ, boĩ, ãã da oĩ, ãã |
| ui | 8 | 3 | , kuĩ, a , fruta ka, ka, buĩ, u
fuĩ, u maĩ, ãã kuĩ, ãã luĩ, zĩ |
| au | 8 | 5 | mũ, gau de, grau de, dau
au, toĩ, a , sau tauwa, tĩga |
| eu | 3 | * | , deu pe, meu , ãã |
| eu | 6 | | , ãã, peũ taba, ãã fe, eũ
, seu de, bo, ka |
| ou | 3 | | pa, ãã, i, ãã fu, ãã |
| ou ⁶ | 1 | | , pou, su |
| ou | 1 | | , sou |

* Ocorre apenas em vocábulos fonéticos (em próclise):

meu, paĩ meu, ãã

6. A vogal assilábica é pouco perceptível.

| nasais | tônica | átona | exemplificação |
|--------|--------|-------|---|
| ãũ | 51 | 4 | πίπι, κάϊ πατι, ζάϊ bu, τάϊ
κατω, ράϊ ze λ, σάϊ σα κριστάϊ
πό, παράϊ ορ φαϊ, ζιζάϊ le vάϊ, ζι |
| ãĩ | 1 | 2 | μάϊ μάϊ, δοκα, μάϊ du, κορpu |
| ẽĩ | 4 | 1 | τẽĩ nẽ, nẽĩ, ιrẽĩ, σẽĩ
, õtẽĩ |
| õĩ | 1 | | , põĩ |
| ũĩ ? | 2 | | , pũĩ, mũĩtu |

Os ditongos enquadram-se muitas vezes em casos de

- ieísmo : παι, ασu γαι, εru veĩ, meĩ, a, ποι, α μοι, α da οι, α ο
- vocalização do l pós-vocálico : fi, e^u fu, nu, su
- metátese : λarbus máĩ, δοκα
- epêntese do i em sílaba final com s pós-vocálico : pe, trouis, puis
- analogia : οι, τυbru

2. CONSOANTES

oclusivas

/ b d g /

A oclusiva bilabial sonora, em posição inicial ou medial (intervocálica ou não), aparece seguida de tôdas as vogais orais, das nasais \tilde{a} \tilde{e} \tilde{i} \tilde{o} , em sílaba átona ou tônica. Ocorre ainda antes dos ditongos ei oi ui $\tilde{a}\tilde{u}$ $\tilde{e}\tilde{i}$.

βαγρι μά, γαβα ζά, βετα belã, trĩna, βισκα κά, βοτα bu, τι καβιδu

A oclusiva dental vem seguida de tôdas as vogais orais, das nasais \tilde{e} \tilde{i} \tilde{o} e dos ditongos ei oi $\tilde{a}\tilde{u}$.

δέ, μόηu δοι, dadu κupe, do madu, rãnu de, grau meĩ, mado sulia, dera

A oclusiva velar ocorre diante das vogais orais a e i o u, das nasais \tilde{a} \tilde{i} \tilde{o} e dos ditongos ai au $\tilde{u}\tilde{i}$ $\tilde{a}\tilde{u}$.

ĩ, gasu, kãga fu, gãũ \tilde{a} , gostu pre, gisa \tilde{i} , bigu zõ, kõgu

7. $\tilde{p}\tilde{u}\tilde{i}$ concorre com $\tilde{p}\tilde{u}\tilde{i}$ em hiato. $\tilde{m}\tilde{u}\tilde{i}\tilde{t}\tilde{u}$ é esporádico. Ocorre quase sempre a palatalização, resultando na africada [ʤ]: $\tilde{m}\tilde{u}\tilde{i}\tilde{t}\tilde{u}$ (q.v. alterações fonéticas, pág. 28).

| | número de ocorrências | | | |
|-------|-----------------------|-----------------|----------------|---------------|
| | total | posição inicial | posição medial | |
| | | | intervoc. | não intervoc. |
| / b / | 140 | 89 | 49 | 2 |
| / d / | 185 | 39 | 132 | 14 |
| / g / | 92 | 25 | 57 | 10 |

| / d /
seguido de | total de exemplos | |
|---------------------|-------------------|--------|
| | átona | tônica |
| / a / | 39 | 10 |
| / e / | 2 | 7 |
| / ε / | 6 | 3 |
| / z / | 17 | 2 |
| / o / | | 13 |
| / ɔ / | | 1 |
| / u / | 68 | 5 |
| / ě / | 2 | 2 |
| / ě̃ / | 1 | 2 |
| / ǒ / | | 1 |
| / eɪ / | | 1 |
| / εɪ / | | 1 |
| / oɪ / | 1 | |
| / ǎǔ / | | 1 |

| / b /
seguido de | total de exemplos | |
|---------------------|-------------------|--------|
| | átona | tônica |
| / a / | 32 | 12 |
| / e / | 3 | 8 |
| / ε / | 1 | 3 |
| / z / | 5 | 7 |
| / o / | 1 | 6 |
| / ɔ / | 4 | 5 |
| / u / | 22 | 7 |
| / ǎ / | 4 | 3 |
| / ě / | 1 | 1 |
| / ě̃ / | | 2 |
| / ǒ / | 1 | 4 |
| / eɪ / | | 1 |
| / oɪ / | 2 | 1 |
| / ɔɪ / | 1 | |
| / uɪ / | 1 | |
| / ǎǔ / | | 1 |
| / ěĩ / | | 1 |

| / g /
seguido de | total de exemplos | |
|---------------------|-------------------|--------|
| | átona | tônica |
| / a / | 35 | 16 |
| / e / | | 2 |
| / z / | 1 | 2 |
| / o / | | 2 |
| / u / | 13 | 2 |
| / ǎ / | 2 | 2 |
| / ě̃ / | | 1 |
| / ǒ / | | 2 |
| / aɪ / | 3 | 1 |
| / uɪ / | | 1 |
| / ǎǔ / | | 1 |
| / aɪ / | | 1 |
| / ɔ / | | 5 |

[β δ γ]

Em posição intervocálica registei uma variante fricativa das consoantes precedentes. Da bilabial, 5 exemplos, todos anotados a um mesmo informante. Da dental, apenas 2, sendo que o primeiro a dois informantes e o segundo a um. Da velar, 1 único exemplo.

ταβα αδοβυ εαβα, λυζι βαβα, σαβυδατε, λυε, α
δεδυ βαρυ, φαδα
σα, βυγυ

[b̥ d̥ g̥]

Registei alguns exemplos dessas consoantes com valor silábico, quase sempre em posição final absoluta (no caso das oclusivas dentais 17 vezes e da velar uma vez) ou, menos freqüentemente, em posição medial antes da sílaba tônica (duas vezes no caso da velar e uma vez no caso da bilabial) ou em seguida à sílaba tônica inicial. Da última situação há um exemplo da bilabial e outro da velar.

β̥, suβ̥ bi, g̥oβ̥, boβ̥ defikot, dad, g̥r̥aβ̥, ka, g̥oβ̥ kwat, dad
kwat, dad, med, me, t̥aβ̥, pa, reβ̥, peβ̥ sat, dad, ve, reβ̥
ve, reβ̥ vētuzi, dad, sāg̥ ka, biβ̥
kaβ̥, seru z̥g̥, no, ru
, saβ̥du, ka, g̥' du

[d̥]

Anotei uma única vez e a um único informante: viα, d̥i. A oclusiva conserva, nesse caso, integralmente o seu caráter dental, sem sofrer o condicionamento da vogal palatal que a segue.

/ p t k /

A oclusiva bilabial surda aparece seguida das vogais orais e nasais e dos ditongos ai au ei eu ou oi õü õĩ, em posição inicial ou medial, em sílaba átona ou tônica.

, paβ̥a ka, p̥aβ̥a z̥s, koβ̥a pe, roβ̥a pi, r̥a, be, ra z̥raβ̥u, a

Em posição inicial ou medial, a oclusiva dental ocorre diante de todas as vogais e dos ditongos ei õü õĩ, em sílaba átona ou tônica.

, taβ̥u paβ̥z̥, te, ra t̥z̥, ri, sa ma, dr̥a, stu ma, tu, t̥i, na z̥te, lu

A oclusiva velar ocorre antes das vogais e dos ditongos ei ou oi õü. Registei um exemplo em posição implosiva:

, kuβ̥z̥, a ko, roβ̥t̥, ko, vi z̥a, ra, ku, su z̥ski, si, du, ka, pi, a, ka, za

| | número de ocorrências | | | |
|-------|-----------------------|-----------------|----------------|---------------|
| | total | posição inicial | posição medial | |
| | | | intervoc. | não intervoc. |
| / p / | 161 | 108 | 43 | 10 |
| / t / | 249 | 65 | 129 | 55 |
| / k / | 259 | 155 | 74 | 30 |

| / p / | total de exemplos | |
|------------|-------------------|--------|
| | átona | tônica |
| seguido de | | |
| / a / | 25 | 16 |
| / e / | 4 | 7 |
| / é / | 10 | 8 |
| / r / | 24 | 4 |
| / o / | 2 | 5 |
| / o / | 3 | 4 |
| / u / | 12 | 3 |
| / ẽ / | 3 | 2 |
| / ê / | 2 | 2 |
| / ã / | 6 | 3 |
| / õ / | 2 | 3 |
| / ü / | 0 | 1 |
| / ar / | 1 | 3 |
| / au / | | 1 |
| / er / | 1 | |
| / eu / | | 1 |
| / ou / | | 1 |
| / ur / | | 1 |
| / ẽü / | | 1 |
| / õĩ / | | 1 |

| / t / | total de exemplos | |
|------------|-------------------|--------|
| | átona | tônica |
| seguido de | | |
| / a / | 50 | 18 |
| / e / | 4 | 8 |
| / é / | 6 | 6 |
| / r / | 38 | 15 |
| / o / | 1 | 7 |
| / o / | 7 | 2 |
| / u / | 48 | 4 |
| / ẽ / | 2 | 7 |
| / ê / | 1 | 3 |
| / ã / | | 7 |
| / õ / | 1 | 5 |
| / ü / | | 1 |
| / er / | | 1 |
| / ẽü / | | 5 |
| / õĩ / | 2 | |

| / k / | total de exemplos | |
|--------|-------------------|--------|
| | átona | tônica |
| / a / | 82 | 30 |
| / e / | | 6 |
| / ε / | | 1 |
| / ɛ / | 4 | 5 |
| / o / | 4 | 10 |
| / ɔ / | 9 | 12 |
| / u / | 46 | 3 |
| / ǔ / | 10 | 6 |
| / ě / | | 2 |
| / ǐ / | 1 | 4 |
| / ǒ / | 6 | 2 |
| / ǔ / | 7 | |
| / eɪ / | | 1 |
| / oɪ / | | 1 |
| / uɪ / | 1 | 1 |
| / ǔ̄ / | | 5 |

[p t k]
 , , ,

Como as sonoras, também as oclusivas surdas ocorrem com valor silábico. Da oclusiva dental registei 16 exemplos. Da bilabial, um único exemplo, transcrito diretamente no campo. Da velar, 7 exemplos. As situações em que ocorrem são as mesmas já referidas a propósito das oclusivas sonoras.

pa, p̄du br̄i, l̄ãt̄, br̄õ, k̄it̄, f̄ort̄, ḡratu, r̄it̄, ka, p̄ot̄, ka, f̄ot̄,
 na, s̄et̄, pa, k̄ot̄, pra, t̄, l̄era pu, ět̄, pe me, t̄ ět̄, s̄ē, m̄et̄
 se, p̄ot̄, se, t̄ɪs, t̄re l̄a, d̄et̄, se, t̄, a l̄ã, bu, k̄, ma, zu, r̄k̄, pi, k̄
 t̄ã, k̄, t̄ru, k̄, ma, k̄na, ka, v̄ã, pi, a, k̄

[t̄]
 Δ

Diante de vogal palatal, apenas duas vezes a oclusiva dental surda conserva integralmente o seu caráter dental: t̄_Δɪpu pas, t̄_Δĩna (t̄_Δ)

g r a u s d e p a l a t a l i z a ç ã o

[t̄^c]

Anotei duas vezes e a dois informantes diferentes uma palatalização, de grau menos sensível do que no caso imediato, da oclusiva

surda, quando diante de / c / ou / ĩ /: *sz, mōtʰi bu, t̃na*

[t̃]

Uma palatalização de grau relativo foi anotada em *ṽi, t̃ortu*.

[t̃ʃ]

Uma palatalização do / t / de grau mais intenso, condicionada pelo iode e que resulta no seu africamento, foi anotada 12 vezes, 5 em sílaba tônica, 8 em sílaba átona. Num único exemplo preferi transcrever [t̃ʃ] para indicar que aí se percebem claramente os dois momentos articulatórios, a implosão oclusiva e a explosão fricativa, a ponto de se ter a impressão aproximada de uma proparoxítona.

de, t̃ʃu
de, t̃ʃa de, t̃ʃada ṽi, t̃ortu ð̃ʒe, t̃ʃadu, pe, t̃ʃu, m̃ãda, o, t̃ʃa
le, t̃ʃu, t̃ʃru, t̃ʃa, t̃ʃe, t̃ʃu

n a s a i s

/ m n /

A nasal bilabial aparece em posição inicial ou medial diante de tôdas as vogais e dos ditongos *ai ei eu oi õi õũ*, em posição átona ou tônica.

m̃oi, t̃ada l̃i, m̃ãũ t̃ri, m̃uta x̃z m̃e, t̃at̃da m̃i, s̃at̃, m̃of̃a

A nasal alveolar ocorre diante de vogal e dos ditongos *eu eu oi õi õũ*.

vi, na, t̃ri ñe, ñeĩ ka, t̃i, ne no, ṽe, t̃u sz, t̃a, pi, bo, ka, da, noi, t̃i

Em posição medial implosiva, em seguida a vogais nasais e diante de consoante, ocorrem além das nasais bilabial e alveolar a nasal velar [ŋ]⁸, a depender da natureza das consoantes que as seguem. As consoantes nasais aparecem nessa situação apenas excepcionalmente, o que já vimos quando tratamos das vogais nasais.⁹

8. Apenas três vezes.

9. Cf. pág.7.

| | número de ocorrências | | | | |
|-------|-----------------------|-----------------|-----------|---------------------------------|-------|
| | total | posição inicial | intervoc. | posição medial
não intervoc. | impl. |
| / m / | 187 | 101 | 65 | 8 | 3 |
| / n / | 116 | 28 | 79 | 8 | 1 |

| / m / | total de exemplos ¹⁰ | |
|------------|---------------------------------|--------|
| seguido de | átona | tônica |
| / a / | 43 | 18 |
| / e / | 1 | 3 |
| / ε / | 4 | 7 |
| / ɛ / | 11 | 8 |
| / o / | 2 | 4 |
| / ɔ / | 5 | 1 |
| / u / | 21 | 5 |
| / ǣ / | 11 | 6 |
| / ē / | 1 | 8 |
| / ĩ / | 5 | 4 |
| / ō / | 1 | 3 |
| / ũ / | | 2 |
| / au / | | 1 |
| / eu / | | 3 |
| / eu / | 1 | |
| / oz / | 1 | |
| / ǣũ / | | 3 |
| / ēĩ / | | 1 |

| / n / | total de exemplos ¹⁰ | |
|------------|---------------------------------|--------|
| seguido de | átona | tônica |
| / a / | 25 | 10 |
| / e / | | 8 |
| / ε / | 2 | 13 |
| / ɛ / | 7 | 3 |
| / o / | | 5 |
| / ɔ / | 1 | 6 |
| / u / | 15 | 1 |
| / ǣ / | 4 | 3 |
| / ē / | 1 | |
| / ĩ / | | 2 |
| / ō / | | 1 |
| / ũ / | 2 | |
| / eu / | | 1 |
| / eu / | | 1 |
| / oz / | | 1 |
| / ǣũ / | 1 | |
| / ēĩ / | | 1 |
| / u / | | 1 |

[m n]
1 1

Como silábicas as nasais são de ocorrência esporádica.

azm̄ (td) q̄m̄, lera ar, mō̄ηka

1 1

A nasal palatal não apresenta realização especial. Ocorre sempre em posição intervocálica, diante de a e u ǣ ǣũ .

10. Obviamente, não figuram nesse total os exemplos da última coluna do quadro anterior.

| / f / | total de exemplos | | |
|--------|-------------------|-------|--------|
| | seguido de | âtona | tônica |
| / a / | | 4 | 5 |
| / e / | | 3 | |
| / ε / | | 5 | 3 |
| / z / | | 5 | 3 |
| / o / | | 1 | 3 |
| / ɔ / | | 1 | 3 |
| / u / | | 6 | |
| / ǣ / | | 2 | 1 |
| / ē / | | 1 | |
| / ĩ / | | 1 | 1 |
| / ǫ / | | | 2 |
| / ũ / | | 1 | 2 |
| / ei / | | | 2 |
| / oz / | | | 2 |
| / ǣū / | | 1 | |

[f v]

f torna-se silábico em posição final absoluta em $f\sigma f$.

v torna-se silábico em posição medial, duas vezes em seguida à sílaba tônica inicial e duas vezes antes da sílaba tônica.

grava da travy, sevu (td) travy, sēmus azayma, rva

/ s z /

A fricativa alveolar surda ocorre em posição inicial ou medial seguida de tôdas as vogais orais, das nasais $\tilde{a} \tilde{e} \tilde{i} \tilde{o}$ e dos ditongos *ai au ei eu ou õũ*, em posição âtona ou tônica.

kasa, rla sera ofē, svz so, lusu, sēi, sau ba, basu

A fricativa alveolar sonora ocorre seguida de tôdas as vogais orais, das nasais $\tilde{a} \tilde{e} \tilde{i} \tilde{o}$ e dos ditongos *au oi oz*.

ti, zora gu, lozu zã, beta bu, zegu pi, zada

Em posição final absoluta, seguida de pausa, ocorre quase sempre [s]. Em posição final, sem pausa, ocorre [z] quando a palavra seguinte começa por consoante sonora e vem logo em seguida à anterior numa enumeração qualquer.

*ǣ nã, pas lapis, kris pas materi, as
vĩtu, doz vĩtu, trez z...*

Em posição medial (dentro de uma só palavra ou de um vocábulo fonético) pós-vocálica ocorrem [s] ou [z]. [s], antes de consoan

te surda. [z], antes de consoante sonora ou de vogal. No último caso passa a ser explosiva, iniciando sílaba.

*es, kuta aspa, eska es, tãbrz bez, netu igaz, go
uz, gõmus ser, zõra u, zãgus uzer, tãũ*

| | número de ocorrências | | | | | |
|-------|-----------------------|---------|---------------------|-------------------------|------------------------|-----------------------|
| | total | inicial | medial
intervoc. | medial
não intervoc. | pós-vocálica
medial | pós-vocálica
final |
| / s / | 342 | 113 | 102 | 16 | 66 | 45 |
| / z / | | | | | | |

| / s / | total de exemplos ¹¹ | |
|------------|---------------------------------|--------|
| seguido de | átona | tônica |
| / a / | 48 | 15 |
| / e / | 6 | 9 |
| / ε / | 11 | 6 |
| / z / | 14 | 7 |
| / o / | 5 | 5 |
| / ɔ / | 6 | 7 |
| / u / | 31 | 8 |
| / ɹ / | 2 | 4 |
| / ẽ / | 4 | 3 |
| / ĩ / | 5 | 5 |
| / õ / | 6 | 2 |
| / zɹ / | | 2 |
| / au / | | 1 |
| / ez / | | 3 |
| / eu / | 1 | 1 |
| / ou / | | 1 |
| / ɹũ / | 4 | 7 |
| / ẽz / | 1 | 1 |

| / z / | total de exemplos ¹¹ | |
|------------|---------------------------------|--------|
| seguido de | átona | tônica |
| / a / | 16 | 4 |
| / e / | 2 | 3 |
| / ε / | 2 | 4 |
| / z / | 10 | 3 |
| / o / | | 5 |
| / ɔ / | | 3 |
| / u / | 10 | 3 |
| / ɹ / | 1 | 1 |
| / ẽ / | | 2 |
| / ĩ / | 1 | 5 |
| / õ / | | 1 |
| / zɹ / | | 1 |
| / ɹz / | | 1 |
| / ɹz / | | 1 |

11. Obviamente, não figuram nesse total os exemplos das duas últimas colunas do quadro anterior.

| [s] | | 12 |
|----------|----------|----|
| antes de | exemplos | |
| p | 8 | |
| pr | 1 | |
| t | 27 | |
| tr | 6 | |
| k | 23 | |
| f | 1 | |

| [z] | | 12 |
|----------|----------|----|
| antes de | exemplos | |
| b | 2 | |
| d | 1 | |
| g | 5 | |
| v | 2 | |
| m | 2 | |
| n | 2 | |

[s]

A fricativa alveolar surda ocorre com valor silábico em
fozɔs, pɛsɔka (td).

/s/

A fricativa palatal surda ocorre diante de tôdas as vogais orais,
das nasais *ã ě ĩ ũ* e do ditongo *ãũ*.

*ʒɛsa, frɛsa, sɛsa kasɫ, kɔ su, veru kɔʔ, sãũ ěsɛp, tada
kasɫ, su mar, sãtu*

A fricativa palatal sonora ocorre diante de tôdas as vogais
orais, das nasais *ã ě õ ũ* e dos ditongos *ue õũ*.

pi, ʒã mɪ ʒap, dĩ kãʒe, rã pa ɛvã, ʒɛ lu, ʒu lu ʒu, ɛ lu

A fricativa palatal surda ocorre também em posição final ab-
soluta.

a, pɔɫs, fɔʒ^{ns}, mes^s

Em posição medial pós-vocálica a fricativa palatal surda ocor-
re antes de consoante surda e a fricativa palatal sonora antes de
consoante sonora.

vɪsta ɪs, kɔla a, ʒɔʃtu ba, tu ʒ mu, doʒ ʒ mɪ, nĩ nus

| | número de ocorrências | | | | | |
|-----|-----------------------|---------|-----------|---------------|--------------|-------|
| | total | inicial | medial | | pós-vocálica | |
| | | | intervoc. | não intervoc. | medial | final |
| /s/ | 98 | 25 | 41 | 2 | 23 | 7 |
| /z/ | 66 | 25 | 36 | | 5 | |

12. Esse total (14) não corresponderá ao total de exemplos em posi-
ção medial (cf. quadro pág.18), uma vez que aqui se excluem os
casos em que a consoante, antes de vogal, passa a explosiva. Ex:
azɛ, pugã uzɛ, tãũ

| /ʃ/ | total de exemplos ¹³ | |
|------|---------------------------------|--------|
| | átona | tônica |
| /ã/ | 14 | 5 |
| /e/ | | 2 |
| /ɛ/ | 1 | 1 |
| /ɛ̃/ | 9 | 4 |
| /o/ | | 1 |
| /ɔ/ | 2 | 1 |
| /u/ | 16 | 3 |
| /ã̃/ | | 1 |
| /ẽ/ | | 1 |
| /ĩ/ | | 3 |
| /ũ/ | | 2 |
| /ãũ/ | | 2 |

| /ʒ/ | total de exemplos ¹³ | |
|------|---------------------------------|--------|
| | átona | tônica |
| /ã/ | 6 | 5 |
| /e/ | 3 | 3 |
| /ɛ/ | | 2 |
| /ɛ̃/ | 8 | 1 |
| /o/ | | 3 |
| /ɔ/ | 1 | |
| /u/ | 8 | 5 |
| /ã̃/ | 2 | 2 |
| /ẽ/ | | 4 |
| /õ/ | 1 | |
| /ũ/ | 2 | 3 |
| /ũ/ | | 1 |
| /ãũ/ | | 1 |

| [ʃ] | |
|----------|----------|
| antes de | exemplos |
| p | 1 |
| t | 17 |
| tr | 1 |
| k | 3 |
| f | 1 |

| [ʒ] | |
|----------|----------|
| antes de | exemplos |
| d | 1 |
| g | 1 |
| m | 3 |

[ʃ]
1

A fricativa palatal surda ocorre com valor silábico num único exemplo anotado a três informantes diferentes: ,peʃ

[ʒ]
1

Com valor silábico a fricativa palatal sonora ocorre uma única vez: ,maʒku

13. Obviamente, não figuram nesse total os exemplos das duas últimas colunas do quadro anterior (pág. 19).

l i q u i d a s

/ l /

A lateral alveolar sonora ocorre em posição inicial ou medial seguida de tôdas as vogais orais e nasais e dos ditongos *ai ei ui* *ãũ*.
tele, fõni, lasu si, lota so, lusa va, lãtã si, vilã

Em posição implosiva, medial ou final, ocorre ao lado de [l], uma variante velarizada [l̥] que pode ou não condicionar a velarização da vogal que a antecede.

,kãtsã ,fãtsã ã, net̥ fu, nit̥ ã, zol̥ ,võltã

| número de ocorrências | | | | | | |
|-----------------------|-------|---------|-----------|---------------|--------------|----------|
| | total | inicial | medial | | pós-vocálica | |
| | | | intervoc. | não intervoc. | medial | final |
| | | | | | [l] [l̥] | [l] [l̥] |
| / l / | 234 | 49 | 126 | 1 | 2 33 | 3 20 |

| / l / | total de exemplos ¹⁴ | |
|------------|---------------------------------|---------|
| seguido de | átona | tônicas |
| / a / | 39 | 9 |
| / e / | 1 | 4 |
| / ɛ / | 7 | 3 |
| / i / | 32 | 2 |
| / o / | 1 | 7 |
| / ɔ / | 2 | 8 |
| / u / | 17 | 3 |
| / ẽ / | 5 | 7 |
| / ĕ / | 2 | 4 |
| / ĩ / | 3 | 6 |
| / õ / | 1 | 1 |
| / ỹ / | | 2 |
| / ai / | | 2 |
| / ei / | 3 | 1 |
| / ui / | | 1 |
| / ẽũ / | | 1 |

14. Não figuram nesse total os exemplos das duas últimas colunas do quadro anterior.

| [ɾ] | |
|--------------|----------|
| precedido de | exemplos |
| [a] | 23 |
| [o] | 9 |
| [e] | 2 |
| [ε] | 1 |
| [i] | 2 |
| [ɛ] | 4 |
| [o] | 4 |
| [ɔ] | 3 |
| [u] | 5 |

[ɾ]

Registei quatro exemplos da lateral alveolar com valor silábico, todos anotados a um mesmo informante.

sz, paʃ tɾei, soʃ, paʃdu kaʃsz

/ ɾ /

A lateral palatal sonora ocorre em posição intervocálica antes de *auã*, em sílaba átona ou tônica.

mo, lada, pola bɾi, ɾãʃ, ba, raʃu, oʃu

Mais adiante veremos os casos de leísmo e de $\lambda > 1$.¹⁵

| / ɾ / | total de exemplos (36) | |
|-------|------------------------|--------|
| | átona | tônica |
| / a / | 18 | 5 |
| / u / | 12 | |
| / ã / | | 1 |

/ r ʃ /

A vibrante simples alveolar sonora ocorre em posição intervocálica seguida de tôdas as vogais orais, das nasais *ã ã ã* e dos ditongos *au eu u ãũ*.

bu, raku sarp, rãga mare, lã ve, rãũ, karu karu, vata kararã, peru

15. q. v. alterações fonéticas, págs 29, 30.

A vibrante uvular sonora ocorre em posição inicial ou medial seguida de tôdas as vogais orais, das nasais \tilde{a} \tilde{u} e dos ditongos au eu ou \tilde{u} .

ρ, daz̃ κ α, pegã bu, ρaz̃ a, tepu b, pãku

Em situação implosiva ocorrem a vibrante simples alveolar sonora [r], a vibrante múltipla alveolar sonora [r̃] e a vibrante uvular sonora [ρ], quando em posição medial. Em posição final absoluta ocorrem [ρ] e [r].

κarsã lagã r̃, tũsã, topnu ap̃fã, r̃atã vep, mela, map̃ at̃, ta'

| | número de ocorrências | | | | |
|--------|-----------------------|---------|------------------|--------------|-------|
| | total | inicial | medial intervoc. | pós-vocálica | |
| | | | | medial | final |
| / r / | 152 | | 140 | 11 | 1 |
| [r̃] | 77 | | | 77 | |
| / ρ / | 112 | 36 | 39 | 32 | 5 |

| / r / | total de exemplos ¹⁶ | |
|------------|---------------------------------|--------|
| seguido de | átona | tônica |
| / a / | 48 | 9 |
| / e / | | 3 |
| / ε / | 1 | 3 |
| / z / | 9 | 7 |
| / o / | | 2 |
| / ɔ / | | 5 |
| / u / | 29 | 4 |
| / ã / | 1 | 5 |
| / ẽ / | 1 | |
| / ĩ / | 2 | 3 |
| / au / | | 2 |
| / eu / | | 1 |
| / ou / | | 1 |
| / ãũ / | | 4 |

| / ρ / | total de exemplos ¹⁶ | |
|------------|---------------------------------|--------|
| seguido de | átona | tônica |
| / a / | 11 | 8 |
| / e / | 1 | 4 |
| / ε / | 7 | 2 |
| / z / | 5 | 6 |
| / o / | 2 | 6 |
| / ɔ / | 1 | 2 |
| / u / | 9 | 1 |
| / ã / | | 1 |
| / ẽ / | 2 | |
| / au / | | 2 |
| / eu / | | 2 |
| / ou / | | 1 |
| / au / | | 1 |
| / ãũ / | | 1 |

16. Nesse total não figuram os exemplos das duas últimas colunas do quadro anterior.

| [r] total de exemplos | | | |
|-------------------------|------------|-------|--------|
| precedido de | seguido de | âtona | tônica |
| o | k | | 2 |
| a | b | 1 | |
| o | d | 1 | |
| e | ð | | 1 |
| a | f | | 1 |
| a | s | | 1 |
| a e i | m | 4 | |

| [f] total de exemplos | | | |
|-------------------------|------------|-------|--------|
| precedido de | seguido de | âtona | tônica |
| o | p | | 1 |
| a ç o ʝ u | t | 12 | 7 |
| a ç i o ʝ u | k | 6 | 4 |
| ʝ | t | | 1 |
| u | k | | 1 |
| a e ʝ | b | 3 | 2 |
| a e ʝ | d | 3 | 5 |
| a ʝ | g | 7 | 1 |
| e | ð | | 1 |
| a e ç i u | m | 7 | |
| a e ç o | n | 3 | 3 |
| ʝ | f | 1 | |
| a ʝ | v | 1 | 1 |
| a e | s | 3 | 3 |
| a | ʃ | 2 | |

| [p] total de exemplos | | | |
|-------------------------|------------|-------|--------|
| precedido de | seguido de | âtona | tônica |
| o | p | | 1 |
| a ç o ʝ u | t | 4 | 4 |
| a | k | | 1 |
| a e o ʝ | d | 3 | 4 |
| a | g | 1 | |
| e u | m | 2 | |
| a ç o ei | n | 3 | 1 |
| a e ç o | s | 1 | 4 |
| a | f | | 1 |
| e i | v | 1 | 1 |

3. SEMICONSOANTES

/ ʃ w /

A semiconsoante fricativa palatal ocorre em posição medial antes de a e ε o ɔ u ã e dos ditongos au ei eu ãũ. [ʃ] ocorre antes de a e o u ãũ.

πᾶδῖ, ʃκᾶ ʃu, κᾶ, ʃu tɣu pɹ, ʃau sabi, ʃa mu, ʃe
 πᾶλῖ, ʃe sᾶru, e, ʃa dᾶ, ʃe ru πᾶ, ʃu ɔʃfᾶũ, zᾶ, ʃũ

A semiconsoante fricativa bilabial ocorre em posição medial antes de a e ãũ em sílaba tônica ou átona.

bɹu, wᾶᾶ mu, wᾶda , luwᾶ , sᾶũ ʃu, wᾶũ

| | | número de ocorrências | | |
|---|---|-----------------------|-------|--------|
| | | total | átona | tônica |
| ʃ | ʃ | 96 | 59 | 37 |
| w | | 6 | 2 | 4 |

| / ʃ / | total de exemplos | | |
|--------|-------------------|-------|--------|
| | seguido de | átona | tônica |
| / a / | | 27 | 14 |
| / e / | | | 5 |
| / ε / | | | 2 |
| / o / | | | 1 |
| / ɔ / | | | 1 |
| / u / | | 15 | 2 |
| / ã / | | | 1 |
| / au / | | | 2 |
| / eɹ / | | | 1 |
| / eu / | | | 2 |
| / ãũ / | | | 1 |

| / w / | total de exemplos | | |
|--------|-------------------|-------|--------|
| | seguido de | átona | tônica |
| / a / | | 2 | 1 |
| / e / | | | 2 |
| / ãũ / | | | 1 |

| [ʃ] | total de exemplos | | |
|--------|-------------------|-------|--------|
| | seguido de | átona | tônica |
| / a / | | 13 | |
| / e / | | | 1 |
| / o / | | | 1 |
| / ɔ / | | | 1 |
| / u / | | 3 | |
| / ã / | | 1 | |
| / ãũ / | | | 2 |

4. SEQUÊNCIAS CONSONÂNTICAS

oclusiva + semiconsoante

/ tɔ / / kw gw tw /

Há exemplos de oclusiva + semiconsoante em sílaba átona ou tônica¹⁷.

v̄i, tɔ, o t u , ö d ɔ a t a k w a r a g w a r ā , n a ɔ s , t a t w a b a , g w a

| total de exemplos | | |
|-------------------|-------|---------------|
| | átona | tônica |
| / tɔ / | 1 | 2 |
| / dɔ / | 2 | 1 |
| / kw / | 4 | 5 |
| / gw / | 5 | 4 (subtônica) |
| / tw / | 1 | |

nasal + semiconsoante

/ nɔ /

Há um único exemplo, em sílaba átona: α l u , m ĩ π , u

líquida + semiconsoante

/ lɔ rɔ /

k u , l ɔ e , l ɔ a s u m ɔ , t e t , u

| total de exemplos | | |
|-------------------|-------|--------|
| | átona | tônica |
| / lɔ / | 6 | 1 |
| / rɔ / | 4 | |

fricativa + semiconsoante

/ sɔ /

Ocorre duas vezes em sílaba átona: p l ~ π l , t ĩ s , a p r ĩ , m e s , a

17. Os exemplos que consideramos aqui não estão incluídos no total de ocorrências das eclusivas nos quadros às págs. 10, 12 e 13.

oclusiva + vibrante
 oclusiva + lateral
 fricativa + vibrante
 fricativa + lateral

| | total de exemplos | | | |
|------|-------------------|--------|--------|--------|
| | inicial | | medial | |
| | átona | tônica | átona | tônica |
| /pr/ | 11 | 6 | 4 | 2 |
| /tr/ | 14 | 12 | 5 | 8 |
| /kr/ | 3 | 8 | 3 | 1 |
| /br/ | 3 | 10 | 19 | 8 |
| /dr/ | | | 6 | 5 |
| /gr/ | 1 | 3 | 8 | 5 |
| /pl/ | 1 | 1 | | |
| /tl/ | | | 1 | |
| /kl/ | 3 | 1 | 3 | |
| /fr/ | 2 | 9 | | |
| /vr/ | | | 1 | |
| /fl/ | | 2 | | |

apre, kata, pregu, tri, mura, ltru, trãsa, alu, krĩ
 kru, zeru, ka, britu, brabu, sedra, grayda, sedru
 puru, grĩnu, dzagru, sadu, plata, tulu, meskla
 fraku, fru, era, ãrvru, flefa, brõ, kiç

Registei um exemplo de seqüência de três consoantes, em sílaba tônica: sòbru, skrta.

5. ALTERAÇÕES FONÉTICAS

Também no momento sincrônico¹⁸ -- não estático -- as palavras sofrem modificações que afetam a sua estrutura. São as chamadas alterações fonéticas que se verificam freqüentemente no falar de uma população rural e de que podemos encontrar inúmeros exemplos no português do Brasil¹⁹.

Nosso intuito aqui será o de dar uma contribuição ao já existente e atestado, fornecendo exemplos colhidos diretamente de pessoas que constituem sem dúvida alguma uma comunidade rural.

Dentre as alterações mais sistemáticas temos assimilação que se verifica nos gerúndios dos verbos (nd>nn>n)²⁰:

dis, pōnu
to, lãnu
madu, rãnu
dispe, jãnu
avu, ãnu
trẽ, mēnu
ĩ, sēnu
trã, zãnu

Em ju, nela verifica-se uma assimilação ja>ji por influência da consoante palatal;

palatalização do / t / condicionada pelo iode e do / n /:

de, du
di, re, du
fru, da, 21
pe, du
fe, da
ĩ, ge, da, du
o, du
dẽ, mōnu
sãtuã, tōnu
ĩ, pãtis

18. Cf. pág. VII.

19. Cf. AMARAL, Amadeu. O dialeto caipira; MARROQUIM, Mário. A língua do Nordeste; NASCENTES, Antenor. O linguajar carioca; SILVA NETO, Serafim da. Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil; e outros léxicos regionais.

20. Essa assimilação pode também deixar de verificar-se. Exemplos: sō, pãdu lã, sãdu mar, sãdu ĩ, sēdu kusi, lãdu
A forma assimilada é mais freqüente.

21. Que deve pressupor a forma arcaica fruits, também usual na localidade, transcrita a mais de um informante e ocorrendo além disso em inquérito não sistemático.

ieísmo²²:

| | |
|------------------|---------------|
| σι, ρι, ας | κασκα, βυζ, υ |
| α, τι, ου | μῆ, ζα |
| πρε, ζι, α | γα, τι, ου |
| σι, γᾶ, υ | μῆ, ου |
| μου, γε | πρῆ, ζα |
| βορ, βοι, α, δου | |
| βεῖ, με, α | |

aférese de uma sílaba que pode ser constituída de uma vogal ou de vogal + consoante

| | | |
|-------------|----------------|----------------|
| μαδρου, σε | μα, ρε, λα | μαζι, πᾶ, νυ |
| βακα, ςι | κα, λῆ, τα, δο | [al] περ, κατα |
| σου, σῆ, να | ρα, σι, τα | [al] ζυ, βερα |

ou da consoante inicial do tipo silábico (C)V:

síncope do r quando segundo elemento de uma seqüência consonântica e em sílaba átona

| | |
|---------------|-----------------|
| | ι, σ, φ, ζ |
| , ο, τ, α | , με, τ, υ |
| α, ζ, ο, φ, ζ | , κ, ω, α, τ, υ |

do l medial pós-vocálico

| |
|---------------|
| α, ζ, ο, φ, ζ |
| pu, σῆ, να |
| , pu, su |

da vogal que separa uma seqüência usual na língua

| |
|-----------------|
| , α, ζ, ο, φ, ζ |
| μαδρου, σε |
| , α, ρ, υ, ρ, ι |
| , τι, τι, λ, υ |
| , ο, ε, κ, λ, υ |

de vogal precedida de consoante que pode estar em situação imploriva

| |
|-------------------|
| κω, α, τ, , δα, δ |
| va, ρ, , σε, λ, α |

de semiconsoante

| |
|--------------------|
| , τα, β, α [τάβυα] |
|--------------------|

de m precedido de vogal nasal numa palavra em próclise

| |
|------------------------|
| μῆ, υ, σ, , κᾶ, μα |
| , ῆ, α, σῆ, τ, α, δ, α |

Também há síncope em ²³ μουζγα [mús(i)ca]

, σε, δα [cédula]

ρε, λᾶ, ρυ [relâmp(ag)o]

ε, σ, τῶ, μυ [estôm(ag)o] ιφ, ζ, φ (<fosfro²⁴ <fósforo)

, ι, ζ, κ, α (<ιζικρα <xicara) , ο, κ, υ (<οκρυ <oclo <óculos)

quando uma palavra proparoxítona passa a paroxítona;

22. As formas consideradas padrão com / λ / e / π / também ocorrem.

Sobre a sua freqüência ver quadro desses fonemas às págs. 16 e 22.

23. Com a síncope da vogal a consoante que a precede torna-se imploriva.

24. Transcrevemos, ιφ, ζ, κ, υ.

apócope da sílaba final que resulta da iotização do / λ /

bu,paɪ (< bu,paɪ,u < bu,paɪu)
pe,poz
do,doɪ

do r final dos verbos e substantivos

ka,lo ɪsõ,bra
tã,bo sa,ɪ

de l final

ka,ʃɪ,ko pɛ,se
lɛ,so ,su:
ã,ne a,za

da vogal i final ou medial ocasionando o valor silábico da consoante que a precede

,dɛʃ, pɛʃ, pa,redʃ

de s final (raramente)

,pɪrɪ, ʃapɪ

da sílaba final do diminutivo

kuʃɛ,rɛ [colarinho]
boɪ,zɛ aʒɔ,fɛ
frã,ʒɛ mɛʃɪ,ʃɛ;

metátese do l

do r, formando uma seqüência

si,ʃora ka,sa,ʃora

do r, desfazendo uma seqüência

tru,keza kɪrã,vãu
bu,rãka

do iode resultando na formação de um ditongo na primeira sílaba

πɔɪda (< nodya < nódoa) mãɪ,dɔka (< mã,dɔka)

pru por por em

pru,la pru,ka pru,sɛma ;

rotacismo (l > r quando em posição implosiva e nas seqüências oclusiva + líquida, fricativa + líquida)

ap,ta sop,dadu
prã,ta ifrɔ

Em ʃmã,dadu há troca de r por l depois de uma metátese (<rimandade< < irmandade);

Em kra,vera [cravelha] há uma substituição de terminação e deve ter sido interpretada como cravo + sufixo;

ditongação de sílaba final com s pós-vocálico

,pɪrɪs di,veɪs
nã,ʃaɪs ma,ʃraɪs
a,poɪʃ pa,paʃsʃ

redução de ditongo : ai > a antes de palatal

,kaʃa ,baʃu

ei > e antes de r praʃ,lera ma,ka,kesu

ou > o sistematicamente²⁵ ,oru ,pɔpa pa,po

eu > somente em ɔ,ɔpa, provavelmente por in-

fluência da vogal tônica;

despalatalização

mu,ʃe ku,ʃe

25. Cf. ditongos, págs. 8-9 e / o /, pág. 3.

dissimilação

b̄arbu,leta (borbu- > barbu-)
 λz,br̄ēna (< n̄z,br̄ēna < neblina)
 λz,ɸ̄ɸmz 30 (uniforme > liforme)
 sumz,terz (cemi- > sumi-) 31
 əle,v̄ākə (ala- > ale-)
 əλz,ɸ̄ātz (ele- > ali-)

e ainda casos de
diástole 32

fonética sintáticaetimologia popular

ζυριτερ (ao enumerar os planetas)
 λusɸe rarz,ɸla gratu,ɸt̄
 ɸ̄p̄ātis ɸ̄p̄ādiz,ɸituz,ɸā
 n̄estuz,r̄īz̄ə d̄ō,d̄elz
 s̄āũkr̄is,t̄āũ

30. Cf. SILVA NETO, Serafim da. Introdução, pág. 206: "vocábulos da língua comum que a evolução levou avante: uniforme > u ninforme > > o linforme".

31. Pode também ter contribuído uma analogia com sumir.

32. Poder-se-iam ainda acrescentar b̄ē, s̄āũ e ət̄k̄ā,ɸo. Achamos, entretanto, mais provável que se trate de conservantismos (cf. pág. 59).

6. ALGUMAS REALIZAÇÕES DE FONEMAS

variantes fricativas

[β δ γ]

Vimos que, em posição intervocálica, ocorrem 8 vezes variantes fricativas de / b / / d / / g /. Na mesma situação, realizam-se 49 vezes como oclusivas. A pouca frequência com que ocorrem nos leva a crer que não se trata de realização geral na localidade, ainda mais quando dos oito exemplos seis foram anotados a um mesmo informante³³. Mesmo se quiséssemos considerar uma característica individual, não nos seria possível concluir porque ocorre nesses casos e não nos outros. LUDTKE, Helmut. Consonantismo, diz à pág. 287: "As brandas sonoras (b d g) variam na sua realização fonética entre oclusivas e fricativas; conforme a regra geral, são oclusivas no começo da frase e após consoante nasal, e nos outros casos, fricativas. Salientemos, porém, que esta regra nem sempre é observada, e que se trata duma variação não tanto combinatória mas antes facultativa" (os grifos são nossos). Vale, de qualquer modo, registrar essa possibilidade de realização -- esporádica, sem dúvida -- no português do Brasil, ainda mais quando a ausência dessas variantes fricativas em posição intervocálica normalmente se considera uma das diferenças mais estáveis e gerais entre o português falado em Portugal e o português falado no Brasil.

consoantes silábicas

Anotamos 60 exemplos de consoantes silábicas³⁴. As que ocorrem mais frequentemente são t (16) e d (17) que, quando silábicas, conservam o seu caráter dental.³⁵

A presença de consoantes silábicas parece ser geral na localidade. Dos informantes ouvidos só não ocorre a um, não sei se por coincidência, o mais jovem deles.³⁶

33. A estes podemos acrescentar mais quatro, transcritos ao mesmo informante, em outras circunstâncias. Cf. APFB, ponto 33, cartas: 28 [sa, buxu], 32 [ũ, buxu], 102 [paβu] e 145 [εβap^ugera]

34. Cf. págs. 11, 13, 15, 17, 19, 20 e 22.

35. t e d seguidos de i, como se sabe, normalmente se palatalizam no português do Brasil, em grau maior ou menor.

36. Na sua biografia, não há dados que forneçam explicação para o fato (cf. pág. XIV).

Do total de exemplos 39 ocorrem ao mesmo informante (ARO), o que nos poderia levar à conclusão de que se trata de uma característica individual. Não parece, entretanto, ser este o caso. A impressão que temos, levando em conta a observação direta da convivência de dez dias com uma população inteira, é a de que em qualquer um dos informantes -- ou pessoas que não os informantes utilizados -- poderia ocorrer exemplificação semelhante, se a todos tivéssemos aplicado um questionário desenvolvido ou se fôsse possível anotar sistematicamente exemplos do fato a toda a população. Ao informante ARO, de quem (por isto mesmo) possuímos material mais vasto e seguro, foi aplicado o questionário lingüístico de mais de três mil perguntas, com registro magnetofônico.

Convém observar que a consoante torna-se silábica quase sempre em sílaba final (42 exemplos) em função da apócope da vogal *i*³⁷. Duas vezes é silábico o *l* que antes se encontrava em situação implorativa.

GRAMMONT, Maurice. Traité de Phonétique, diz à pág. 102: "il n'est pas rare de trouver en phonétique, c'est-à-dire, dans les langues, des syllabes qui n'ont pas de voyelle". No português do Brasil, que sabemos, ainda não se tratou do problema. De referência ao português de Portugal, diz GONÇALVES VIANA. Portugais, pág. 9: "Les consonnes continues³⁸ peuvent à leur tour faire fonction de voyelles, formant par elles-mêmes des syllabes, sans le secours d'autres voyelles".

r e a l i z a ç ã o d a v i b r a n t e

Em situação explosiva admitimos "a existência de dois fonemas vibrantes que estão em complementação parcial, fazendo oposição distintiva só em posição intervocálica".³⁹

37. Três vezes apenas a vogal é *u*: *prk(u) gratuít(u) fɔsf(u)*. Duas vezes a vogal é *a*: *dzmk(a) mazurk(a)*. Em *fɔsf* devemos antes considerar as alterações fonéticas que sofre, já referidas à pág. 29.

38. Gonçalves Viana engloba nessa categoria as fricativas *f v s z*, as líquidas *l r* e as nasais *m n*. Essas consoantes, no falar local, não são as que mais ocorrem com valor silábico. De *r* silábico não registamos exemplo algum.

39. LÜDTKE. Recensão crítica a CÂMARA jr, Mattoso. Os fonemas do português (Boletim de Filologia, tomo XII, fasc. 3 e 4, Lisboa, 1951; pág. 354). Cf. também LÜDTKE. Consonantismo; HALL, Robert A. The unit phonemes of Brazilian Portuguese; LEITE, Yolanda e REED, David W. The segmental phonemes of Brazilian Portuguese.

Em situação implosiva temos 3 variantes: vibrantes alveolar (simples e múltipla), [r] [r̃], e uvular, [ρ]. Há uma variação facultativa dessas realizações, ocorrendo com maior frequência a vibrante alveolar (cf. pág. 24). Essa predominância pode ser confirmada em contextos onde só ela ocorre:

- antes de k (12 exemplos). Nessa situação concorre com a uvular apenas em *bɛ̃pku*, exemplo em que a vibrante é menos perceptível;
- antes de b (6 exemplos);
- precedido de a e i e seguido de m (5 exemplos)⁴⁰.

Em outros contextos, os exemplos são muito escassos, parecem ter muito de ocasionais, e não permitem explicar por um condicionamento fônico a preferência por esta ou aquela variante:

vibrante alveolar

- antes de ʃ (2 exemplos);
- precedido de ɟ e seguido de f (1 exemplo);
- precedido de ɟ e seguido de g (1 exemplo);
- precedido de e e seguido de n (1 exemplo).

vibrante uvular

- precedido de o e seguido de d (1 exemplo);
- precedido de ɛ o e seguido de s (2 exemplos);
- precedido de ei e seguido de n (1 exemplo).

Os casos em que a presença da vibrante explica-se por uma alteração fonética, muitas vezes ocasional -- já que ocorrem as formas correspondentes sem essa alteração -- podem enquadrar-se dentro da sua realização geral:

por metátese

por rotacismo *kaɾsa, kaɾsa, kaɾsa* *kaɾ, saũ, vaɾsa, bopsu*
sop, dadu ap, ta kaɾkã, ɾã

A tonicidade ou atonicidade da sílaba em que está a vibrante não parece condicionar a ocorrência das variantes (cf. pág. 24).

Com o material de que dispomos, nada mais podemos afirmar. Só - mente um questionário específico e um inquérito com a atenção voltada sistematicamente para esse problema poderia fornecer elementos mais próximos de definitivos.

40. Seguido de m mas precedido de e e u ocorrem as três variantes (cf. pág. 24).

t r a t a m e n t o d o r p ó s - v o c á l i c o

Em posição medial conserva-se. Em posição final normalmente sofre apócope; 6 vezes apenas conserva-se: *map, pa^p mo, to^p electo^p*
ʒup, itep at, ta^r

O r final aparece em casos esporádicos apoiado em i (cf. alterações fonéticas, pág. 31).

a r q u i f o n e m a s i b i l a n t e

Em posição pós-vocálica neutralizam-se as opções s/z ^{s/z}
 s/ʃ z/ʒ. Como vimos (págs. 18 e 19) s ^s ocorrem em posição medial antes de consoante surda e z ^z antes de consoante sonora. Antes de vogal só ocorre x e em posição final absoluta seguida de pausa ocorrem s ^s.

De uma observação sistemática dos exemplos transcritos, chegamos à conclusão de que a realização dos arquifonemas s-ʃ / z-ʒ não se deve a um condicionamento fonético de contigüidade -- visível, pelo menos. A escolha é facultativa, mas geralmente realiza-se como s o arquifonema.

| [s] | posposto a | antes de | átona | tônica | total |
|-------|------------------|----------|-------|--------|-------|
| | a i | p | 7 | 1 | 8 |
| | i | pr | 1 | | 1 |
| | a e é i o ɔ u | t | 18 | 9 | 27 |
| | a i õ | tr | 6 | | 6 |
| | a e é i o u | k | 14 | 9 | 23 |
| | a | f | 1 | | 1 |
| [ʃ] | | | | | |
| | a | p | | 1 | 1 |
| | a e é i o ɔ u ei | t | 9 | 8 | 17 |
| | a | tr | 1 | | 1 |
| | e i | k | 3 | | 3 |
| | ɔ | f | | 1 | 1 |
| [z] | | | | | |
| | i | b | 2 | | 2 |
| | u | d | 1 | | 1 |
| | a u | g | 4 | 1 | 5 |
| | ɲ ei | m | 2 | | 2 |
| | a i | n | 2 | | 2 |
| | a ɲ | v | 2 | | 2 |
| [ʒ] | | | | | |
| | a | d | 1 | | 1 |
| | u | g | | 1 | 1 |
| | i ei oi | m | 2 | 1 | 3 |

l p ó s - v o c á l i c o

| | | p r e c e d i d o d e | | | | | |
|---|-------------|-----------------------|---|---|---|---|---|
| | | a | ε | i | o | ɔ | u |
| velariza-se | 53 exemplos | 32 | 3 | 6 | 4 | 3 | 5 |
| torna-se explosivo
(l + i ; l + u) | 18 exemplos | 8 | 3 | 2 | | 4 | 1 |
| vocaliza-se | 9 exemplos | 4 | 3 | 1 | | 1 | |
| desaparece | 7 exemplos | | 3 | | | 2 | 2 |
| rotaciza-se | 7 exemplos | 5 | | | 1 | 1 | |
| conserva-se | 5 exemplos | 2 | | 1 | | 2 | |
| torna-se silábico | 2 exemplos | 1 | | | | 1 | |

Pelo quadro acima podemos ver que a tendência mais geral é a velarização. Há concorrência de tratamentos quando precedido de ε apenas. Nos demais casos uma mesma palavra pode apresentar dois, três e até quatro tratamentos diversos, mas a velarização é sempre um dôles.

Exemplos:

ɛ,brɛt̃ ɛ,brɛɫ̃
 ǣ,net̃ ǣ,nel̃ ǣ,neu ǣ,ne
 pa,paɪ pa,ɛt̃ pa,paɪ pa,ɛu pa,paɪ pa,ɛ

Os exemplos em que o l conserva-se sem velarizar-se não se parecem explicar por um condicionamento fônico qualquer:

ǣ,zol ɛ,brɛɫ̃ ɣolta pɛɪtu,ral kaɫsa

i e í s m o

De referência ao / λ /

Registamos 36 realizações da lateral palatal contra 50 casos de ieísmo. Das 36 realizações, 29 ocorrem em formas vocabulares registradas também com ieísmo. Apenas 7 ocorrem (uma vez cada) em palavras em que o ieísmo não se verificou: κωα,διλα το,αλα tu,αλα
 ατραπα,λαdu brɛ,λαt̃ ενα,γεlu ɣαργα,λαda

Representamos 7 exemplos pelo dígrafo ly que traduz uma palatalização de menor grau (cf. pág.26).

Em dois casos houve despalatalização: μυ,λε κυ,λε

De referência ao / ɲ /

Registamos 47 realizações da nasal palatal contra 21 casos apenas de ieísmo. Das 47 realizações, somente 4 ocorrem em formas registradas também com ieísmo:

| | |
|-------------|-------------|
| gá, lĩ pã | gá, lĩ ɣã |
| lĩ pã | lĩ ɣã |
| di, p̃es̃u | di, ɣ̃eru |
| kã mĩ, p̃ãũ | kã mĩ, ɣ̃ãũ |

Anotamos 12 exemplos em que ocorreu apócope silábica: -ĩ(p̃u) -
-ĩ(pã).

Podemos concluir então que

- os fonemas / λ / e / π / existem;
- / π / parece muito mais resistente a alterações;
- a existência do / λ / não é fundamental no falar local;
- o ieísmo é freqüente na localidade.

v o g a i s p r é - t ô n i c a s

Em posição pré-tônica neutralizam-se as oposições ε/e - ɔ/o (cf. pág.). Normalmente as pré-tônicas são abertas: 70 exemplos de ε , 60 de ɔ . Deixam de ser quando existe um fator condicionante: 37 exemplos de e, 37 de o. Todos êsses casos de e e o pré-tônicos podem explicar-se por um condicionamento fônico:

- 1- a presença na sílaba tônica de uma vogal fechada (19 exemplos de e, 23 de o), sugerindo uma assimilação à distância: p̃e, p̃o, l̃u se, k̃o
be, z̃o, ru te, p̃e, ru ^{pe} se, ve ɣ̃u o, ve, l̃a mo, to ^{po} de, t̃e, z̃a o, se, z̃a
pop, t̃e, z̃a
- 2- são derivados de uma forma com e (8 exemplos) ou o (2 exemplos) acentuados: be, p̃ãũ (beber) de, da t̃ (dedo) ɣ̃e, l̃a da (gêlo)
na mo, ra du (namôro) so, p̃, da du (sôldo?) ; ⁴¹
- 3- a vogal resulta da redução dos ditongos ei (7 exemplos), ou (1 exemplo), oi (1 exemplo): be, ɣ̃ã ⁴² ã ɣ̃e, ɣ̃a du fet̃, se, ru
ka t̃ de, t̃ãũ bo, ɣ̃e, ku a so, ɣ̃e, ru

Do total restaria explicar o condicionamento em s̃o, b̃r̃i, sk̃r̃i t̃a
ve, a du to, a l̃a .

A pré-tônica fechada no primeiro parece revelar a consciência da composição da palavra: sôbre + escrita.

41. 2 exemplos de e e 8 de o admitem conjuntamente as explicações 1 e 2: kũ me, do (comer) ku pe, do (correr) fo, su, ra (fôso), embora não tenha documentado nenhum exemplo de u tônico fechando o timbre (o) da pré-tônica, ko, ke, ru (côco) to, pi, ra (tôrno) .

42. Considere-se aqui também o fato de ser derivado de uma forma com e(i) tônico: be(i)jo. Não parece possível concluir qual dos dois fatores teria condicionado a pré-tônica.

O segundo está transcrito, como se vê, com um sinal em baixo da vogal [ϵ] para indicar um timbre menos fechado do que aquêle que se representa normalmente por e. Concorre ainda com $v\epsilon,adu$, em relação ao qual já apresenta uma tendência para o abrimto do timbre pré-tônico, o que também se observa no terceiro exemplo, que aparece ao lado de $t\epsilon,al\alpha$. Nesses dois últimos não devemos, pois, considerar a neutralização $\epsilon/e - \text{o/o}$ mas sim $i/e - \epsilon$ $u/o - \text{o}$.⁴³ Mais geral parecem ser as formas $v\epsilon,adu$, anotada oito vês e $t\epsilon,al\alpha$, anotada duas vês, enquanto $v\epsilon,adue$ e $t\epsilon,al\alpha$ anotaram-se uma vez cada e podem considerar-se variantes ocasionais daquelas.

Em $f\epsilon,\text{ã}\tilde{u}$ e $\pi\text{o},\text{r}\tilde{u}$ a pré-tônica realiza-se (uma vez cada) com timbre aberto apesar de existir um fator que geralmente condiciona o timbre fechado: redução do ditongo. Aparecem ao lado de $f\epsilon,\text{ã}\tilde{u}$ (duas vês) e $\pi\text{o},\text{r}\tilde{u}$ (duas vês).

No seu trabalho Tentativa de descrição do sistema vocálico do português culto na área dita carioca, apresentado ao Primeiro Congresso de Língua falada no teatro, A. HOUAISS diz: "A flutuação ou oscilação do [e'] para [i'], como se disse, parece condicionada, na área (e quiçá no Brasil, mas então com tendências diferentes), a dois fatores, que se contrabalançam ou se corroboram: um, certa 'harmonia vocálica', e o outro, a 'regularização morfológica' ". E mais adiante: "A oscilação de [o'] para [u'] parece sofrer um jôgo de tendências do tipo consignado em 22. 4. Mas apresenta feições próprias". E ainda: "Casos inversos de oscilação, v.g., de [i'] para [e'] ou de [u'] para [o'] tipo 'previlégio' ou 'sinosite' -- que ocorrem -- são obviamente ultracorreções".

A esse respeito o material que possuímos é difuso e instável, não permitindo confirmar ou não as observações do autor citado.

| | |
|------------------------------|---------------------------------|
| $ku\lambda a, r\tilde{z}a$ | } (colarinho) |
| $ku\lambda e, r\tilde{z}$ | |
| $ku\lambda e, r\tilde{z}\mu$ | |
| $su,pera$ | |
| $su,lera$ | ao lado de $so,lera$ |
| so,α (suar) | ao lado de su,α (assoar) |
| so,o | |
| $su,\tilde{\alpha}\mu$ | (suando - assoando) |

43. Consideração que pode aplicar-se também à ocorrência da forma di,dat (duas vês) e $d\mu,dat$ (uma vez).

subi,ãnu ao lado de sovi,ãnu

ʒo, ʒãnu

ʒo, ʒo

ʒu ʒã, do

bu, ta

'bo, ta

'bo, to

to, ma ao lado de tu, ma

pruzi, z

pro, zera

punhado

punhar ao lado de ponhar

punhei ponhasse

punhava ponharam

punhou ponhando

cistinha pásu, kãpa

simintinha faru, fãpa

trẽ, murã

vẽ, adu ao lado de vi, adu

tu, matu ao lado de tã, matu

tã, matu

na mora, dera

na ma, rãnu

na mo, rãdu

mo, leta (muleta)

kor, dadu (cuidado)

de, reda ao lado de di, reda

v o g a i s n a s a i s

Para nossos objetivos atuais, achamos preferível considerar cada uma delas um fonema distinto que se opõe a vogal oral,⁴⁴ contrariando assim a opinião de Mattoso Câmara, Hall e Reed, que preferem outra solução.

Lüdtke considera a existência no português (de Portugal, não esquecer) de 13 fonemas vocálicos (8 orais, 5 nasais) e assinala como uma das sérias dúvidas da língua portuguesa a interpretação fonêmica (fonemática, na sua terminologia) das vogais nasais.

44. Cf. HAMMARSTROM, Göran. Étude de Phonétique auditive sur les parlers de l'Algarve, pág. 41. E ainda STEN, Holger. Les particularités de la langue portugaise, pág. 30 e ss.

Considerando que existem oposições a:ã e:ê i:ĩ o:õ u:ũ, o que veremos logo mais adiante, e deixando de lado -- no momento -- a questão de que só seria possível considerar a vogal nasal um fonema distinto autônomo se houvesse uma oposição vogal nasal:vogal oral + consoante nasal ⁴⁵, preferimos aqui optar pela solução já referida.

45. Cf., a propósito, LUDTKE. Vocalismo, pág. 213.

II. SISTEMA FONÊMICO ⁴⁶

1. FONEMAS VOCÁLICOS

vogais tônicas

Fonema / a /

Determina-se a individualidade fonêmica do /a/ confrontando

/ a / - / ε /: ,pa ,pe ; ,sala ,sela

/ a / - / o /: ,pa ,po ; ,sala ,sola ; ,pala ,pola

Fonema / ε /

Além das oposições acima, temos ainda

/ ε / - / e /: ,ketu ,dedu ; ,setu ,sedu

Fonema / e /

Pela comparação acima feita e ainda

/ e / - / z /: ,deza ,deta ; ,feza ,feta ; ,keru ,kelu
,sz (nota musical) ,se (letra do alfabeto)

Fonema / z /

Pela oposição anterior e também

/ z / - / u /: ,sz ,su:(l)

Fonema / o /

Pelas comparações já estabelecidas e ainda

/ o / - / ε /: ,avo ,ve ; ,bola ,bolu ; ,loru ,loru

/ o / - / ε /: ,sotu ,setu ; ,movu ,nevu ; ,poza ,peza

Fonema / o /

Opondo-se além disso

/ o / - / u /: ,movu ,muvu

/ o / - / e /: ,kofsu ,kesu

Fonema / u /

As comparações já feitas demonstram o valor fonêmico do / u /.

46. Procuraremos ater-nos -- para provar a individualidade de cada fonema -- aos exemplos por nós registrados. Quando esses não forem suficientes, recorreremos a exemplos tirados do APFB (ponto 33), o que nos parece válido, tanto mais quanto realizamos nós o próprio inquérito naquele ponto. Quando ainda assim não tivermos os elementos necessários, lançaremos mão de exemplos tirados da língua, cuja existência no falar local seja lícito admitir. Os exemplos do APFB irão entre parênteses. Os do último caso em transcrição ortográfica e grifados.

As oposições serão exemplificadas -- de preferência -- em ambiente idêntico e, quando necessário ou subsidiariamente, em ambiente análogo.

vogais átonas
pré-tônicas

Reduz-se o quadro a 5 vogais, desaparecendo as oposições

/ɛ/ - /e/ e /ɔ/ - /o/:

fɛ, ʒãũ fɛ, ʒãũ
fɛpɔ, durɔ fɛpɔ, durɔ
bɛ, puɣɔ bɛ, puɣɔ
sɛ, ɣũdɔ, fɛrɔ sɛ, ɣũdɔ, fɛrɔ

mɔ, rãũ mɔ, rãũ
ʃɔ, rãnu ʃɔ, rãnu
kɔ, pɪtɔ kɔ, pɪtɔ
tɔ, matɪ tɔ, matɪ
sɔ, pɪãnu sɔ, pɪãnu
vɪɔ, lãũ vɪɔ, lãũ

Fonema /a/

/a/ - /ɛ/ / o/ : bɔ, puɣɔ bɛ, puɣɔ
/a/ - /ɪ/ / o/ : a, rɛz, ɔ o, rɛz, ɔ

Fonema /ɛ/

/ɛ/ / e/ - /ɪ/ : pɛ, zɔ pɪ, zɔ
/ɛ/ / e/ - /ɔ/ / o/ : pɛ, zɔdɔ pɔ, zɔdɔ (hospedada) ;
sɛ, lɔdɔ (salada) sɔ, lɔdɔ (sola de sa-
pato) ; pɛ, lɔdɔ pilado ⁴⁷

Fonema /ɪ/

/ɪ/ - /u/ : sɪ, lɔrɔ sɹ, lɔrɔ

Fonema /ɔ/

/ɔ/ / o/ - /u/ : sɔ, ɔ (suar) sɹ, ɔ (assoar) ⁴⁸ ; kɹ, rɔd (es-
pécie de comida) corar

Fonema /u/

Ver as oposições feitas acima.

Nessa situação algumas oposições são mais freqüentes que outras. Algumas vêzes neutralizam-se as oposições /ɛ/ / e/ - /ɪ/ e /ɔ/ / o/ - /u/ ; por exemplo: tɛ, bɛrɹu tɪ, bɛrɹu ; dɛ, rɛdɔ dɪ, rɛdɔ ; sɛ, ɣũdɔ sɪ, ɣũdɔ ; tɔ, matɪ tɹ, matɪ ; sɔ, lɔrɔ sɹ, lɔrɔ ; kɔ, rɔ, sãũ kɹ, rɔ, sãũ
/ɪ/ e /u/ podem também estar em variação livre:
lɪ, brɛnɔ lɹ, brɛnɔ ; pɪ, sɔ, nãdu pɹ, sɔ, nãnu

47. Registamos pɪ, lɔ .

48. Na forma de gerúndio já não ocorre êsse contraste:

sɹ, ɔnɹu (suando e assoando).

vogais átonas
pós-tônicas finais

Reduz-se ainda mais o quadro para 3 vogais:

Fonema / a /

/ a / - / ɛ / : ,brɔsɐ ,brɔsɛ

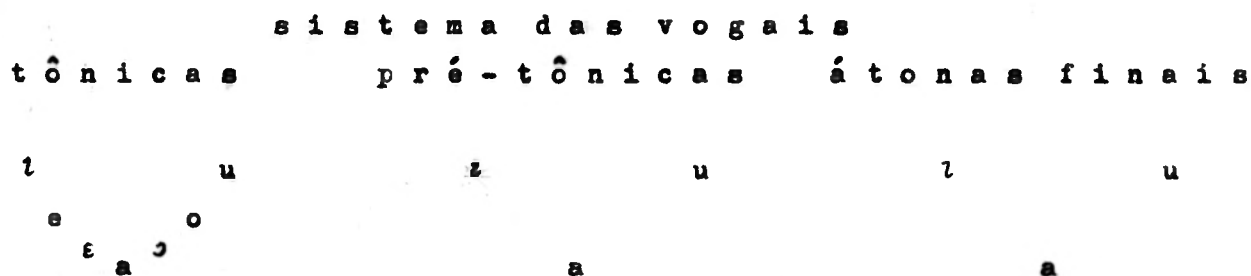
/ a / - / u / : ,brɔsɔ ,brɔsu ; ,prɔtɐ ,prɔtu
 ,patɐ ,patu e muitas outras oposições de gênero.

Fonema / ɛ /

/ ɛ / - / u / : ,nɔvɛ ,nɔvu ; ,fɛsɛ ,fɛsu

Fonema / u /

Os contrastes acima demonstram a sua individualidade fonêmica.



Definindo os fonemas vocálicos:

- / a / vogal central baixa aberta não-arredondada
- / ɛ / vogal anterior média aberta não-arredondada
- / e / vogal anterior média fechada não-arredondada
- / ɛ / vogal anterior alta fechada não-arredondada
- / ɔ / vogal posterior média aberta arredondada
- / o / vogal posterior média fechada arredondada
- / u / vogal posterior alta fechada arredondada

vogais nasais

Fonema /ã/

/ã/ - /a/: ,plãta ,plata ; ,prãta ,prata ; ,lã la

Fonema /ẽ/

/ẽ/ - /e/: rende ,pede ; sendo ,sedu
rente

Fonema /ĩ/

/ĩ/ - /i/: ,pĩtu ,pitu (cachimbo) ; ,pĩ ,pi(o)

Fonema /õ/

/õ/ - /o/: ,kõsa ,kosa ; ,tõtu ,todu ; ,trõuku ,troku

Fonema /ũ/

/ũ/ - /u/: ,fũbu chupo ; ,nũs nua ; ,nũ nu ;
 ,nũka nuca

O fato de não termos anotado palavras como rende e chupo explica-se pela dificuldade de se obter do informante uma forma verbal flexionada. Podem ter ocorrido numa conversa informal sem que as tivéssemos registado. Difícilmente, porém, não serão correntes tais palavras na localidade. Quanto a nu e nua, a única explicação é a de não ser pergunta regular do QL. Parece fora de qualquer dúvida que a palavra exista. Quanto à nuca, nada podemos garantir: a existir não será usual, pois obtivemos sempre como resposta a essa pergunta: kã, gote. Sendo deve ocorrer, mas a forma assimilada do gerúndio talvez seja mais freqüente.

2. FONEMAS CONSONÂNTICOS

Fonema / p /

/ p / - / t /: ,pɔsɨ ,tɔsɨ

/ p / - / k /: ,pĩtu ,kĩtu ; ,pěť ,kětɨ

/ p / - / b /: ,pera ,bera ; ,poka ,boka ; ,pẽga ,bẽga

/ p / - / m /: ,puru ,muru ; ,pula ,mula

/ p / - / d /: ,pěť ,dět

Fonema / t /

/ t / - / d /: ,tɔka ,dɔka ; ,kwapta ,ɣwapta

/ t / - / b /: ,tapa ,bapa

/ t / - / n /: ,tetu ,netu ; ,tɔsɨ ,nɔsɨ

/ t / - / s /: ,tɔka (,sɔka)

/ t / - / k /: ,tasu ,kasu

Fonema / k /

/ k / - / g /: ,kɔlu ,ɣɔlu ; ,kɔʒu (cagado) ,ɣɔʒu

Fonema / b /

/ b / - / m /: ,bala ,mala

/ b / - / d /: (,biba) ,dita

/ b / - / g /: ,bola ,ɣola ; ,bɨsu ,ɣɨsɨ

/ b / - / v /: (,bɨba) ,vɨva

Fonema / g /

/ g / - / ʒ /: ,fogu ,foʒu

Fonema / d /

/ d / - / n /: ,dedu ,netu

/ d / - / s /: ,duru ,suru ; ,dedu ,sedu

Fonema / f /

/ f / - / v /: ,faka ,vaka

/ f / - / s /: ,fera ,sɛra

Fonema / v /

/ v / - / z /: ,uva ,uza

Fonema / s /

/ s / - / z /: ,kasa ,kaza ; ,pasa ,paza ; ,brasa ,braza ;
kã ,sãdu ka ,zãdu

/ s / - / ʃ /: ,mosa ,moʃa

/ s / - / ʒ /: ,sɨ ʒɨ

Fonema / z /

/ z / - / ʒ /: ka ,za caja ; ka ,ʒu casou

Fonema / ʃ /

/ ʃ / - / ʒ /: ,ʃa ʒa ; ,ʃɔka ʒɔga ; ,ʃeru ,ʒɛlu

Fonema / ʒ /

As comparações até agora demonstram o seu valor fonêmico.

Fonema / m /

/ m / - / n / : ,mãũ mãũ

Fonema / n /

/ n / - / s / : ,nãũ ,sãũ

Fonema / ñ /

/ ñ / - / n / : ,sõnu ,sõnu

Fonema / l /

/ l / - / r / : ,selã ,serã ; ,kalu ,karu

/ l / - / ll / : ,velã ,velã

Fonema / ll /

/ ll / - / ñ / : kar,tũlã kwãr,tũpã ; ãulu ,ãũnu

Fonema / r /

/ r / - / p / : karu ,karu ; ku,rã ku,rã ; ãrẽrã ãrẽrã

/ r / - / d / : ,serã ,sedã

Fonema / p /

/ p / - / ll / : ,puã ,luã ; se,pãdã se,lãdã

| | | | |
|---|---|---|----|
| p | t | | k |
| b | d | | g |
| m | | n | ñ |
| | f | s | ʃ |
| | v | z | ʒ |
| | | l | ll |
| | | r | ʀ |

Definindo os fonemas consonânticos:

/ p / oclusiva bilabial surda

/ b / oclusiva bilabial sonora

/ t / oclusiva dental surda

/ d / oclusiva dental sonora

/ k / oclusiva velar surda

/ g / oclusiva velar sonora

/ m / nasal bilabial sonora

/ n / nasal alveolar sonora

/ ñ / nasal palatal sonora

/ f / fricativa labiodental surda

/ v / fricativa labiodental sonora

/ s / fricativa alveolar surda

/ z / fricativa alveolar sonora

- /ʃ/ fricativa palatal surda
 /ʒ/ fricativa palatal sonora
 /l/ lateral alveolar sonora
 /ʎ/ lateral palatal sonora
 /r/ vibrante simples alveolar sonora
 /p/ vibrante múltipla uvular sonora

ESTRUTURA SILÁBICA

Tipos de sílabas que ocorrem:

mais freqüentes

- CV *tu, u, lasu, kolosu, suru*
 CVC *bot̃su, a, gostu, fup, miga, map̃ ku, beita*
 V *a, ti, u, osu, vi, adu, su, e, so, o*
 CVV *su, pa, maĩ, teu*
 VC *is, pesa, is, trada, pa, is, a, ingola*
 CCV *bru, waka, prẽ, mes, a, tu, ber, u, pratu*
 VV *ãsu, ãũ, fi, cu, au, rora, e, tãũ, ou, so*

de menor freqüência

- C *dẽt, pe, s, pra, t, lera*
 CCVC *a, brul, kris, kwãt, dad, trõku*
 CVVC *o, se, s, a, pou, s, pa, is*

esporãdicamente

- CCCV apenas em *sõbru, skrta*

III. A S P E C T O S D A M O R F O - S I N T A X E

N o t a p r é v i a

Os dados que apresentaremos serão de algum modo fragmentários . Se tivéssemos realizado um inquérito orientado especificamente para este objetivo talvez tivéssemos elementos que permitissem estabelecer com rigor o sistema morfo-sintático. Limitar-nos-emos aqui a apresentar aqueles aspectos que nos pareceram merecer um destaque dentro do material levantado. No futuro poderão contribuir -- quem sabe -- para a organização de um questionário básico sobre a morfologia e sintaxe de outros falares.

1. G Ê N E R O

A categoria de gênero apresenta na localidade algumas flutuações. A noção formal de gênero parece existir mas vai, em alguns casos, de encontro ao que gramaticalmente já se acha estratificado. Palavras que pela sua terminação poderiam pertencer a qualquer dos dois gêneros e que se consideram normalmente do gênero feminino aparecem aqui como masculinas: o hortelã, o hortelã-pimenta (conhece êle ;), o bronquite (meu bronquite - tenho êle; depois do bronquite), o capa, um coisa [de botar água], um lebre ⁴⁹.

Algumas palavras ocorrem como femininas ou masculinas: paliteira (uma vez), paliteiro (uma vez); navia (uma vez), navio (duas vezes); colarinho (duas vezes); cavaquinho (uma vez); remo (uma vez); sêta (quatro vezes); vinha (uma vez). Cinto e vinho não ocorreram.

Formas femininas, com a substituição da terminação a por u são tratadas como masculinas: u kab, seru [possivelmente por influência de travesseiro]; zabutu [meu -- é êsse]. Por outro lado uma forma masculina em que se substituiu a terminação u por a continua a pertencer ao gênero masculino: u kab, pega [o que se põe dentro da espingarda; PDBLP: "(bras.) carga de peça de artilharia"].

49. Cf. JOSÉ PEDRO MACHADO, s.v. lebre: "...porque um passo conheço eu do séc. XVI onde o voc. ocorre com os gêneros feminino e masculino: '...cortandolhe as pernas lançouas a huma lebre que junto delle estava, nam pouco estimada de el rey...Ho lebre em as comendo era tal a peçonha com que ho pavão fora concertado já pera aquelle fim... porque ho lebre em pouco espaço arrebentou', JORGE FERREIRA DE VASCONCELOS, Memorial da Tábola Redonda, cap. 18, p. 104".

O feminino analógico *apfa, atã* ocorre duas vezes em lugar de costureira. É constante *ma, d'astu* como feminino de padrasto. Infelizmente, a forma ocorreu sempre como resposta monovocabular, em circunstâncias que não permitiram anotar a forma do artigo que com ela usam.

bēga é empregado no masculino. No PDBLP figura como "s. f. e m.". Em AULETE apenas como "s. f."

Em uma surdeza houve a substituição do sufixo -ez por -eza.

Registamos algumas elocuições em que a concordância de gênero não parece muito clara:

1. qualquer uma coisa redondo
2. conhece êsse uma aqui?
3. êsse aqui é uma...

No primeiro exemplo temos a anotar que o registo que possuímos deixa alguma dúvida quanto ao gênero do adjetivo, uma vez que a tensão articulatória da vogal final do adjetivo é mínima. Outro fato que convém lembrar é que -- como podemos ver no parágrafo inicial deste capítulo, à página anterior -- anotamos a ocorrência de um coisa.

No segundo deve-se considerar a dificuldade da delimitação vocábular: conhece êsseumaqui? A anotação foi feita no próprio campo e no momento pareceu-nos válida aquela interpretação.

O terceiro ocorreu na seguinte situação: o informante vinha -- na sua roça -- enumerando para o inquiridor as plantas que havia. Uma possivelmente concordará com o nome da planta que se seguiu (o qual, infelizmente, não anotamos) e êsse pode estar por isso (q.v. demonstrativos).

Na elocução eu penso que aqui tem metal de qualidade diferente uma a qual inda não foi descoberto a concordância podemos supor que se faça do participio passado descoberto com o substantivo metal e do relativo uma a qual com o substantivo qualidade.

2. N Ú M E R O

-s final normalmente conserva-se. Como marca de plural, ocorre quando a palavra aparece isolada: *us, pesas, vez, as, sãbas, folas, fetu, serus, modas [cantigas], pasã, zerus*. Quando a palavra vem precedida de um determinante o morfema pode aparecer, com grande freqüência, apenas neste: *uz, dēt, as, karz, as, kovã, as, fã, uska, ũmast, sã, zĩ, ũava, zĩ, pã, àzĩ, mãzi* mas pode ocorrer também em ambos: *azĩ, pugã, uz, zã, zus, uz, gõmus*

No texto elocucional cantado que se segue podemos verificar as duas possibilidades, que não parecem obedecer a uma norma pré-estabelecida:

Jora: z, mãĩ, pe lã^[?] seu f, f, r, lã
 a z m u, l e, su^[?], seu z m a, r i d u
 a z i p, mã z u^[?], seu z i p, mã u s
 a z m a, dã mã ^[?] seu s k i, r i d u 50

3. FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Empregam-se os sufixos -e(i)ro/-e(i)ra (de muita vitalidade) , para formar substantivos, com o valor de grande quantidade, agente , pessoa que exerce a ação:

moie(i)ro

mioace(i)ro [mɔzã, sera] muita chuva

chuve(i)ro [ʃu, vera]

lame(i)ro [lã, meʃu] muita lama

investigade(i)ra (dizendo que o inquiridor era —)

curade(i)ra (feiticeira)

chaveiro [ʃã, vera] pessoa que guarda as chaves, guardião da igreja .

O sufixo está presente também em _____ , designando a própria coisa (sinônimo de garapa e do gênero masculino: aquêle garape(i)ro), não a pessoa que a faz.

Com o valor de agente ocorre o sufixo -ista em vez de -e(i)ro em (dono do hotel).

Os sufixos -udo/-uda,

-ão,

-usa [por osa] servem para formar adjetivos, designando

qualidade:

maludo [ruim, de mau gênio: rio —; "os bruto, êsse povo que quê(r) avança(r) im tudo"]

corajuda

caniluda [tangengo uma galinha: "sai daí —"]

risão [risonho]

[feiosa, por influência de feiúra, provavelmente].

Em combina [combinação, acôrdo] temos -- como em planta -- um deverbais.

Anotamos a substituição do sufixo verbal -ecer por -ear:

fraquiou [enfraqueceu] - existe [garimpo] mas já fraquiou muito

cariou [encareceu] - depois que carne cariou do jeito que tá...

Dos prefixos destacamos di-, que parece ter valor reforçativo, em dimuda, dimudado e en- por a, designando passagem para um estado: endoçar [adoçar].

50. Nos trechos grifados, não há dúvida quanto à presença do morfema. Nos trechos assinalados com uma interrogação entre colchêtes, na da podemos garantir.

4. PRONOMES

p e s s o a i s yeu, eu tu, você, ocê êle me, mim, te, ti
 nós eles, vocês, ocês

O emprêgo de tu⁵¹ é freqüente e ocorre sempre com a forma verbal coincidente com a de terceira pessoa. O seu uso pareceu-nos indicar um maior grau de intimidade entre os interlocutores. As crianças tratam-se por tu:

se tu comê(r) esta pimenta tu é corajuda

mas se tu vié(r)

tu vai moiá(r), tua casa é longe

Os possessivos correspondentes, teu, tua, o teu ocorrem com grande freqüência: tua casa é longe, o teu só tem três, etc. Registamos alguns exemplos nas quadrinhas:

Quem me dera, dera, dera

Teu plã, te, ã, pe: dr, kravu so, yeu so, fu

quem me dera já morrê(r)

na zi, tiela du se, bradu . . . "

se ponthasse bem juntinho

na mo, rez kô, teu a, mo: " "

meu coração mais o teu

na mo, rez, ta na mo, radu adêuzã, deus

O plural de tu é ocês, vocês:

se ocês ficasse:..

o qual vocês vêem

As expressões a gente, o povo, a senhora, o senhor, dona, sá dona, sá gente substituem muitas vezes os pronomes⁵².

d e m o n s t r a t i v o s

Os demonstrativos ocorrem sob as formas êste um, esta, uma, êsse um, essa uma, aquêle um, aquela uma na maior parte das vezes.

êste um aqui

esta uma aqui

esta uma, [a de] Morro do Fogo e [a de] Catolés (nomeando as igrejas)

êste um é encantado

nessa uma mina que tem ali

aquela uma que veio com a senhora não quis vim mais? (indagando sobre a pessoa que havia acompanhado o inquiridor na viagem anterior à localidade)

51. A atenção que despertou o uso freqüente de tu por você resultou do fato de em Salvador, que serviu de ponto de referência -- não sistemático e nem sempre consciente talvez -- para o inquiridor, ser muito raro o uso daquele pronome.

52. O inquiridor foi tratado a princípio por a senhora e sá dona, mas depois de alguns dias de permanência na localidade recebeu o tratamento que se estende a quase todos os habitantes: tu. Quando se dirigiam ao inquiridor e mais uma pessoa diziam ocês, vocês.

Menos freqüentemente ocorrem êste, êsse, esta, essa, etc. :

essa morreu

essa aqui

minha profissão é esta

Quanto à oposição êste-êsse não podemos garantir que se faça. A distinção êste um aqui-êsse um aí ocorreu em um único informante.

Registamos o emprêgo de êsse por isso em duas elocuições, na primeira muito provável, na segunda possivelmente:

o seguinte é êsse [uma explicação que vai ser dada]

êsse aqui é uma ... [cf. pág. 50]

r e l a t i v o s

O relativo quem tem emprêgo muito restrito. Cujo não ocorreu. O qual é empregado geralmente em seu lugar, ocasionando uma inversão dos termos da frase, uma ordem que a tradição gramatical considera anacolútica:

essa morreu o qual ela tem fio que fala é tudo errado [essa cujo fi lho fala tudo errado morreu].

Construções do tipo

| | |
|-------------------------|--------------------------------|
| demonstrativo | [aquêle] |
| relativo preposicionado | [com quem]
o qual |
| sujeito | [a senhora] |
| verbo | [está morando, está hospedada] |

têm o seguinte tratamento:

| | |
|--------------------------------|----------------|
| demonstrativo | [aquêle] |
| relativo(sem a preposição) | [que] |
| sujeito | [a senhora] |
| verbo | [está pousada] |
| preposição | [com] |
| pronome pessoal correspondente | |
| ao relativo | [êle] |

A preposição de apareceu antes do relativo, mas repetiu-se no fim da oração com o pronome:

uma mineração da que nós bebe é dela

i n d e f i n i d o s

Registamos o emprêgo de tudo por tôda e de algum por alguém:
tinha a limandade [irmandade] tudo vivo

as coisas diferencou tudo [tôdas as coisas ficaram diferentes]

é raridade ir algum [é raridade ir alguém para Salvador]

é algum que deita o nome [que dá nome a um boi].

5. GRAU

Os têrmos de comparação podem ser usados apenas como reforço :
tenho tanto como dois

O segundo termo da comparação quanto é substituído por que nem:
tanto êle chorava que nem eu [êle chorava tanto quanto eu]

Ocorreu o superlativo riquíssimo.

6. FRASES NEGATIVAS

É normal o emprêgo de duas partículas negativas numa mesma frase. Podemos distinguir os casos seguintes:

1. repetição da partícula não depois do verbo, no fim da oração:
mas igual laranja não tem não
não fui ni teatro não
a chuva não quer dar fuga a gente não
2. partícula negativa não logo depois do indefinido ninguém, no fim da frase, como no caso anterior, ou partícula não antes e depois do verbo:
ninguém não sabe
ninguém tão trabalhando isto não
ninguém não trabalha não
3. advérbio nunca mais indefinido nenhuma:
porque eu nunca gostei nenhuma
4. repetição da partícula não antes do infinito do verbo numa perífrase, quando o auxiliar é deixar:
aquilo não deixa de não fazer febre

7. PREPOSIÇÕES

Ni por em é geral no falar. Não registamos a ocorrência da preposição -- sob qualquer forma -- com o valor de "em casa de" (cf. CUNHA, Celso Ferreira da. Ni "em" = "em casa de". Ibérica, ano II, n.º 4, Rio de Janeiro, dezembro de 1960; págs. 151-156). Admitimos a possibilidade de ocorrência nessa acepção sem que tivéssemos anotado.

só tem ni Rio de Contas

ni Paraná

ni Bauru

você estêve ni escola

eu como nunca fui ni escola

não creio ni imagem que homem faz

inda não fui ni teatro não

costura ni um saquinho de retrós

Registamos o emprêgo de in por a nas expressões:

fui la' in procura de um remédio

sol *ĩ, pĩ nu*

e de de por para em:

fica de sempre

A preposição até ocorreu sob as formas: *a, te a, te ĩ, te*.

Nas expressões de dia, de noite e, ao que parece, no tempo de os substantivos dia, noite, tempo ocorrem sem a preposição, precedidas do artigo:

eu só trabalho o dia

trabalhar o dia e a noite

eu também assim o dia não durmo

viajando só o dia

o dia e a noite [= de dia e de noite]

estrada ruim está o tempo de chuva

Ocorrem ainda as preposições em riba de; debaixo de; na beira de [= diante de]:

ĩ, pĩ ba du, bã ku

di, ba su du, bã ku

falo na beira de qualquer pessoa, na beira de deputado, na beira de prefeito [o informante queria demonstrar que não temia expressar as suas opiniões diante de qualquer autoridade].

8. ADVÉRBIOS

Registamos a ocorrência dos advérbios de modo malmente e mal e mal nos seguintes contextos:

sei *ma^p, mēti* escrever o nome

depois riscou meu nome *malē, ma^u*.

O advérbio mais ou menos ocorreu precedido do artigo: por fora tá o mais ou menos [descrevendo o aspecto da igreja]

O advérbio ao menos, pelo menos ocorreu sob a forma meno em: se ocês ficasse meno até quarta-feira

O adjetivo bom aparece com o valor de advérbio, em lugar de bem: você estêve ni escola, você escreve bom.

9. CONJUNÇÕES

O limite de 'tempo a partir do qual' ocorre uma determinada circunstância é expresso por durante [= desde que]:

durante eu nasci eu sou daqui

A situação de uma ocorrência cíclica num tempo dado é expressa

por depois que quando [= tãda vez que]:

depois que quando passou novembro ela (a rosa) desaparece.

10. EXPRESSÕES

Ocorreram esporãdicamente as expressões morava ausente [para indicar que uma pessoa estava ausente da localidade numa determinada época], dorme mal dormido [querendo dizer que não dorme bem], caindo queda [= levando queda pelo caminho, para dar idãia da precariedade da estrada], serã os impossive por serã possivel!, numa violãncia por num instante [vai numa violãncia e volta], fazer que [= supor] em : eu fazia que isso era frio.

Freqüentemente ocorrem a ispeça de, na ispeça de, posiçã de, na posiçã de com o valor de uma espãcie de, semelhante a:

a ispeça de uva

na ispeça de linho, platina, etc.

na posiçã de torta

posiçã de sopa.

Para voltar a uma coisa jã referida antes empregam a dita:

na dita cabaça

nessa dita mina

ã tambã freqüente o emprãgo de um substantivo, posposto a outro substantivo, com funçã de adjetivo:

um pendão beleza

um lustro beleza

uma lagoa muito beleza

uma rodagem colosso

um quintalzinho besteira [= pequeno, insignificante].

11. CONCORDãNCIA VERBAL

Quando o sujeito da frase ã um coletivo -- pessoal, gente, povo -- ou o indefinido ninguã, o verbo vai para o plural:

nosso pessoal quase todo foram

o povo deixaram o garimpo

o povo não deixaram vender

quase que ninguã fizemo nada

mais ninguã estão trabalhando

Essa concordãncia ideolãgica parece demonstrar que existe a consciãncia de sujeito constituído por mais de uma pessoa → verbo no plural: foram, deixaram, estão, fizemo(s) (neste caso uma coletividade em que o sujeito falante tambã se inclui).

Muitas vãzes a concordãncia se faz não com o sujeito mas com o

sujeito mas com o predicativo ou outro complemento:

tôdas duas é veronca

os pulmões era bom e é

as môça não dá taba nêle

como é que vocês passou o rio?

Quando o sujeito está posposto, o verbo fica no singular:

na sêca fica só os varutinho

Quando o sujeito plural não está formalmente expresso a noção de plural é dada pelo verbo:

mas porém tiraram o efeito da igreja

ponham ouro fino nos alicerces da igreja

vão ganhar ordenado, em Salvador é preciso emprêgo, não tem o cartaz de empregar [explicando porquê só viajam para São Paulo e Paraná].

12. V E R B O

p e s s o a

t e m p o - m o d o

A forma verbal para a segunda e terceira pessoa é a mesma:

tu vai

você vai

A primeira pessoa do plural perde o -s final . A terminação -emos dos verbos em -er e ir estende-se aos verbos em -ar:

montemo, travessemo, cansemo, passemo

O indicativo substitui normalmente o modo subjuntivo nas orações subordinadas:

é bem possível que êle arruma

que eu conheço, não

O modo subjuntivo ocorre apenas com o tempo imperfeito ou futuro:

se osês ficasse

se ponhasse

A forma do futuro do subjuntivo coincidente com a forma do infinito estende-se mesmo aos verbos ditos irregulares:

se tu comê(r)

do jeito que querê(r)

ali carrega carga do que querê(r)

Excetua-se:

mas se tu viê(r)

O futuro do indicativo pode ser expresso pelo presente do indicativo ou pelo presente do verbo ir + infinitivo :

vai surtir

tu vai moia(r)

vai(ser) tomado

A forma de futuro ocorreu apenas em:
eu creio que poderá ter ...

O modo imperativo ocorreu esporadicamente e pode ser confundido com o presente do indicativo:

vigia menino, vê se tem mais

cura [= benze] a moeda e põe no pescoço

De referência às modificações que sofrem as formas verbais, destacamos:

sabi por soube

trusi, troji por trouxe

vevi por vive

Pôr apresenta como forma de infinito ponhar ou punhar e segue o paradigma dos verbos em -ar:

imperfeito ind. punhava

subj. ponhasse

perfeito ind. punhei

punhou

ponharam

gerúndio ponhando

part. pass. ponhado

13. REGÊNCIA

Os verbos trabalhar (pelo menos quando o objeto é garimpo), gostar, [= ter afeição], surtir [= resultar], imaginar [= pensar] ocorrem como transitivos diretos:

mas ninguém tão trabalhando isto não [trabalhando em garimpo]

trabalho garimpo

não sei porque eu nunca gostei nenhuma

ninguém sabe o que vai surtir este mundo

não imagina viajar

Os verbos atender [= dar atenção], acontecer, conhecer são relativos:

aqui já houve crise por causa do povo atender muito a garimpo

acontece de perder tudo

conheço de luta [pelo nome de luta].

Chamar [= ter nome, denominar-se] é transitivo:

chama leitão [= chama-se leitão]

O comparativo igual ocorre sem a preposição a:

mas igual laranja não tem não
de doçura é igual açúcar

O adjetivo capaz ocorreu seguido de que em vez de de, em:
é capaz que não ...

14. A R C A Í S M O S

Registamos as formas *lũs*, *fructa*, repostar, me repostou. Segundo JOSÉ PEDRO MACHADO a forma *lũs* deve remontar ao séc. XIV, sendo substituída por lua a partir do séc. XV. Não há indicação em J. P. MACHADO, NASCENTES e também nas gramáticas históricas sobre a época de aparecimento de fruta.

J. P. MACHADO regista reposta: "só a documento a partir do séc. XIV ...; continua em uso na linguagem popular de Portugal e Brasil".

Anotamos ainda *atrã,fo* e *bẽ,sãũ*. A primeira (cf. J. P. MACHADO, s.v. cânfora) aparece no séc. XVI. A segunda era a forma corrente no séc. XV: "...por aver a dita Senhora a vossa benção de partir tar de ...", Lopo de Almeida, Cartas de Itália, 3, ed. de 1935" (JOSÉ PEDRO MACHADO, s.v. bênção)

Anotamos as seguintes locuções: ⁵³

1. deve a limpar quem está sujo
2. deve a vestir quem está esmulambado

No primeiro exemplo temos duas possibilidades de interpretação, a partir da delimitação vocabular que se faça:

deve a limpar

ou

deve alimpar

Sobre a sintaxe de dever como auxiliar seguido da preposição a as gramáticas históricas não fornecem uma cronologia precisa. Só a partir dos textos arcaicos é possível concluir que "a sintaxe dever a é a mais antiga e predominante no séc. XIII" ... "que houve um certo equilíbrio das duas construções ⁵⁴ em meados do séc. XIV" (cf. SAMPAIO, Vera Lúcia R.M. "Dever como auxiliar modal num texto do séc. XIV". Arquivos da Universidade da Bahia, Faculdade de Filosofia, vol. VII, 1959-1960-1961, Salvador, 1963; págs.157-164).

53. Não há registo magnetofônico dessas ocorrências. O inquiridor anotou-as em conversa informal, em casa de um informante (MSL), fora do decurso do inquérito.

54. dever a + infinito; dever + infinito.

A segunda interpretação nos forneceria alimpar, forma que segundo JOSÉ PEDRO MACHADO era corrente no séc. XIV⁵⁵ (cf. J. M. MACHADO Dic. Etim., s.v. limpo).

No segundo exemplo o emprêgo do auxiliar dever + prep. a é mais clara, parece, a não ser que se considere a hipótese de uma forma avestir.

Registamos a ocorrência dos numerais undécimo e duodécimo. NUNES, Gram. Hist., pág. 212: "a língua antiga, a par do mesmo processo, costumava inverter a sua colocação, dizendo: décimo, undécimo, duodécimo, ...".

Registamos ainda as expressões: por amor de, em antes de, mas porém:

pra, modi to, ma , *modi* as chuvas;
ē, pã de, ortu, pra , tomar um remédio inhanti disso aumentar;
 ... mas porém tiraram o efeito da igreja, ... mas porém os que sabe contar, ... mas porém vai tomado, etc.

Por amor de, mas porém estão anotadas em SERAFIM, Introdução: "Certas expressões do português dantanho como são conservadas na fala dos nossos matutos (pág. 202 da 2^a ed.).

Sobre o emprêgo das duas adversativas mas porém podemos fornecer alguns exemplos na Gramática de Fernando Oliveira, a partir do glossário que está sendo elaborado por NADJA MARIA CRUZ DE ANDRADE: cap. XVII, linha 12; XXXI, 17; XXXII, 29; XXXVII, 10; XLII, 24, 38; XLIV, 61 (indicações segundo a edição de 1536).

Em antes de figura em AMADEU AMARAL, O dialeto caipira, pág. 34, como locução arcaica ou pelo menos de "sabor arcaico bem pronunciado".

55. Nos Diálogos de São Gregório, livro II, encontramos alguns exemplos:

"e o frade noviço fazêdo todo seu poder pera alimpar o logar em que queriã fazer o orto..." (pág. XVI, l. 5); "assi come a terra depois que a alipham das espíhas e dos cardos..." (pág. VII, l. 31). As indicações vão dadas a partir do original datilografado da edição crítica dos Diálogos, livro II, por ROSA VIRGÍNIA MATTOS E SILVA.

IV. ÍNDICE DE PALAVRAS

| | |
|---------------------------------|----------------|
| <u>a, bra</u> | pág. 31 |
| <u>a, bre</u> | pág. 1 |
| <u>a, briz</u> | pág. 37, 48 |
| <u>a, brēt</u> | pág. 3, 37 |
| <u>a, brizē</u> | pág. 3, 31, 37 |
| <u>a, data</u> | pág. 31 |
| <u>a, doβu</u> | pág. 11 |
| <u>a, gofku</u> | pág. 19, 48 |
| <u>a, grad^a, sdu</u> | pág. 5 |
| <u>a, gofē</u> | |
| (cf. APFB, car-
ta 66) | pág. 29 |
| <u>a, gofē</u> | pág. 6, 30 |
| <u>a, kã, padu</u> | pág. 6 |
| <u>a, lã, brik</u> | pág. 6, 13 |
| <u>a, le, vãka</u> | pág. 2, 32 |
| <u>a, la, fãti</u> | pág. 5 |
| <u>a, li, křē</u> | pág. 1, 27 |
| <u>a, tã, fo</u> | pág. 32, 59 |
| <u>a, tã, ba, keru</u> | |
| [reiticeiro] | pág. 2, 5 |
| <u>a, tã, r</u> | pág. 23, 36 |
| <u>a, lu, mnu</u> | pág. 7 |
| <u>a, lu, nu</u> | pág. 7 |
| <u>a, mã, zã, adu</u> | pág. 6 |
| <u>a, nã, t</u> | pág. 3 |
| <u>a, prē, dn, zis</u> | pág. 6 |
| <u>a, prã, kã, ta</u> | pág. 27 |

ara pu, a

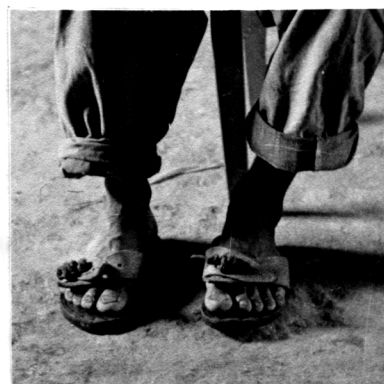
(tipo de abelha

cf. APFB, car-

ta 120) pág. 5, 11

a, re, a pág. 43, 47

a, r, gã, la pág. 1, 4, 48



| | |
|--|-----------------|
| <u>ar, mō nka</u> | pág. 15 |
| <u>ar, vrz</u> | pág. 27, 29 |
| <u>ar, pcr, u</u> | pág. 8, 47 |
| <u>ar, pal, ata</u> | |
| [costureira] | pág. 23, 50 |
| <u>ar, poba</u> | |
| (medida de peso
utilizada na
localidade: ar-
rōba de carne) | pág. 3 |
| <u>ar, polj</u> | pág. 19, 30, 48 |
| <u>ar, ta</u> | pág. 30, 35 |
| <u>ar, fa, zskā</u> | pág. 18, 50 |
| <u>ar, kārē</u> | pág. 50 |
| <u>ar, kārā</u> | pág. 50 |
| <u>ar, sōbra, sãũ</u> | pág. 2 |
| <u>ar, so, geru</u> | pág. 3, 38 |
| <u>ar, te</u> | pág. 55 |
| <u>ar, tapu</u> | |
| [chão] | pág. 23 |
| <u>ar, te</u> | pág. 55 |
| <u>ar, tu, u</u> | |
| [atilho, liga
para prender
meia] | pág. 29, 48 |
| <u>ar, vōca</u> | pág. 8, 48 |
| <u>ar, vō</u> | pág. 42 |
| <u>ar, vō</u> | pág. 42 |
| <u>ar, vu, ã nu</u> | pág. 28, 31 |
| <u>ar, pra</u> | pág. 29 |
| <u>ar, za, v, maria</u> | |
| [primeiras horas
da noite] | pág. 17 |
| <u>ar, zi, mazi</u> | pág. 31, 50 |
| <u>ar, zi, pu gas</u> | pág. 19, 50 |
| <u>ar, zm</u> | págs 15, 34 |
| <u>ar, zu</u> | pág. 30 |
| <u>ã, du</u> | |
| "arvoredo que
dá umas fagi-
nhas"(ARO) | pág. 5 |
| <u>ã, go, stu</u> | pág. 9 |
| <u>ã, gu, da</u> | pág. 1 |
| <u>ã, lu, pãte</u> | pág. 1, 32 |
| <u>ã, lu, mĩn, u</u> | pág. 1, 26 |

| | |
|---|----------------|
| <u>к ма, рела</u> | pág. 1, 6 |
| <u>к ма, пѣ</u> | pág. 1 |
| <u>ѣ, пагwa</u> | pág. 1 |
| <u>ѣ, па, нас</u> | pág. 17 |
| <u>ѣ, не</u> | pág. 2, 30, 37 |
| <u>ѣ, пет</u> | pág. 2 |
| <u>ѣ, пет</u> | pág. 2, 21, 37 |
| <u>ѣ, пелл</u> | pág. 37 |
| <u>ѣ, пелу</u> | pág. 2, 31, 37 |
| <u>ѣ, пу</u> | pág. 6 |
| <u>ѣ, зл, ѣу</u> | pág. 48 |
| <u>ѣ, суд</u> | pág. 1, 11 |
| <u>ктрака, до</u> | |
| [atilho] | pág. 1 |
| <u>ктрапа, ладу</u> | pág. 1, 37 |
| <u>ѣ, зл</u> | pág. 21, 37 |
| <u>баβа</u> | pág. 11, 46 |
| <u>ба, басу</u> | |
| [gêmeos - cf.
APFB, carta
100] | pág. 17 |
| <u>багру</u> | |
| (espécie de
peixe) | pág. 9 |
| <u>багуа</u> | |
| "feijão puro sem
gordura só na
pureza do rio" | |
| (ARO) | pág. 26 |
| <u>бака, фз</u> | pág. 29 |
| <u>бала</u> | pág. 46 |
| <u>ба, лезу</u> | pág. 8 |
| <u>бале</u> | pág. 3 |
| <u>ба, ралу</u> | pág. 22 |
| <u>ба, батана</u> | pág. 6 |
| <u>ба, бу, лета</u> | pág. 32 |
| <u>ба, па, ду, дз, а</u> | |
| [aurora] | pág. 3 |
| <u>ба, пѣку</u> | pág. 23 |
| <u>ба, рига</u> | pág. 43 |
| <u>ба, ку</u> | pág. 35 |
| <u>ба, ре, кѣу</u> | |
| "barro moído di-
ferente" (ARO) | pág. 6 |
| <u>ба, пу, ф, а, да</u> | |
| [únida] | pág. 11 |

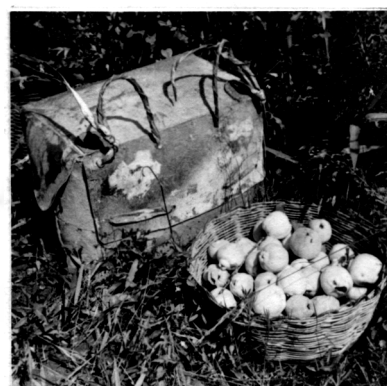
| | |
|---|---------------|
| <u>ba, sra</u> | pág. 1 |
| <u>bata, kīpa</u> | pág. 7 |
| <u>ba, ti z mu</u> | pág. 19 |
| <u>ba, su</u> | pág. 1, 30 |
| <u>bā, bu</u> | pág. 5 |
| <u>bā, gelu</u> | pág. 2 |
| <u>bā, ku</u> | pág. 7 |
| <u>be, be, pūū</u> | pág. 38 |
| <u>be, su du</u> | pág. 5, 8 |
| <u>be, za</u> | pág. 38 |
| <u>be, za pu, lo</u> | pág. 31 |
| <u>be, lā, trī na</u> | |
| [brilhantina,
planta] | pág. 9 |
| <u>be, ra</u> | pág. 46 |
| <u>be, pu ga</u> | |
| (doença que dá
na galinha, es-
pécie de erup-
ção) | pág. 43 |
| <u>bē, sūū</u> | pág. 32, 59 |
| <u>be, zo ru</u> | pág. 38 |
| <u>be, pu ga</u> | pág. 2, 5, 43 |
| <u>bi, ba</u> | |
| (cf. APFB, car-
ta 126) | pág. 46 |
| <u>bī ga</u> | |
| [isqueiro - cf.
APFB, carta
53 R] | pág. 46, 50 |
| <u>bi, ga d</u> | pág. 11 |
| <u>bi, sa</u> | |
| (jogo de cartas) | pág. 9 |
| <u>bi, su</u> | pág. 46 |
| <u>bi, z, me tu</u> | pág. 18 |
| <u>bō</u> | pág. 6 |
| <u>boz</u> | pág. 8 |
| <u>boz, a, de ru</u> | pág. 2 |
| <u>boz, zī</u> | pág. 30 |
| <u>bo, ka</u> | pág. 46 |
| <u>bo, ra da, noi te</u> | |
| [primeiras horas
da noite] | pág. 14 |
| <u>bo, lu</u> | pág. 42 |
| <u>bo, tsu</u> | pág. 5, 48 |
| <u>bo, psu</u> | pág. 35 |

| | |
|--|------------------|
| <u>bo, to</u> | pág. 40 |
| <u>bo, ku</u> | págs. 3, 38 |
| <u>bo, d</u> | pág. 11 |
| <u>bo, kelu</u> | |
| [bouquet] | pág. 2 |
| <u>bo, la</u> | págs. 42, 46 |
| <u>bo, hoz, adu</u> | págs. 8, 28 |
| <u>bo, ta</u> | pág. 40 |
| <u>bo, pega</u> | pág. 6 |
| <u>bo, abu</u> | pág. 27 |
| <u>bo, asa</u> | |
| (medida de cum-
primento] | págs. 44, 46 |
| <u>bo, sa</u> | pág. 44 |
| <u>bo, za</u> | pág. 46 |
| <u>bo, i</u> | pág. 6 |
| <u>bo, lãt</u> | págs. 13, 22, 37 |
| <u>bo, kit</u> | págs. 13, 27 |
| <u>bo, fa</u> | pág. 44 |
| <u>bo, fz</u> | |
| [alfinete] | pág. 44 |
| <u>bo, w, aca</u> | |
| (mala para trans-
porte de carga
em animal, fei-
ta de couro) | págs. 1, 25, 48 |

bu, raka págs. 30

bu, raku págs. 1, 22

bu, paz
(cinza quente) págs. 8, 23, 30



| | |
|--|----------------------|
| bu, pa <u>z</u> u | pág. 30 |
| bu, pa <u>z</u> ũ | pág. 30 |
| bu, ta | pág. 40 |
| bu, taũ | pág. 9 |
| bu, t <u>z</u> | |
| [botina] | pág. 9 |
| bu, t'ina | pág. 14 |
| bu, ze <u>g</u> u | |
| [tipo de sa-
pato. <u>borze-</u>
<u>guim</u>] | págs. 2, 5, 17 |
| de, da <u>t</u> | págs. 1, 38 |
| de, du | págs. 42, 46 |
| de, du | págs. 2, 11 |
| de, t <u>ff</u> u | pág. 14 |
| de, m <u>õ</u> nu | págs. 9, 28 |
| de, ce <u>ã</u> | págs. 40, 43 |
| de, t | págs. 13, 30, 46, 48 |
| de, ta | |
| [p <u>õ</u> r] | págs. 2, 14 |
| de, ta | pág. 42 |
| de, ta <u>ã</u> | pág. 14 |
| de, du | pág. 28 |
| de, u | pág. 8 |
| de, gra <u>u</u> | págs. 8, 9 |
| de, z <u>z</u> | pág. 8 |
| da, da <u>t</u> | págs. 6, 39 |
| di, ba <u>fu</u> du, b <u>õ</u> ku | pág. 55 |
| di, da <u>t</u> | pág. 39 |
| di, da <u>u</u> | págs. 8, 31 |
| di, fi <u>ku</u> t, da <u>d</u> | págs. 5, 11 |
| di, fi <u>ku</u> li, da <u>d</u> i | pág. 31 |
| di, pe <u>ru</u> | pág. 37 |
| di, ce <u>ã</u> | pág. 40 |
| di, ce <u>ã</u> u | págs. 2, 28, 43 |
| di, sp <u>e</u> , z <u>ã</u> nu | pág. 28 |
| di, sp <u>õ</u> nu | pág. 28 |
| di, ta | págs. 42, 46 |
| di, ve <u>rs</u> | |
| [inchada, fru-
ta que não es-
tá bem madura] | págs. 16, 30 |
| di, pe <u>ru</u> | págs. 25, 37 |
| di, za <u>gr</u> e, sa <u>du</u> | |
| (antônimo de
<u>calmo</u>) | pág. 27 |

| | |
|---|------------------------|
| <u>dã, delu</u> | |
| [de onde é ele] | pág. 32 |
| <u>doi, dadu</u> | págs. 8, 9 |
| <u>doi, mi, nĩnus</u> | pág. 19 |
| <u>do, mĩgu</u> | pág. 7 |
| <u>dɔka</u> | |
| "tem os olhos es-
tufados" (ARO) -
(cf. APFB, carta 77) | págs. 1, 46 |
| <u>dɔp, dɔɔ</u> | |
| (doença dos olhos,
cf. APFB, carta
92) | pág. 30 |
| <u>du, mĩgu</u> | pág. 5 |
| <u>dũ, mĩgu</u> | pág. 7 |
| <u>duru</u> | pág. 46 |
| <u>ẽde, resu</u> | pág. 6 |
| <u>e, tãũ</u> | |
| (parte de trás
da casa) | págs. 8, 48 |
| <u>eβa, lɔɔ</u> | pág. 11 |
| <u>eβapɔ, gɛɔ</u> | pág. 33 |
| <u>eɛɛ, sãũ</u> | pág. 2 |
| <u>eɛɛ, to^o</u> | pág. 36 |
| <u>e, rɔdu</u> | |
| [diabo, demô-
nio] | pág. 4 |
| <u>evã, ɔdu</u> | págs. 19, 37 |
| <u>ɛ, eu</u> | pág. 2 |
| <u>ĩ ɔe, ɔadu</u> | págs. 1, 6, 14, 28, 38 |
| <u>ĩ, trãdu</u> | pág. 6 |
| <u>nɔmɛ, ratda</u> | págs. 5, 14 |
| <u>nɔvã, ɔ</u> | págs. 3, 5 |
| <u>fã, ɔkã</u> | pág. 3 |
| <u>fãkã</u> | pág. 46 |
| <u>fãtsã</u> | págs. 1, 21 |
| <u>fãru, fĩpã</u> | pág. 40 |
| <u>fãsu</u> | pág. 44 |
| <u>fãsu</u> | pág. 44 |
| <u>fã, mɔlã</u> | pág. 6 |
| <u>fã, ɔɔ</u> | págs. 1, 16, 51 |
| <u>fã, ɔãũ</u> | págs. 2, 39, 43 |
| <u>fãɔ</u> | pág. 46 |
| <u>fãpã, dutã</u> | págs. 2, 43 |
| <u>fãtã, serus</u> | págs. 2, 38, 50 |

| | |
|--|-----------------------|
| fca | págs. 2, 28, 42 |
| fca | pág. 2 |
| fca, dura | págs. 5, 16 |
| fca, gũ | págs. 2, 39, 43, 48 |
| fca, dura | págs. 2, 43 |
| fca | págs. 2, 8, 9, 31, 48 |
| fca | págs. 3, 42 |
| fca | pág. 27 |
| fca | pág. 46 |
| fca | págs. 8, 19 |
| fca | pág. 16 |
| fca | |
| (armadilha de caça) | pág. 46 |
| fca | pág. 50 |
| fca | |
| [tripa, "o que tem dentro da gente (ARO)] | págs. 5, 16, 38 |
| fca | pág. 19 |
| fca | pág. 13 |
| fca | pág. 29 |
| fca | págs. 4, 17, 29, 34 |
| fca | pág. 27 |
| fca | pág. 30 |
| fca | pág. 19 |
| fca | pág. 27 |
| fca | pág. 30 |
| fca | págs. 8, 28, 59 |
| fca | págs. 14, 28 |
| fca | pág. 9 |
| fca | pág. 31 |
| fca | pág. 7 |
| fca | pág. 7 |
| fca | págs. 3, 7, 21 |
| fca | pág. 3 |
| fca | págs. 8, 9 |
| fca | pág. 48 |
| gabira | pág. 31 |
| gagu | págs. 1, 46 |
| gagu | págs. 8, 9 |
| gagu | pág. 8 |
| galipa | pág. 37 |
| galipesu | págs. 2, 16 |

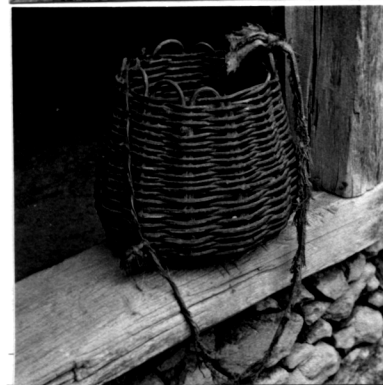
| | |
|---|------------------|
| gã, lĩã | pág. 37 |
| gãlu | pág. 46 |
| gãra, peru | pág. 51 |
| gãrgã, lãda | pág. 37 |
| gãrgũle, go | pág. 3 |
| gã, lĩã | pág. 29 |
| gãzi, mĩã | pág. 31 |
| gãmi, lãra | pág. 15 |
| gãsu | pág. 7 |
| gãfa | |
| [(subst.) esgui-
cha] | pág. 46 |
| gõmus | pág. 7 |
| gõla | pág. 46 |
| gratũ, t | págs. 13, 32, 34 |
| grãrdã | págs. 1, 17, 27 |
| grãd | pág. 11 |
| gu, lozu | |
| [egoĩsta] | pág. 17 |
| gwãrã, na | págs. 2, 26 |
| gwãpã | págs. 1, 46 |
| gwãpã, popã | pág. 3 |
| ĩbũgu | págs. 3, 9 |
| ĩgãsu | |
| (parte terminal
da inflorescên-
cia da bananei-
ra) | págs. 5, 9 |
| ĩgãz, go | págs. 3, 18 |
| ĩgã, nãru | pág. 11 |
| ĩzi, adũ | |
| (encolhido de
frio, arrepi-
ado) | págs. 1, 6 |
| ĩmã, lã | pág. 4 |
| ĩlã | págs. 3, 26 |
| ĩpãmi | pág. 6 |
| ĩpãdz, õtu, rã | págs. 32, 60 |
| ĩpãkis | págs. 28, 32 |
| ĩpĩna | pág. 55 |
| ĩpãba du, bũũ | pág. 55 |
| ĩsãsu | pág. 6 |
| ĩs, kãĩdu | pág. 3 |
| ĩs, kã, sãdu | pág. 11 |

| | |
|---|-------------|
| <u>z̄s,ko p̄d</u> | |
| [jôgo de cartas] | pág. 11 |
| <u>z̄s,ku t̄a</u> | pág. 18 |
| <u>z̄s̄,ha a</u> a horta | |
| [para que não fi-
que demasiadamen-
te úmida - cf.
AULETE, s.v. <u>en-
xambrar</u>] | págs. 1, 30 |
| <u>z̄s,pes̄a</u> | págs. 2, 48 |
| <u>z̄s,pes̄as</u> | pág. 50 |
| <u>z̄s,p̄u ma</u> | pág. 7 |
| <u>z̄s,tatwa</u> | pág. 26 |
| <u>z̄s,t̄ã h̄o z̄</u> | pág. 18 |
| <u>z̄s,t̄ã mu</u> | pág. 29 |
| <u>z̄s,tra da</u> | págs. 1, 48 |
| <u>z̄s,tu,fa du</u> | pág. 1 |
| <u>z̄ to gu</u> | pág. 5 |
| <u>z̄ t̄e</u> | pág. 55 |
| <u>z̄ f̄a da</u> | págs. 1, 6 |
| <u>z̄ f̄e du</u> | pág. 28 |
| <u>z̄ f̄e nu</u> | pág. 28 |
| <u>z̄ f̄e p̄,ta da</u> | |
| [grávida (vaca —)] | pág. 19 |
| <u>z̄ f̄,ka z̄ a</u> | pág. 19 |
| <u>z̄ f̄u</u> | |
| [tipo de marim-
bondo, cf. APFB,
carta 123] | págs. 5, 6 |
| <u>z̄ a</u> | pág. 46 |
| <u>z̄ a u a</u> | pág. 1 |
| <u>z̄ a ra ku, su</u> | pág. 11 |
| <u>z̄ a p̄, d̄i</u> | pág. 19 |
| <u>z̄ a, ne la</u> | pág. 6 |
| <u>z̄ e z̄ u, a</u> | pág. 6 |
| <u>z̄ e, la da</u> | |
| [geada] | pág. 38 |
| <u>z̄ e lu</u> | pág. 46 |
| <u>z̄ e m̄ z̄</u> | pág. 7 |
| <u>z̄ e lu</u> | pág. 14 |
| <u>z̄ i</u> | pág. 46 |
| <u>z̄ i, he ra</u> | pág. 29 |
| <u>z̄ i, ne la</u> | pág. 28 |
| <u>z̄ o, ga</u> | pág. 40 |

zõ, kõgu

[espécie de pássaro "prêto, o ninho faz em pé de côco, é cantador" (EMS)]

| | |
|--------------------------|-----------------|
| | págs. 5, 9 |
| <u>zõ, gã</u> | pág. 46 |
| <u>zõ, gã nu</u> | pág. 40 |
| <u>zũ, e lu</u> | pág. 19 |
| <u>zũ gã, do</u> | pág. 40 |
| <u>zũ zũ</u> | pág. 8 |
| <u>zũ lũ</u> | págs. 19, 47 |
| <u>zũ mēta</u> | pág. 7 |
| <u>zũ pu</u> | pág. 47 |
| <u>zũ pũ, tãp</u> | págs. 32, 36 |
| <u>kã, bũd</u> | pág. 11 |
| <u>kã, bũdu</u> | pág. 9 |
| <u>kã, bũtu</u> | pág. 27 |
| <u>kã, bũ, serũ</u> | págs. 11, 49 |
| <u>kã fã, potũ</u> | pág. 31 |
| <u>kã fẽ, serũ</u> | pág. 8 |
| <u>kã gũdu</u> | pág. 11 |
| <u>kã gũ</u> | pág. 46 |
| <u>kã zũ, fã s</u> | |
| [diabo, demônio] | pág. 16 |
| <u>kã zũ</u> | pág. 5 |
| <u>kã zũ, dãũ</u> | págs. 2, 38 |
| <u>kã zũ tã, do</u> | |
| [chupeta] | págs. 6, 29 |
| <u>kã zũ nu</u> | pág. 1 |
| <u>kã, zũ</u> | pág. 30 |
| <u>kã zũ sã</u> | pág. 37 |
| <u>kã zũ sã</u> | pág. 21 |
| <u>kã zũ, sãdã</u> | pág. 1 |
| <u>kã zũ, sãdu</u> | |
| [sapato (genérico)] | pág. 1 |
| <u>kã zũ sũ</u> | pág. 22 |
| <u>kã zũ</u> | págs. 1, 46, 47 |
| <u>kã zũ kũ</u> | pág. 1 |
| <u>kã, pã gã</u> | |
| (cesta para colher café) | pág. 11 |



| | |
|--|--------------|
| <u>καρι, κάρια</u>
(secreção expe-
lida pelo nariz) | pág. 22 |
| <u>καρι, ποτ</u> | pág. 13 |
| <u>καρκαρῆ, κερυ</u>
[carpina] | pág. 22 |
| <u>καρι, βόπι</u> | pág. 7 |
| <u>καρικῶ, πῆ</u> | pág. 35 |
| <u>κάρσα</u> | págs. 23, 35 |
| <u>κάρσα</u> | pág. 35 |
| <u>καρι, σῶυ</u> | pág. 35 |
| <u>καρι, τῆλα</u> | pág. 47 |
| <u>καρι</u> | págs. 22, 47 |
| <u>κα, ρεγα</u> | págs. 23, 49 |
| <u>κάρσα</u> | pág. 35 |
| <u>καρι</u> | pág. 47 |
| <u>κάρσα</u> | pág. 46 |
| <u>κάρσα, ρόλα</u> | págs. 17, 30 |
| <u>κα, σῶ βασ</u>
(peça do arreio
onde se põe o
pé) | pág. 50 |
| <u>κασκῶ, βυζ, υ</u> | págs. 8, 29 |
| <u>κασκῶ, κῆλι</u> | pág. 3 |
| <u>κα, σοτῆ</u>
[sapo pequeno] | pág. 4 |
| <u>κατιο, ρῶυ</u>
(qualidade de
banana) | págs. 6, 9 |
| <u>καυῶ, κῆσα</u> | pág. 49 |
| <u>κα, κῶυ</u>
(pessoa muito
magra) | pág. 1 |
| <u>καφα</u> | pág. 30 |
| <u>καφι, κῶ</u> | págs. 19, 30 |
| <u>καφι, πῆ</u>
[cachecol] | pág. 14 |
| <u>καφι, ζῆ</u>
(designação de-
preciativa de
comida) | pág. 19 |
| <u>κα, σοτῆ</u> | pág. 13 |
| <u>καφι</u> | pág. 46 |

| | |
|---|--------------|
| <u>kā, zā</u> | pág. 46 |
| <u>, kāzā</u> | págs. 11, 46 |
| <u>kā, zādu</u> | págs. 1, 46 |
| <u>kā, bēzu</u> | pág. 1 |
| <u>kā, bōta</u> | |
| [cambalhota] | págs. 4, 9 |
| <u>kā dō, hā</u> | |
| [lenha, combustível para fogão, "pé de árvore" (AMM)] | pág. 1 |
| <u>kā gā</u> | pág. 6 |
| <u>kā, gā d</u> | págs. 11, 31 |
| <u>kā, gā tē</u> | pág. 45 |
| <u>kā jē, cā mā</u> | |
| (espécie de madeira) | pág. 19 |
| <u>kā, jē kē</u> | |
| [o que o pinto come logo que nasce, "pega o milho, quebra ele, faz a canjiquinha, fininho o pozinho" (ARO)] | pág. 1 |
| <u>kā, jū</u> | pág. 46 |
| <u>kā, jū</u> | pág. 1 |
| <u>kā mē, jū ũ</u> | pág. 37 |
| <u>kā mē, jū ũ</u> | pág. 37 |
| <u>kā, mē zā</u> | págs. 1, 6 |
| <u>kā m pū</u> | pág. 7 |
| <u>kā m d</u> | pág. 6 |
| <u>kā mē kē, tē</u> | |
| (brincadeira infantil) | pág. 6 |
| <u>kā pē, ā</u> | |
| [sino] | pág. 11 |
| <u>kā, ādu</u> | pág. 46 |
| <u>kā, sō ā</u> | pág. 1 |
| <u>kā, tō zē</u> | pág. 1 |
| <u>kā, vā, mā k</u> | pág. 13 |
| <u>kā, jū, ē zā</u> | pág. 1 |
| <u>kā gā</u> | |
| [nome de comida "feito de milho, fôlha, tudo que é adjunto põe ali, é feito na posição de sopa" (ARO) cf. pág. 56 | págs. 6, 9 |

| | |
|--|----------------|
| <u>кeтa</u> | pág. 7 |
| <u>кeтu</u> | págs. 2, 5, 42 |
| <u>кѳтз</u> | pág. 46 |
| <u>кeфu</u> | pág. 42 |
| <u>кѳ, ѳѳa</u> | pág. 31 |
| <u>кѳ, ѳu</u> | pág. 42 |
| <u>кѳ, тaтз</u> | pág. 31 |
| <u>кѳтu</u> | |
| [barril, barrica] | págs. 5, 6, 46 |
| <u>кѳa, ѳѳ</u> | pág. 2 |
| <u>кѳaѳѳ, пeтu</u> | pág. 5 |
| <u>кѳѳe, ѳѳa</u> | pág. 6 |
| <u>кa, кeтu</u> | págs. 2, 38 |
| <u>кa, d, d, d, u</u> | pág. 40 |
| <u>кa, ѳa, ѳu</u> | pág. 48 |
| <u>кѳpѳ, пeтu</u> | pág. 6 |
| <u>кa, ѳu</u> | pág. 3 |
| <u>кa, p, тa</u> | pág. 43 |
| <u>кa, k, z</u> | págs. 3, 11 |
| <u>кa, ѳa</u> | pág. 45 |
| <u>кѳѳa</u> | |
| [onda, cacho de cabelo] | págs. 6, 45 |
| <u>кa, ѳu</u> | |
| (lugar para aparar a massa da farinha) | pág. 42 |



| | |
|--------------------------|-------------|
| <u>кa, k, a</u> | |
| [galinha d'angola] | pág. 4 |
| <u>кa, p, ѳa, ѳѳ</u> | págs. 4, 19 |
| <u>кa, k, a, ѳa, ѳѳ</u> | pág. 43 |
| <u>кa, p, ѳa, т</u> | |
| [barril] | págs. 4, 11 |
| <u>кa, p, тa</u> | pág. 43 |
| <u>кѳ, тa, пe, p, ѳu</u> | |
| [rua] | pág. 7 |

| | |
|---|--------------|
| <u>kiõ, pa da</u> | pág. 7 |
| <u>kiõ, pa du</u> | pág. 7 |
| <u>kiõ, pi, sãũ</u> | |
| [cinto] | pág. 6 |
| <u>kiõ, pi, u</u> | pág. 6 |
| <u>kiõ, pi, sã du</u> | pág. 6 |
| <u>kiã, vãũ</u> | pág. 30 |
| <u>kiã, vaãã</u> | págs. 2, 30 |
| <u>kiã, vaũ</u> | pág. 1 |
| <u>kiã, vaũ</u> | págs. 17, 48 |
| <u>kiã, vaũ</u> | pág. 27 |
| <u>kiã, vaũ</u> | pág. 48 |
| <u>kiã, vaũ</u> | págs. 8, 11 |
| <u>kiã, vaũ</u> | pág. 8 |
| <u>kiã, vaũ</u> | págs. 39, 49 |
| <u>kiã, vaũ</u> | págs. 30, 37 |
| <u>kiã, vaũ</u> | págs. 30, 38 |
| <u>kiã, vaũ</u> | pág. 39 |
| <u>kiã, vaũ</u> | pág. 26 |
| <u>kiã, vaũ</u> | |
| [uma peça do aparelho de ralar mandioca] | págs. 7, 38 |
| <u>kiã, vaũ</u> | |
| [nome de comida, "com leite, pega o milho verde, rala ele, mustura o leite e põe para cozinhar, os temperos, a canela, o cravo, corta como marmelada" (ARO)] | págs. 43, 47 |
| <u>kiã, vaũ</u> | |
| [espécie de abóbora] | pág. 43 |
| <u>kiã, vaũ</u> | pág. 47 |
| <u>kiã, vaũ</u> | págs. 9, 38 |
| <u>kiã, vaũ</u> | pág. 5 |
| <u>kiã, vaũ</u> | pág. 28 |
| <u>kiã, vaũ</u> | pág. 3 |
| <u>kiã, vaũ</u> | pág. 6 |
| <u>kiã, vaũ</u> | pág. 37 |
| <u>kiã, vaũ</u> | pág. 1 |
| <u>kiã, vaũ</u> | pág. 29 |

| | |
|------------------------------------|--------------|
| <i>kwat, dad</i> | págs. 11, 48 |
| <i>kwat², dad</i> | pág. 11 |
| <i>kwari, tīpa</i> | |
| [moringa] | pág. 47 |
| <i>kwapta</i> | pág. 46 |
| <i>kwatu</i> | pág. 29 |
| <i>la</i> | pág. 45 |
| <i>la, butu</i> | |
| [profissão, trabalho] | pág. 49 |
| <i>lagari, tija</i> | pág. 23 |
| <i>la, goa</i> | pág. 1 |
| <i>lagoma</i> | págs. 3, 7 |
| <i>larbus</i> | págs. 8, 9 |
| <i>lakumu, tva</i> | |
| [trem] | pág. 5 |
| <i>lapz</i> | pág. 30 |
| <i>lapzs</i> | pág. 17 |
| <i>lasu</i> | págs. 21, 48 |
| [armadilha] | |
| <i>la, vradu</i> | |
| (extensão de terra, campo inculto) | pág. 1 |
| <i>lä</i> | págs. 6, 45 |
| <i>lä, mecu</i> | pág. 51 |
| <i>läp, zü</i> | pág. 6 |
| <i>lä, sädu</i> | |
| [vomitando] | pág. 28 |
| <i>le²ca</i> | |
| [canteiro, cf. APFB, carta 25] | pág. 8 |
| <i>läpa</i> | págs. 7, 37 |
| <i>lä, so</i> | págs. 4, 30 |
| <i>le, d²ü, zü</i> | pág. 9 |
| <i>le, du</i> | pág. 14 |
| <i>le, a</i> | pág. 37 |
| <i>le, vä, to</i> | pág. 3 |
| <i>la, brēna</i> | pág. 6 |
| <i>lä, brēna</i> | |
| [chuva fina] | págs. 32, 43 |
| <i>lä, p²mi</i> | pág. 32 |
| <i>lä, gümi</i> | pág. 7 |

| | |
|---|----------------|
| <u>Limã, dadz</u> | pág. 30 |
| <u>Lĩ, mãũ</u> | págs. 7, 14 |
| <u>Lĩ, pa</u> | pág. 16 |
| <u>Lĩ, pãsa</u> | |
| [planta, "dá um cachinho, umas florzinha roxi- nha" (ARO)] | págs. 1, 7, 16 |
| <u>Lipru</u> | pág. 35 |
| <u>Litru</u> | |
| (medida - recipien- te de madeira de 15,5 cm de compri- mento por 7 cm de altura) | pág. 27 |
| <u>Lũ, sa</u> | pág. 19 |
| <u>Lũ, zãrdũ</u> | |
| [lagarto] | pág. 3 |
| <u>Lõ, neta</u> | |
| [óculos, cf. APFB carta 65] | pág. 7 |
| <u>Lõ, neta</u> | págs. 2, 7 |
| <u>Loru</u> | pág. 42 |
| <u>Lõ, zaru</u> | |
| [caixeiro] | pág. 4 |
| <u>Loru</u> | |
| [peça do arreio, cf. APFB, carta 146] | pág. 42 |
| <u>Lõ, neta</u> | pág. 7 |
| <u>Lua</u> | págs. 1, 47 |
| <u>Lũã</u> | |
| (cf. APFB, carta 1) | págs. 31, 59 |
| <u>Lũ, brãã</u> | pág. 43 |



| | |
|---|------------------|
| <u>luzi</u> | |
| [planta "a semente serve para fazer sabão, o azeite é um óleo, espécie de mamona" | |
| (ARO)] | pág. 8 |
| <u>luma</u> | pág. 31 |
| <u>luse, fe</u> | |
| [diabo, demônio] | pág. 32 |
| <u>lusa</u> | pág. 25 |
| <u>ma, drastu</u> | pág. 11, 50 |
| <u>madru, se</u> | pág. 29 |
| <u>madu, rã nu</u> | págs. 9, 28 |
| <u>mazi, rã nu</u> | pág. 29 |
| <u>ma, rku</u> | págs. 5, 20 |
| <u>ma, k, keru</u> | |
| [trabalhador de enxada] | pág. 30 |
| <u>ma, k, na</u> | pág. 13 |
| <u>ma, la</u> | pág. 46 |
| <u>ma, le, ma^u</u> | págs. 31, 55 |
| <u>ma, lu, du</u> | pág. 2 |
| (cf. pág. 51) | |
| <u>ma, re, ta</u> | |
| [onda de rio, cf. APFB, carta 16] | pág. 2 |
| <u>ma, re, la</u> | pág. 29 |
| <u>ma, re, lã</u> | pág. 22 |
| <u>ma, ri</u> | pág. 31 |
| <u>ma, re, melu</u> | pág. 5 |
| <u>ma, ri, sã du</u> | pág. 28 |
| <u>ma, ri, sã tu</u> | |
| [açougueiro] | pág. 19 |
| <u>ma, p</u> | págs. 23, 36, 48 |
| <u>ma^p, mētz</u> | pág. 55 |
| <u>ma, ta</u> | pág. 47 |
| <u>ma, te, r, a, z</u> | pág. 17 |
| <u>ma, te, ru, s</u> | |
| (erva usada no tratamento de contusões) | pág. 30 |
| <u>ma, tu, tã, na</u> | págs. 7, 11 |
| <u>ma, si, fi</u> | |
| [rótula] | pág. 30 |

| | |
|--|-----------------|
| <u>ma, zuri</u> | págs. 13, 34 |
| <u>māda, mētu</u> | pág. 6 |
| <u>mādi, zka</u> | págs. 3, 25 |
| <u>mā, d, zka</u> | pág. 30 |
| <u>mā, gaba</u> | pág. 9 |
| <u>mā, gaza</u> | pág. 2 |
| <u>ma?</u> | págs. 9, 48 |
| <u>māi, d, zka</u> | págs. 9, 30 |
| <u>māi, du, koppu</u>
[útero, cf. APFB,
carta 61] | pág. 9 |
| <u>mā, z, n, z, kãu</u>
[espécie de flor] | pág. 6 |
| <u>mãu</u> | pág. 47 |
| <u>mes</u> | pág. 19 |
| <u>meu, nōmi</u> | pág. 8 |
| <u>meu, paz</u> | pág. 8 |
| <u>med</u> | pág. 12 |
| <u>me, data</u> | págs. 1, 2 |
| <u>mei, mada</u>
[estragada, cf.
APFB, carta 44] | págs. 2, 9 |
| <u>meskala</u> | pág. 1 |
| <u>meskila</u> | pág. 27 |
| <u>me, tad</u> | pág. 11 |
| <u>metu</u> | pág. 29 |
| <u>mī, gau</u> | pág. 8 |
| <u>mēf</u> | pág. 3 |
| <u>mi, n, e, z, sãu</u> | pág. 7 |
| <u>mi, gat</u> | pág. 14 |
| <u>mi, si, zka</u>
[tangerina] | pág. 3 |
| <u>mī, zã</u> | págs. 1, 29 |
| <u>mo, zã, sãru</u> | pág. 51 |
| <u>mo, zã, ada</u> | págs. 8, 9, 14 |
| <u>mo, zeta</u> | pág. 40 |
| <u>mo, zãu</u>
[estaca de susten-
tação; é enterra-
da no chão para
apertar a massa
da farinha] | págs. 3, 39, 43 |



| | |
|---|-----------------|
| <u>mosa</u> | pág. 46 |
| <u>mo, to^o</u> | págs. 36, 38 |
| <u>mo, ja</u> | |
| [cabra sem chifres, cf. APFB carta 132] | |
| | págs. 14, 46 |
| <u>modas</u> | pág. 50 |
| <u>mo, de lu</u> | pág. 4 |
| <u>modi</u> | pág. 60 |
| <u>mo, lo, i</u> | |
| [espécie de madeira, "pé de pau vermelho" (EMS)] | |
| | pág. 25 |
| <u>mo, lada</u> | págs. 1, 22 |
| <u>mo, rau</u> | pág. 31 |
| <u>mo, rãu</u> | págs. 3, 39, 43 |
| <u>mu, ã da</u> | pág. 6 |
| <u>mu, ã tu</u> | pág. 9 |
| <u>mu, ã f</u> | pág. 8 |
| <u>mula</u> | pág. 46 |
| <u>mu, le</u> | págs. 30, 37 |
| <u>mu, lisa</u> | |
| [inseto pequeno, semelhante ao mosquito] | |
| | págs. 3, 5 |
| <u>mu, rã ga</u> | pág. 5 |
| <u>mu, rã ga</u> | pág. 1 |
| <u>mu, rã ge</u> | pág. 2 |
| <u>mu, ru</u> | pág. 46 |
| <u>mu, ã da</u> | pág. 14 |
| <u>mu, ã du</u> | pág. 9 |
| <u>mu, to, c da</u> | pág. 25 |
| <u>mu, ã f</u> | págs. 25, 29 |
| <u>mu, rã ga</u> | págs. 5, 29 |
| <u>na mo, a, de ra</u> | pág. 40 |
| <u>na mo, ra du</u> | págs. 6, 38, 40 |
| <u>na mo, rã nu</u> | pág. 40 |
| <u>na, rã, zã u</u> | pág. 9 |
| <u>na, sã t</u> | pág. 13 |
| <u>na, ta</u> | pág. 47 |
| <u>na, va</u> | pág. 49 |
| <u>na, m, bu</u> | |
| [nome de pássaro] | |
| | pág. 7 |

| | |
|-----------------------|----------------|
| пѣ, пѣтѣ | pág. 30 |
| пѣ, пѣтѣ | |
| [qualidade de banana] | |
| | pág. 3 |
| пѣѣ | pág. 47 |
| пѣ, пѣѣ | págs. 9, 14 |
| пѣсту, пѣтѣ | |
| [nesta horinha] | |
| | pág. 32 |
| пѣту | pág. 46 |
| пѣтѣ | |
| [neblina] | |
| | págs. 2, 42 |
| пѣ, бѣтѣ | págs. 3, 32 |
| пѣтѣ | pág. 3 |
| пѣтѣ | págs. 25, 28 |
| пѣтѣ | págs. 42, 44 |
| пѣтѣ | pág. 30 |
| пѣтѣ | pág. 4 |
| пѣтѣ | pág. 46 |
| пѣ, вѣтѣ | pág. 14 |
| пѣтѣ | págs. 42, 44 |
| пѣтѣ | pág. 45 |
| пѣтѣ | pág. 45 |
| пѣтѣ, кѣтѣ | pág. 29 |
| пѣтѣ | pág. 45 |
| пѣтѣ | págs. 31, 42 |
| ѡде, аду | pág. 6 |
| ѡдѣ | pág. 26 |
| ѡту | pág. 8 |
| ѡтѣтѣ | págs. 8, 9 |
| ѡтѣ | págs. 8, 9, 48 |
| ѡту | pág. 22 |
| ѡтѣ | pág. 31 |
| ѡтѣ, пѣтѣ | pág. 7 |
| ѡтѣтѣ | págs. 38, 43 |
| ѡтѣ | págs. 3, 30 |
| ѡтѣ | pág. 29 |
| ѡтѣтѣ | pág. 48 |
| ѡтѣ | pág. 48 |
| ѡтѣ | pág. 29 |
| ѡтѣтѣ | pág. 9 |
| ѡтѣ | págs. 14, 28 |
| ѡтѣтѣ | pág. 38 |
| ѡтѣ | pág. 16 |

| | |
|---|--------------|
| <u>pxu</u> | pág. 16 |
| <u>zř, svz</u> | |
| (que faz mal) | págs. 3, 17 |
| <u>zř, a</u> | pág. 8 |
| <u>zř, u</u> | pág. 8 |
| <u>zř, u</u> | pág. 29 |
| <u>zř, u</u> | págs. 4, 29 |
| <u>zř, ladu</u> | |
| [inchado, cf. APFB
carta 75] | págs. 3, 4 |
| <u>zř, ũ, zř, ũ</u> | págs. 9, 25 |
| <u>zř, pa</u> | |
| [tipo de abelha,
"danada de valente
(circ.)] | págs. 4, 30 |
| <u>zř, val, u</u> | pág. 4 |
| <u>zř, lista</u> | pág. 51 |
| <u>zř, tu</u> | pág. 11 |
| <u>pa</u> | pág. 42 |
| <u>pa, ßu</u> | pág. 33 |
| <u>pa, z</u> | págs. 8, 48 |
| <u>pa, z</u> | pág. 48 |
| <u>pa, z, su</u> | págs. 8, 9 |
| <u>pa, z, t</u> | págs. 4, 13 |
| <u>pa, l, du</u> | pág. 22 |
| <u>pa, l, tera</u> | págs. 11, 49 |
| <u>pa, t, mada</u> | pág. 1 |
| <u>pa, t, mi, tu</u> | pág. 1 |
| <u>pa, ã</u> | pág. 11 |
| <u>pa, pa, z, n, z, e</u> | págs. 2, 37 |
| <u>pa, pa, z, n, z, e, u</u> | págs. 2, 37 |
| <u>pa, pa, z, n, z, e, t</u> | págs. 2, 37 |
| <u>pa, r, ed</u> | págs. 11, 30 |
| <u>pa, r, u</u> | |
| (extensivo a pessoas) | pág. 8 |
| <u>pa^o</u> | pág. 36 |
| <u>pa, s, z, e, r, u, s</u> | pág. 50 |
| <u>pa, s, t, i, n, a</u> | pág. 13 |
| <u>pa, s, u</u> | pág. 1 |
| <u>pa, s, u, k, i, n, a</u> | pág. 40 |
| <u>pa, t, a</u> | pág. 44 |
| <u>pa, t, a, k, a</u> | pág. 1 |
| [rótula] | |

| | |
|--|-----------------|
| <u>patu</u> | pág. 44 |
| <u>pēt^u, cal</u> | |
| [peça do arreio] | pág. 37 |
| <u>pē, nedu</u> | |
| [despenhadeiro] | pág. 7 |
| <u>pe, nera</u> | pág. 2 |
| <u>pera</u> | pág. 46 |
| <u>pēs, mēt^u</u> | pág. 6 |
| <u>pe, vezu</u> | pág. 38 |
| <u>pesku</u> | págs. 19, 31 |
| <u>pēt</u> | págs. 30, 46 |
| <u>peidu</u> | págs. 14, 28 |
| <u>pef</u> | págs. 2, 20, 48 |
| <u>pe, za</u> | pág. 43 |
| <u>pe, zada</u> | pág. 43 |
| <u>pe</u> | pág. 42 |
| <u>pe, lada</u> | pág. 43 |
| <u>pe, k^uta</u> | pág. 29 |
| <u>pe, r^uta</u> | pág. 1 |
| <u>pe, r^uba</u> | |
| [espécie de madeira] | pág. 11 |
| <u>pe, do</u> | |
| [tornozelo, cf. APFB, carta 63] | pág. 3 |
| <u>pē, ga</u> | pág. 46 |
| <u>pe, k</u> | págs. 13, 34 |
| <u>pe, z^uta</u> | págs. 3, 19 |
| <u>pe, la</u> | pág. 43 |
| <u>pe, mēt^u</u> | pág. 7 |
| <u>pe, neu</u> | págs. 3, 7, 8 |
| <u>pē, k^uū</u> | pág. 9 |
| <u>pe, z^u, tēs, a</u> | pág. 26 |
| <u>pē, p^uū</u> | pág. 16 |
| <u>pe, r^uba</u> | |
| [despenhadeiro] | pág. 11 |
| <u>pe, rz</u> | págs. 3, 30 |
| <u>pe, z^u, g^uū, nu</u> | |
| [esmoler] | pág. 27 |
| <u>pe, sapa</u> | |
| [tipo de terreno] | pág. 1 |

| | |
|--|---------------------|
| p _u se | págs. 2, 30 |
| p _u sto | pág. 6 |
| p _u tu | pág. 45 |
| p _u tu | págs. 45, 46 |
| p _u zu | |
| [peixe] | pág. 25 |
| p _u za | pág. 43 |
| p _u ta | |
| [metal e qualidade
de banana] | págs. 1, 27, 45 |
| p _u ta | pág. 45 |
| p _u i | pág. 9 |
| p _u ka | pág. 46 |
| p _u par _u | pág. 9 |
| p _u tera | pág. 38 |
| p _u su | pág. 8 |
| p _u | págs. 4, 42 |
| p _u z | pág. 46 |
| p _u z | |
| [metal] | pág. 4 |
| p _u zada | pág. 43 |
| p _u ta | págs. 44, 45 |
| p _u tera | págs. 2, 13, 30, 48 |
| p _u tu | págs. 1, 44, 48 |
| p _u ta | págs. 30, 45 |
| p _u tertu | pág. 8 |
| p _u mes _a | págs. 7, 26, 48 |
| p _u za | pág. 28 |
| p _u za | |
| [dente canino,
cf. APFB, car-
ta 54] | pág. 2 |
| p _u za | pág. 29 |
| p _u gu | pág. 27 |
| p _u za | págs. 3, 9 |
| p _u ma | pág. 7 |
| p _u zeru | |
| [prosa, conver-
sa animada] | pág. 40 |
| p _u mes _a | pág. 7 |
| p _u ka | pág. 30 |
| p _u ta | pág. 30 |
| p _u med _e toma | pág. 60 |

| | |
|---|-------------|
| <u>pu, sã ma</u> | pág. 30 |
| <u>pu, zã</u> | pág. 40 |
| <u>pu, ãt</u> | pág. 13 |
| <u>pu, zã</u> | págs. 9, 30 |
| <u>pu, u, mã</u> | |
| [fuligem] | pág. 5 |
| <u>pu, ã</u> | pág. 46 |
| <u>pu, zã</u> | |
| [lugar para prender
galinha, cf. APFB
carta 117] | pág. 5 |



| | |
|----------------------------------|--------------|
| <u>pu, tã</u> | pág. 5 |
| <u>pu, u</u> | pág. 46 |
| <u>pu, sã</u> | págs. 2, 29 |
| <u>pu, tã su</u> | pág. 3 |
| <u>pu, su</u> | pág. 29 |
| <u>pu, sã</u> | pág. 2 |
| <u>pu, zã</u> | págs. 17, 48 |
| <u>pu, ã</u> | pág. 42 |
| <u>pu, pã's</u> | pág. 30 |
| <u>pu, pu</u> | |
| [trem de gran-
de velocidade] | pág. 13 |
| <u>pu, pu</u> | |
| [raspou] | pág. 30 |
| <u>pu, sã</u> | pág. 29 |
| <u>pu, zã</u> | pág. 3 |
| <u>pu, d</u> | pág. 11 |
| <u>pu, d</u> | pág. 45 |
| <u>pu, mã</u> | pág. 49 |
| <u>pu, pu</u> | pág. 30 |
| <u>pu, pu</u> | págs. 2, 38 |
| <u>pu, plã, dorz</u> | |
| [pontas da lua] | pág. 31 |
| <u>pu, lã pu</u> | pág. 29 |

| | |
|---|-------------|
| <u>pe, lɔʒu</u> | pág. 4 |
| <u>pe mē, do</u> | págs. 3, 7 |
| <u>pe, mela</u> | pág. 7 |
| <u>pe me, tēt</u> | págs. 7, 13 |
| <u>pe, trɔʒs</u> | págs. 8, 9 |
| <u>peza</u> | pág. 42 |
| <u>pe</u> | pág. 45 |
| <u>pi</u> | pág. 45 |
| <u>pipa</u> | pág. 3 |
| <u>pisku me, nōm</u> | |
| <u>māle, māu</u> | pág. 31 |
| <u>pi sō, nōdu</u> | pág. 43 |
| <u>piu</u> | pág. 8 |
| <u>pi zada</u> | pág. 17 |
| <u>pa, detz</u> | |
| [peça do aparelho de ralar
mandioca] | pág. 38 |



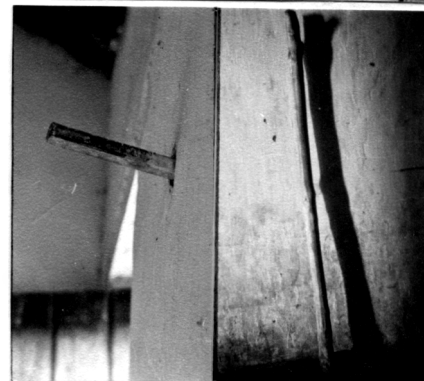
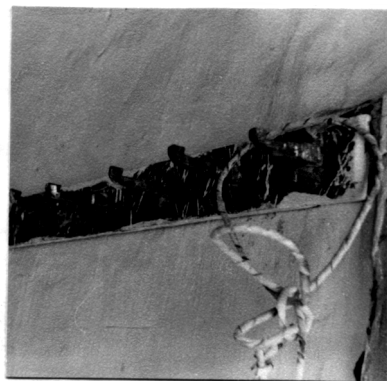
| | |
|-------------------|-----------------|
| <u>poɔ, ɔ</u> | págs. 8, 9 |
| <u>poeu</u> | pág. 3 |
| <u>poɔla</u> | pág. 22 |
| <u>poɔa</u> | pág. 30 |
| <u>poɔdazɔ</u> | págs. 23, 31 |
| <u>poɔla</u> | pág. 42 |
| <u>poɔsa</u> | pág. 46 |
| <u>poɔza</u> | págs. 42, 46 |
| <u>poɔa</u> | pág. 47 |
| <u>pū, ɔ</u> | págs. 6, 9 |
| <u>pū, ɔ</u> | pág. 9 |
| <u>pusu, nōm</u> | pág. 43 |
| <u>sabɔdu</u> | pág. 1 |
| <u>sabɔdu</u> | pág. 1 |
| <u>sabɔdu</u> | pág. 11 |
| <u>sabɔ, ɔ</u> | pág. 25 |
| <u>sabɔ, yu</u> | |
| [sabugo de milho] | págs. 2, 11, 33 |

| | |
|--|------------------|
| sabudala ⁷ tu ⁷ a | pág. 11 |
| sāk sō, fōnz | pág. 13 |
| sāz | pág. 30 |
| sala | pág. 42 |
| sat, dad | págs. 1, 11 |
| sapi, rāga | |
| [doença nos olhos
que inflama as
pálpebras e faz
cair as pestanas
cf. AIFB, carta
93] | págs. 3, 22 |
| satu, pi ⁷ a | |
| [nome de animal] | pág. 25 |
| sau | págs. 8, 17 |
| sāg | pág. 11 |
| sāgrā, da | |
| [pescoço do boi,
lugar onde se
fura para matar] | pág. 2 |
| sāpēs, tãna | pág. 31 |
| sātū ã, tãnu | pág. 28 |
| sāū | pág. 47 |
| sāūkris, tãū | págs. 9, 32 |
| sāūzu, wãū | pág. 25 |
| se | pág. 42 |
| seda | págs. 29, 47 |
| sedz | pág. 42 |
| sedu | págs. 45, 46 |
| se, gūda | pág. 43 |
| se, gūda, fera | págs. 2, 43 |
| sez | págs. 9, 17 |
| sez, zara | pág. 18 |
| se, ko | págs. 3, 38 |
| se, lada | págs. 43, 47 |
| se, māna | pág. 7 |
| se, mēt | pág. 13 |
| sera | págs. 17, 46, 47 |
| sedou | pág. 27 |
| se, gūda, fera | págs. 2, 43 |
| seklu | pág. 29 |
| sela | págs. 42, 47 |
| se, māna | pág. 7 |
| sete, nada | |
| [úmida] | pág. 7 |

| | |
|--|---------------------|
| <u>se, pada</u> | |
| (encostada, quase fechada [porta --]) | pág. 47 |
| <u>se, pat</u> | pág. 13 |
| <u>set</u> | pág. 13 |
| <u>setz</u> | pág. 42 |
| <u>setis, tnela</u> | pág. 13 |
| <u>seudi, bora</u> | pág. 8 |
| <u>sa, gūda, fera</u> | pág. 6 |
| <u>si</u> | pág. 42 |
| <u>si</u> | pág. 46 |
| <u>sida</u> | págs. 1, 27 |
| <u>si, gūru</u> | pág. 14 |
| <u>si, gūda</u> | págs. 3, 43 |
| <u>si, lora</u> | págs. 3, 21, 30, 43 |
| <u>si, tva</u> | |
| [planta, "madeira que tem uns espinhos" (ARO)] | pág. 3 |
| <u>si, m, ter, u</u> | pág. 26 |
| <u>si, mōt, z</u> | |
| [pó, rapé, fumo - cf. APFB, carta 52] | págs. 3, 14 |
| <u>si, ma, z</u> | págs. 1, 22 |
| <u>si, tu</u> | pág. 7 |
| <u>si, pras</u> | pág. 29 |
| <u>sita</u> | pág. 49 |
| <u>si, taru</u> | |
| [fralda] | pág. 5 |
| <u>si, vz, lz</u> | págs. 21, 31 |
| <u>si, ōū</u> | |
| [sela para mulher] | pág. 29 |
| <u>siza</u> | pág. 6 |
| <u>soa</u> | págs. 39, 43 |
| <u>sobra</u> | pág. 1 |
| <u>sōbr, skrita</u> | págs. 27, 38, 48 |
| <u>solera</u> | págs. 39, 43 |
| <u>sōru</u> | pág. 47 |
| <u>sō, p, & du</u> | págs. 7, 16, 28 |
| <u>sō, pu</u> | págs. 7, 47 |

| | |
|--|--------------------|
| <u>so, o</u> | págs. 39, 48 |
| <u>so, p^oã nu</u> | págs. 3, 43 |
| <u>so, dadu</u> | págs. 30, 35, 38 |
| <u>so, gu</u> | pág. 35 |
| <u>so, v^oã nu</u> | pág. 40 |
| <u>so, ka</u> | |
| (cf. APFB, carta 27) | pág. 46 |
| <u>sola</u> | pág. 42 |
| <u>so, ladu</u> | |
| [sola de sapato] | págs. 1, 43 |
| <u>so, li</u> | pág. 31 |
| <u>so, lusu</u> | págs. 17, 21 |
| <u>so, p^oã nu</u> | págs. 3, 43 |
| <u>so, ti</u> | |
| [sótão] | pág. 42 |
| <u>so, u</u> | págs. 8, 9, 31, 48 |
| <u>so, v^oã ku</u> | |
| [axila] | pág. 6 |
| <u>su</u> | págs. 30, 42 |
| <u>su, a</u> | págs. 39, 43 |
| <u>su, ã nu</u> | págs. 39, 43 |
| <u>sub, z</u> | pág. 58 |
| <u>sub, v^oã nu</u> | pág. 40 |
| <u>su, e</u> | |
| [sótão] | págs. 2, 48 |
| <u>su, lera</u> | págs. 39, 43 |
| <u>su, m, ter, z</u> | pág. 32 |
| <u>su, pera</u> | pág. 39 |
| <u>su, ru</u> | |
| [sem rabo (pinto-,
galinha-) - cf.
APFB, carta 113] | págs. 46, 48 |
| <u>su, sã ma</u> | pág. 29 |
| <u>ta, ßa</u> | págs. 11, 29, 46 |
| <u>ta, ßa, reu</u> | |
| [tímido] | pág. 8 |
| <u>ta, ku, wa, ra</u> | |
| ["madeira na po-
sição de cana"
(ARO) - cf. págs.
56] | págs. 1, 26 |

| | |
|--|------------------|
| tali | pág. 31 |
| tap, zua | pág. 1 |
| tãuwaŋga | pág. 8 |
| tafu | págs. 11, 46 |
| tã, bo | |
| [peça do isquei-
ro] | pág. 30 |
| tãx | pág. 13 |
| tãmpa | pág. 7 |
| tãĩ | pág. 9 |
| te, mozu | págs. 2, 7 |
| te, pecu | págs. 2, 38 |
| te, beru | |
| [cachimbo] | págs. 2, 43 |
| tele, fõnz | pág. 2 |
| tetu | págs. 42, 46 |
| ta, zora | pág. 5 |
| tz, beru | |
| [cachimbo] | págs. 2, 43 |
| tz, beru | pág. 48 |
| tz, bula | |
| [tipo de lagar-
tixa] | págs. 3, 5 |
| tz, zela | pág. 2 |
| tip, zua | pág. 9 |
| tipu | pág. 13 |
| tz, risa | pág. 11 |
| titu | págs. 27, 29 |
| tu | |
| [tipo de lagar-
tixa] | págs. 25, 48 |
| tz, zora | págs. 3, 17 |
| to, ada | págs. 37, 38, 39 |
| tõ, ba | pág. 6 |
| todu | pág. 45 |
| to, ma | págs. 7, 40 |
| to, matu | págs. 7, 40, 43 |
| toru | pág. 3 |
| top, nera | pág. 38 |
| topu | |
| [cabide de madei-
ra, de parede, ou
fincado ao chão] | pág. 23 |



| | |
|---------------------------|------------------|
| tōtu | pág. 45 |
| tōka | pág. 46 |
| tōtōnu | pág. 28 |
| tōmatz | pág. 42 |
| tōmatz | págs. 40, 43 |
| tōpazu | pág. 4 |
| tōpadu | |
| [pó, rapé, fumo] | pág. 1 |
| tōsi | pág. 46 |
| trabada, do | pág. 1 |
| tray, seiru | pág. 17 |
| tray, sērus | pág. 17 |
| trōka | pág. 7 |
| trōsa | pág. 27 |
| trōzānu | |
| [transitar, pasar por] | págs. 5, 28 |
| trōi | pág. 9 |
| trōsō] | pág. 22 |
| trōmēnu | pág. 28 |
| trōna | |
| [fita métrica] | pág. 7 |
| trōmura | págs. 14, 27, 40 |
| trōbeta | |
| [flor] | pág. 6 |
| trōku | pág. 45 |
| trōku | págs. 7, 45, 48 |
| trōfa | |
| [tipo de penteado, coque] | pág. 3 |
| trōfz | pág. 58 |
| trōvada | pág. 4 |
| trōu | págs. 5, 13 |
| (jogo de cartas) | |
| trōkeza | págs. 5, 30 |
| trōfz | pág. 58 |
| tu, āla | págs. 5, 37, 39 |
| tu, ma | pág. 40 |
| tu, matz | págs. 40, 43 |
| tu, matz | pág. 7 |
| tu, ā, ā, ā | pág. 50 |

| | |
|--------------------|--------------|
| <u>ūasē, tada</u> | pág. 29 |
| <u>ū, bzyu</u> | pág. 33 |
| <u>ūmactōfazi</u> | pág. 50 |
| <u>uru, tu</u> | |
| [espécie de cobra] | |
| | pág. 5 |
| <u>uva</u> | pág. 46 |
| <u>uza</u> | pág. 46 |
| <u>uzāzus</u> | págs. 18, 50 |
| <u>uz, dēt</u> | pág. 50 |
| <u>uzer, tãu</u> | págs. 18, 19 |
| <u>uz, gōmus</u> | págs. 18, 50 |
| <u>vaga, būdu</u> | pág. 6 |
| <u>vāka</u> | pág. 46 |
| <u>va, lēti</u> | pág. 21 |
| <u>va, pō</u> | pág. 16 |
| <u>va, r, ɔla</u> | pág. 32 |
| <u>va, r, sã</u> | pág. 35 |
| <u>va, r, sola</u> | pág. 29 |
| <u>va, sora</u> | pág. 3 |

| | |
|---------------------|------------------|
| <u>ve, adu</u> | págs. 38, 39, 40 |
| <u>ve, as</u> | págs. 1, 50 |
| <u>ve, d</u> | pág. 11 |
| <u>ve, d</u> | pág. 11 |
| <u>ve, me, a</u> | págs. 8, 9, 28 |
| <u>ve, me, da</u> | pág. 23 |
| <u>vēta, r, ɔla</u> | |
| [leque] | |
| | pág. 16 |

| | |
|---|--------------|
| <u>vētuzzi, dad</u> | |
| ["dor que dá depois que se come" (ARO)] | |
| | pág. 11 |
| <u>ve, u</u> | pág. 8 |
| <u>ve, ɔ</u> | págs. 16, 47 |
| <u>ve, ɔ</u> | pág. 47 |
| <u>ve, r, ɔ</u> | pág. 22 |



| | |
|---|------------------|
| <u>v^ovi</u> | pág. 58 |
| <u>v^oadi</u> | pág. 11 |
| <u>v^oadu</u> | págs. 39, 40, 48 |
| <u>v^odi,ãu</u> | |
| [leiteiro] | pág. 16 |
| <u>v^o,magr^o</u> | pág. 14 |
| <u>v^opa</u> | pág. 49 |
| <u>v^o,lãu</u> | págs. 3, 42 |
| <u>v^o,lãu</u> | pág. 3 |
| <u>v^o,lãu</u> | págs. 3, 43 |
| <u>v^o,lãu</u> | pág. 3 |
| <u>v^o,lãu</u> | págs. 3, 6 |
| <u>v^o,dor^o...</u> | pág. 17 |
| <u>v^o,tr^o...</u> | pág. 17 |
| <u>v^oortu</u> | pág. 15 |
| <u>v^oortu</u> | pág. 26 |
| <u>v^oortu</u> | pág. 14 |
| <u>v^ova</u> | pág. 46 |
| <u>v^ovu</u> | pág. 3 |
| <u>v^osta</u> | pág. 19 |
| <u>v^o,z^opu</u> | pág. 16 |
| <u>v^ota</u> | |
| [corrente de pen-
durar no
pescoço] | págs. 16, 21, 37 |
| <u>f^oa</u> | pág. 46 |
| <u>f^o,peu</u> | pág. 8 |
| <u>f^o,utu</u> | pág. 1 |
| <u>f^o,veru</u> | pág. 51 |
| <u>f^oeru</u> | pág. 46 |
| <u>f^oa</u> | pág. 19 |
| <u>f^o,f^o</u> | págs. 3, 16, 29 |
| <u>f^o,frada</u> | pág. 1 |
| <u>f^oka</u> | pág. 29 |
| <u>f^oka</u> | pág. 29 |
| <u>f^o,rãu</u> | pág. 43 |
| <u>f^o,ka</u> | pág. 46 |
| <u>f^o,rãu</u> | págs. 4, 43 |
| <u>f^obu</u> | págs. 6, 45 |
| <u>f^o,ka, u</u> | pág. 25 |
| <u>f^ota, dera</u> | |
| [tacha] | pág. 9 |
| <u>f^omi, te</u> | pág. 7 |
| <u>f^ova</u> | pág. 5 |

ju, veru págs. 19, 51

[muita chuva;
regador]

eu pág. 8, 31, 48

¹⁵
zã, beta

[de pernas ar-
queadas (pes-
soa -)]

págs. 9, 17

zela, saũ

[estrêla ca-
dente - cf.
APFB, carta 2]

pág. 9

V. TEXTOS CANTADOS

Apresentamos os textos em transcrição ortográfica, pela razão já referida à página VII, com uma única exceção (texto II, 2). Procuramos seguir nesta representação um critério adotado antes por ROSSI, N. Quadras Populares no sertão baiano (separata da Revista Arquivos da Universidade da Bahia, Faculdade de Filosofia, Salvador, 1961), págs. 4-5: "colocamos ... entre parênteses quadrados [] o que não foi ouvido mas julgamos conveniente a uma compreensão mais imediata por parte de leitores pouco familiarizados com a pronúncia regional inculta do Brasil".

No texto V alguns trechos elocucionais ofereceram dificuldades à identificação. A música é entremeada com um recitativo, que figura diálogos.

I (ARO)

Júlia, pastôra sublime,
 Júlia, que mais em troca?
 Júlia, por fim, quem me ama?
 Sempre suspira saudosa,
 Sempre suspira saudosa.

II (ARO)

Dia sete de setembro,
 Às cinco horas da tarde,
 Embarcou voluntário
 Ó meu Deus que piedade.

Choram as mães pelos seus filhos,
 As mulher[es] aos seus maridos,
 As irmãs os seus irmãos,
 As madamas seus queridos.

Marche-marche, meu povo,
 Não esmoreça não
 Vamos a ver a humanidade
 Contra o fogo de Sensão.

III (Crianças, brincando de roda)

Meu Deus, cadê Cecila?
 Cecila foi passeá[r].
 O passeio de Cecila
 Fêz mamãe papai chorá[r].
 Bota a mão pra cima,
 Deixa na cintura,
 Roda a roda inteira,
 Cecila fêz a figura.

IV (Crianças, brincando de roda)

Olha a valsa italiana, só ieu, só ieu
 Só quem dança à americana, só ieu, só ieu
 Minha gente, eu sou de longe, só ieu, só ieu
 Amanhã, eu vou-me embora, adeus, adeus.

Se subi[r] daqui pra cima, só ieu, só ieu
 Dá um balanço no sino, só ieu, só ieu
 Dá lembrança [a] meu amo[r], só ieu, só ieu
 Nem que êle estivé[r] dormindo, adeus, adeus.

Eu entrei den[tro] dessa roda, só ieu, só ieu
 Não foi pra louvá[r] ninguém, só ieu, só ieu
 Pra louvá[r] dona da casa, só ieu, só ieu
 Que é uma senhora de bem, adeus, adeus.

Eu plantei um pé de cravo, só ieu, só ieu
 Na janela do sobrado, só ieu, só ieu
 Namorei com teu amô[r], só ieu, só ieu
 Namorei [es]tá namorado, adeus, adeus. (1)

V (Crianças, brincando de roda)

Sou mineira de Minas,
 Mineira de Minas Gerais.
 Sou carioba da gema,
 Carioba da gema do ôvo.
 Rebola é bola,
 Você diz que dá que dá,
 Você diz que dá na bola,
 Na bola você não dá.

} bis

1. Cf. pág. 52.

VI (JR)

O chapéu de pêlo.

Senhores me dá atenção
Que eu vou cantá[r] uma canção.

Com meu chapéu de pêlo
Minha bengala na mão bis
Vou chegando na casa do doutô[r]
Sem prestá[r] satisfação bis

Fui chegando na casa do doutô[r], perguntei ao doutô[r]: então, doutô[r], tem remédio para dente? Doutô[r] veio com uma cocada de lá, me deu. Então, doutô[r], cocada é remédio para dente? É, sim senhô[r]. Fiquei to mando aquela cocada, foi entrando pra meus dentes, fui me aborrecendo com aquilo, sentei a mão pela cara dêle, saí danado.

Vim danado na carreira bis
Soldado me pega atrás
Lá diante ouvi um psiu bis
Soldado solta o rapaz

Valei meu [as]soviin[ho] bis
Tornei a [as]soviá[r]

Com meu chapéu de pêlo bis
Minha bengala na mão
Fui chegando no negócio bis
Sem prestá[r] satisfação

Então, chegando no negócio, falei: então, senhô[r], tem chapéu de fumo pra vendê[r]? Tem. Que preço? 30 mil réis. Tirei uma moeda de dois mil réis, dei [a] êle: senhô[r], me volta de lá vintoito. Ó senhô[r], pois eu sei que tem de voltá[r] vintoito, que diabo de amolação é essa? Êle pegou me abusando, sentei a mão pela cara dêle, saí danado.

Vim danado na carreira bis
Soldado me pega atrás
Lá diante ouvi um psiu bis
Soldado solta o rapaz

Valei meu [as]soviin[ho] bis
Tornei a [as]soviá[r]

Com meu chapéu de pêlo bis
Minha bengala na mão

Fui chegando no negócio bis
Sem prestá[r] satisfação

Então, chegando no negócio, então, senhã[r] faz favô[r] [de] trocá[r] 500 mil réis pra mim? Pois não. Ele [ar]rancou aquêle camaço (?), pegou contando; só tinha nota de conto, duzentos, cem, cinqüenta ... ; não tem não, só [a]panhando miúdo lá dentro. Quando êle entrou pra [a]panhá[r] miúdo, passei a mão no camaço (?) [de] dinheiro, botei m [al]gibeira, saí danado.

Vim danado na carreira bis
Soldado me pega atrás

Valei meu [as]soviin[ho] bis
Tornei a [as]soviá[r]

Com meu chapéu de pêlo bis
Minha bengala na mão

Fui chegando no hotel bis
Sem prestá[r] satisfação

Então, chegando na casa do hotelista, perguntei: então, senhã[r], tem comidas boas? Tem, sim senhô[r]. Então, o senhô[r] arranja. Ele arranjou aquela mesa bem arranjada, tudo quanto era comida boa, fêz o café. [A]cabou, veio o café, eu tomei. Quanto custa a bóia? Três mil réis. Pois o senhô[r] está aqui 50 réis, me volta de lá cem réis. Oi que diabo de amolação? Pois a bóia custa 3 mil réis, você vem me dá[r] 50 réis pra voltá[r] 100 réis? Que diabo é isso? Pegou me abusando, sentei a mão pela cara dêle, saí danado.

Vim danado na carreira bis
Soldado me pega atrás

Lá diante ouvi um psiu bis
Soldado solta o rapaz

Valei meu [as]soviin[ho] bis
Tornei a [as]soviá[r]

Com meu chapéu de pêlo bis
Minha bengala na mão

Então, já [es]tava arranjadin[ho], chapéu de pêlo, bengalas boas, di-
nheiro na [al]gibeira, chapéu bons, agora vou dá[r] um passeio à ca-
sa da namorada.

Com meu chapéu de pêlo bis
Minha bengala na mão
Entrei na casa da namorada
Sem prestá[r] satisfação bis

Então, chegando na casa da namorada, ela [es]tava na janela. Ela fa-
lou: entra pra dentro. Não precisa a senhora mandá[r] entrá[r], já
estou dentro. Senta. Não precisa a senhora mandá[r] sentá[r], já es-
tou sentado. A senhora faz favô[r] de [a]panhá[r] o pinho pra mim, pra
mim cantá[r] um aqui dentro, outro arresponde, qué[r] dizê[r] que é
uma canção. Pouco, velho saiu lá de dentro. Que diabo é isso, môço?
Não tem nada com você, pois eu quero bem si[nh]a fi[lh]a mesmo; que
diabo de amolação é essa? Pouco, velho me deu três cacetadas, eu saí
danado.

Vim danado na carreira bis
Soldado me pega atrás
Lá diante ouvi um psiu bis
Soldado solta o rapaz

Com meu chapéu de pêlo bis
Minha bengala na mão

I

Jú-lia pas-tô-ra su-bli-me Jú-lia que mais em tro-
-ca Jú-lia por fim quem me a-ma sem-pre sus-pi-ta sou-
do-sa sempre sus-pi-ta sou-do-sa

II

ε, ι, σ, ρ, α: ζ, μᾶ, ρε, λῦ, σευ, ι, ρι, λυ αζ, τι
λε, αυ, σευ, μα, τι, du ε, ζε, ρ, μα, ζ, υ, σευ, ζε, ρ, μα, υς
αζ, μα, δᾶ, μα, σευ, κι, ρι, du

(cf. pag. 51)

III

Meu Deus ca-dê Ce-ci-la Ce-ci-la foi pas-se-á[ra] o pas-
 sei-o de Ce-ci-la fêz ma-mãe papai cho-rá[ra] bo-ta
 mão pra ci-ma dei-xa na cin-tu-ra ro-da-a-no-da in-tei-ra
 Ce-ci-la fêz a fi-qu-ra

IV

O-lha val-sa itali-a-na só ieu só ieu só quem dança
 à ameri-ca-na só ieu só ieu minha gente ieu sou de longe só
 ieu só ieu a-ma-nhá ieu vou-me em bora a-deus a-deus



v

Sou mi-rei-ra de Mi nas mi-reira de Minas gera-is
sou cari-oba da ge-ma cari-oba da ge-mado o-vo re-
bola é bola você diz que dá que dá você diz que dá na bola na bo-
la você não dá



2/4
 Com meu cha-péu de pê-lo mi-nha ben-ga-la na mão com

meu cha-péu de pê-lo minha ben-ga-la na mão fui che-gando

na casa do doutô[r] sem pres-tá[r] tis-fa-gão vou che-gando

na ca-sa do doutô[r] sem prestô[r] sa-tis-fa-ção vim da-

nado na carreira... solda-do me pega atrás fui da-

nado na carreira... solda-do me pega atrás lá adiante ouvi um [psiu]

3
 sol-da-do sol-ta o ra-paz lá adiante ouvi vi um [psiu]

3
 sol-da-do sol-ta o ra-paz va-lei meu sovi-in[ho] (assovio)

(assovio)... tor-nei a [as] sovi[as] (assovio).....

Empty musical staves for accompaniment.

VI. OBRAS UTILIZADAS

É fácil compreender que as obras aqui mencionadas contribuíram muito desigualmente para a elaboração deste trabalho. Notadamente as monografias dialetais, de que podemos dizer, sumariamente: teriam sido outras se outras fôsem as circunstâncias de local, época e prazo que nos cercaram. Cogitamos de distribuir os títulos segundo seu maior, mais direto ou menos direto aproveitamento. Recuamos ante a dificuldade que a separação oferecia, principalmente se tentada com objetividade. A natureza e destinação da obra pareceu-nos justificar a comodidade da decisão final.

- ALONSO, Dámaso. En la Andalucía de la E, Madrid, 1956.
- ALONSO, Santiago Garrote. El dialecto vulgar leonés hablado en Maragatería y tierra de Astorga, 2ª ed. Madrid, 1947.
- ALVAR, Manuel. El español hablado en Tenerife, Madrid, 1959.
- ALVAREZ, Guzmán. El habla de Babia y Laciana, Madrid, 1949.
- AMARAL, Amadeu. O dialeto caipira, São Paulo, 1920; 2ª ed., 1955.
- BOLÊO, Manuel de Paiva. O estudo dos Dialectos e Falares português - ses (um inquérito lingüístico), Coimbra, 1942.
- IDEM. Brasileirismos. Separata da revista Brasília, Coimbra, 1943.
- CALDAS, José Antônio. Notícia geral desta capitania da Bahia desde o seu descobrimento até o presente ano de 1759, edição fac-similar, Tip. Ben. Ltda, 1951.
- CÂMARA Jr, J. Mattoso. Para o estudo da fonêmica portuguêsã, Rio , 1953.
- CARVALHO, José G.C. Herculano. Fonologia mirandesa I, Coimbra, 1958.
- CASADO LOBATO, Maria Concepción. El habla de la Cabrera Alta, Madrid, 1948.
- CINTRA, Geraldo. Ensaio sôbre a estrutura do português do Brasil. Estudos, ano I, 1962; 1, págs. 17-31; 2, págs. 19-31; 3, págs. 15-25.
- COSERIU, Eugenio. La geografía lingüística, Montevideo, 1956.
- COUTINHO, Ismael de Lima. Pontos de Gramática Histórica, 4ª ed., Rio, 1958.
- CUESTA, Pilar Vazquez y LUZ, Maria Albertina da. Gramática portuguêsã, 2ª ed., Madrid, Ed. Gredos, 1961.
- CUNHA, Celso Ferreira da. Ni "em" = "emcasa de". Ibérica, ano II, n° 4, Rio de Janeiro, 1960.
- DALGADO, Sebastião Rodolpho. Dialecto indo-português de Damão, Rio, 1922.
- DIAS, A. Epiphanio de. Syntaxe Histórica Portuguêsã, 4ª ed., Lisboa, 1959.
- ELIA, Sílvio. Ensaio de Filologia, Livr. Acad., Rio, 1963.
- FLOREZ, Luís. Habla y cultura popular en Antioquia, Bogotá, 1957.
- GONÇALVES VIANA, A. R. Essai de Phonétique et de Phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne, Lisboa, 1941. Separata do Boletim de Filologia, t. VII, 1941.
- IDEM. Portugais. Leipzig, 1903.
- GRAMMONT, Maurice. Traité de Phonétique, 3ª ed., Paris, 1956.
- HALL, Robert A. The unit phonemes of Brazilian Portuguese (Studies in Linguistics, I: 15, 1942).
- HAMMARSTRÖM, Göran. Étude de Phonétique auditive sur les parlers de l'Algarve, Uppsala, 1953.
- IDEM, Inquéritos lingüísticos, separata da Revista de Portugal,

- série A, Língua portuguesa, vol. XXVI, Lisboa, 1961.
- HARRIS, Marvin. Town and country in Brazil. Columbia Un. Press, New York.
- HOUAISS, Antônio. Tentativa de descrição do sistema vocálico do português culto na área dita carioca. Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro, Rio, 1958.
- LACERDA, Armando de e HAMMARSTRÖM, Göran. Transcrição fonética do português normal, Coimbra, 1953, separata da Revista do Laboratório de Fonética experimental da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, vol. I, 1952.
- LACERDA, Armando de e ROSSI, Nelson. Particularidades fonéticas do Comportamento Elocucional do Falar do Rio de Janeiro (em confronto com o português normal de Portugal). Separata da Revista do Lab. Exp. Fac. Letras Un. Coimbra, vol. IV, 1958.
- LEITE, Yolanda e REED, David W. The segmental phonemes of Brazilian Portuguese: standard paulista dialect. (in PIKE, Kenneth. Phonemics, Un. Michigan Press, 1959; págs. 194-202).
- LÜDTKE, Helmut. Fonemática portuguesa. I - Consonantismo; II - Vocalismo. Boletim de Filologia, tomo XIII, fasc. 3 e 4, Lisboa, 1952; págs. 273-288 e tomo XIV, fasc. 3 e 4, Lisboa 1953; págs. 197-27.
- IDEM, Recensão a Mattoso Câmara. Os fonemas em português. Boletim de Filologia, XII, 1951; págs. 353-355.
- IDEM. Beiträge zur Lautlehre Portugiesischer Mundarten. Miscelânea Homenaje a André Martinet "Estructuralismo e Historia" I, Un. de la Laguna, Canarias, 1957; págs. 95-112.
- MACHADO FILHO, Aires da Mata. O negro e o garimpo em Minas Gerais, Livr. José Olímpio Ed., Rio de Janeiro [s.d.]; 2ª ed. Rio, 1964.
- MALMBERG, Bertil. Levels of Abstraction in Phonetic and Phonemic Analysis. Phonetica, 1962, vol. 8, n° 4; págs. 220-243.
- MARROQUIM, Mario. A língua do Nordeste, 2ª ed., Comp. Ed. Nac., São Paulo, 1945.
- MONTEIRO, Maria de Lourdes Oliveira. Porto Santo. Monografia linguística, etnográfica e folclórica. Revista Portuguesa de Filologia, Coimbra, 1947: vol. I, tomo II; págs. 340-390; vol. II, tomos I e II; págs. 28-91; vol. III, tomos I e II, 1949-1950; págs. 90-151.
- NASCENTES, Antenor. O linguajar carioca, 2ª ed, Rio, 1953.
- NUNES, José Joaquim. Compêndio de Gramática Histórica, Imp. Port., 6ª ed., Porto, 1960.
- PEREIRA, Maria Palmira da Silva. Fafe. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho. Revista Portuguesa de Filologia, Coimbra, 1951, vol. IV, tomo II; págs. 374-416 e vol. V, tomos I e II, 1952; págs. 89-187; vol. III, tomos I e II; págs. 196-219; vol. IV, tomo I; págs. 20-185.

- PIEL, Joseph M. Sôbre alguns aspectos da renovação e inovação lexicais no português do Brasil. Separata da Revista Portuguesa de Filologia, Coimbra, vol. XIII, 1964, tomos I e II.
- POP, Sever. La dialectologie I e II, Louvains, 1950.
- IDEM. L'Atlas linguistique du Brésil et l'onomastique, Salamanca, 1958.
- RÉVAR, I. S. L'évolution de la prononciation au Portugal et au Brésil du XVI^e siècle à nos jours. Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro, Rio, Mec, 1958; págs. 387-399.
- ROSETTI, A. Sur la classification des phonèmes semi-voyelles (ou semi-consonnes). *Phonetica*, 1960, vol. 5, n^o 2; págs. 123-125.
- ROSSI, Nelson. Quadras Populares no Sertão Baiano. Separata da Revista Arquivos da Universidade da Bahia, Faculdade de Filosofia, Salvador, 1961.
- IDEM. Laboratório de Fonética na Bahia, Casa de Rui Barbosa, Rio, 1961.
- IDEM. A iotização do -lh em algumas localidades baianas. Comunicação apresentada ao I Simpósio de Filologia Românica, Rio, 1958; cópia mimeografada em nosso poder.
- SAMPAIO, Vera Lúcia R. M. "Dever como auxiliar modal num texto do s^{éc.} XIV". Arquivos da Universidade da Bahia, Faculdade de Filosofia, Salvador, 1963, vol. VII; págs. 157-164.
- SANTOS FILHO, Lycurgo. Uma comunidade rural do Brasil antigo (Aspecto da vida patriarcal no Sertão da Bahia nos séc. XVIII e XIX). *Brasiliana*, série 5, vol. 9., ed. Nac. São Paulo, 1956.
- SILVA NETO, Serafim da. A língua portuguesa no Brasil. Problemas, Rio. Livr. Acad., Lisboa, 1960.
- IDEM. Guia para estudos Dialectológicos, 2^a ed., Belém, 1957.
- IDEM. Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil, 2^a ed. INL, Rio, 1963.
- IDEM. Manual de Filologia Portuguesa, 2^a ed., Rio, 1957.
- IDEM. Um traço da pronúncia carioca. Actas do III Colóquio de Estudos luso-brasileiros, vol. I, Lisboa, 1959.
- STEN, Holger. Les particularités de la langue portugaise, Copenhague, 1944.
- TEIXEIRA, José A. Folclore goiano, 2^a ed., Comp. Ed. Nac. São Paulo, 1959.
- IDEM. O falar mineiro. *Revista do Arquivo Municipal*, XLV, São Paulo, 1938.
- IDEM. Estudos de Dialectologia portuguesa. Linguagem de Goiás, São Paulo, 1944.
- VASCONCELLOS, Leite de. Esquisse d'une Dialectologie Portugaise, Paris-Lisboa, 1901.

- VASCONCELLOS, Leite de. Sur le dialecte portugais de Maceo, Lisboa, 1892.
- IDEM. Mappa dialectológico do Continente português, Lisboa, 1897.
- ZAMORA VICENTE, Alonso. Léxico rural asturiano. Palavras y cosas de Libardón (Colunga), Universidad de Granada, 1953.
- AULETE, Caldas. Dicionário Contemporâneo da língua portuguesa, 4^a ed., Rio, 1958.
- BLUTEAU, Raphael. Vocabulario portuguez e latino, Coimbra, 1712-1721.
- CÂMARA Jr, Joaquim Mattoso. Dicionário de fatos gramaticais, Mec, Casa de Rui Barbosa, Rio, 1956.
- CARRETER, Fernando Lázaro. Diccionario de términos filológicos, Madrid, 1953.
- FARIA, Eduardo de. Novo Dicionário da Língua portuguesa, 2^a ed., Lisboa, 1856.
- MACHADO, José Pedro. Dicionário Etimológico da língua portuguesa, 1^a ed., 1952.
- MORAES e SILVA, Antônio. Dicionário de Língua portuguesa, Lisboa, 1813; e 10^a ed., 1949-1959.
- NASCENTES, Antenor. Dicionário Etimológico da Língua portuguesa, tomo I, 1^a ed., Rio, 1955.
- PINTO, Alfredo Moreira. Apontamentos para o Diccionario Geographico do Brasil, Imp. Nac., 1896.
- SOUSA, Bernardino José de. Dicionário da Terra e da Gente do Brasil, 5^a ed, São Paulo, 1961.
- VIOTTI, Manuel. Novo Dicionário da Gíria Brasileira, São Paulo, 1956.
- VITERBO, Joaquim de Santa Rosa. Elucidário de palavras, termos e frases, 2^a ed., 1865.
- E Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua portuguesa (PDBLP), superv. por Aurélio Buarque de Holanda, 10^a ed., Rio de Janeiro, 1963.
- ROSSI, N. Atlas Prévio dos Falares Baianos, INL, Rio de Janeiro, 1963.

Curriculum vitae

Nome completo: DINAH MARIA MONTENEGRO ISENSEE

Nome do pai: Edwin Theodoro da Rocha Isensee

Nome da mãe: Dinah Montenegro Isensee

Data do nascimento: 21 de junho de 1938

Lugar do nascimento: Salvador, Bahia

Cursos regulares:

Elementar: Escola Modêlo, Salvador-Bahia (1944-1948)

Secundário: Ginásio Feminino, Salvador-Bahia (1949-1952)

Colégio Sofia Costa Pinto, Salvador-Bahia (1953-1955)

Superior: Letras Anglo-germânicas, Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia (1956-1959).

Cursos de aperfeiçoamento ou especialização: Associação Cultural Brasil-Estados Unidos, Salvador-Bahia; "Certificate of Proficiency in English" da Universidade de Michigan, USA, através da Associação Cultural Brasil-Estados Unidos.

Atividades técnicas, profissionais ou culturais:

- Admitida como instrutora de Ensino-Médio da Cadeira de Inglês do Instituto Normal da Bahia (1957-1959)
- Colaboradora do IV Colóquio Internacional de Estudos Luso - Brasileiros, Salvador-Bahia (10 a 21 de agosto de 1959), participando nos trabalhos preparatórios de instalação e figurando como co-autora de Aspectos do Léxico regional da Bahia (aprovado para inclusão nos Anais)
- Membro do grupo de trabalho que realizou o inquérito lingüístico em São José das Itaporocas (Salvador, 1959)
- Colaboradora de tempo integral -- e não remunerada -- do Laboratório de Fonética da Universidade da Bahia (1960), notadamente do Atlas Prévio dos Falares Baianos, com responsabilidade -
 - a. na preparação do questionário a aplicar
 - b. no treinamento final para transcrição fonética
 - c. na seleção das localidades a inquirir.
- Colaboradora nos trabalhos técnicos de laboratório (cromografia e tonometria) e no planejamento de um estudo do vocalismo baiano em bases experimentais (1960).
- Inquiridora - em 18 dos 50 pontos do APFB.
- Colaboradora dos trabalhos de catalogação, seleção e apresentação dos materiais para o APFB (1960-1962).
- Membro do grupo que, sob a direção de N. Rossi, ministrou o

curso intensivo de português a estudantes africanos bolsistas do Itamarati (dezembro 61 / janeiro 62)

- Responsável imediata pela 2ª série de Letras, na cadeira de Língua e Filologia portuguesa da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia, com um programa de Introdução à Lingüística Indo-européia (primeiro semestre) e outro de Iniciação à Lingüística Românica (segundo semestre de 1962).
- Contratada como Técnica especializada, para exercício no Laboratório de Fonética (1962).
- A convite do Curso-Tronco de Letras Brasileiras da Universidade de Brasília e dentro do programa de intercâmbio para "jovens investigadores em formação" estagiou nesta Universidade de 15 a 31 de julho de 1962, participando de aulas e seminários.
- Colaborou com a Seção de Enciclopédia e Dicionário do Instituto Nacional do Livro, ultimando os originais do APFB, de 20 de outubro a 20 de novembro de 1962.

Trabalhos publicados:

- 1963. Três inquéritos para o APFB. Arquivos da Universidade da Bahia, Faculdade de Filosofia, vol. VII; págs. 149-155 (em colaboração com Carlota Ferreira).
- 1963. Atlas Prévio dos Falares Baianos, INL, Rio (em colaboração com N. ROSSI e outros).

Conhecimento de línguas estrangeiras:

Inglês: lê, escreve, entende, fala.

Francês: lê, entende.

Espanhol: lê, entende.

Alemão: lê, entende.

Italiano: lê, entende.

Dinah Marie Jensen